

AS COMEMORAÇÕES DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL

O “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924 - 1949



AS COMEMORAÇÕES DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL

O “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924-1949

Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - Aspeur
Universidade Feevale

AS COMEMORAÇÕES DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL

O “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924-1949

Roswithia Weber



Novo Hamburgo
2024

EXPEDIENTE

PRESIDENTE DA ASPEUR

- Marcelo Clark Alves

REITOR DA UNIVERSIDADE FEEVALE

- Cleber C. Prodanov

PRÓ-REITORA DE ENSINO

- Angelita Renck Gerhardt

PRÓ-REITOR DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO

- Fernando Rosado Spilki

DIRETOR DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

- Luis Henrique Rauber

DIRETOR DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS CRIATIVAS E TECNOLÓGICAS

- João Batista Mossmann

DIRETORA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

- Caren Mello Guimaraes

DIRETORA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS E INSTITUCIONAIS

- Paula Casari Cundari

DIRETORA DE INOVAÇÃO

- Daiana de Leonço Monzon

DIRETORA DE CAPTAÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS

- Tamires Becker

EDITORA FEEVALE

- Mauricio Barth (Coordenação)
- Eduarda Camilly Candido (Revisão textual)
- Tífani Müller Schons (Design editorial)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Weber, Roswithia

As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: o “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924-1949/ Roswithia Weber. – Porto Alegre: Ed. da Feevale, 2024.

189 p.; il.

Contém fotografias e documentos em anexo.

ISBN: 978-65-86341-29-4.

1. Imigração alemã - comemorações. 2. Imigração alemã – Rio Grande do Sul – São Leopoldo. 3. 25 de julho – comemoração da imigração alemã. 4. Bicentário da Imigração alemã. I. Título.

CDU 314.151-054.72(816.5)

CDD 325.2430981

Bibliotecária responsável
Fernanda Motta Ferreira CRB10/2058

© Editora Feevale – TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Universidade Feevale

Câmpus I: Av. Dr. Maurício Cardoso, 510 - CEP 93510-235 - B. Hamburgo Velho - Novo Hamburgo/RS

Câmpus II: ERS 239, 2755 - CEP 93525-075 - B. Vila Nova - Novo Hamburgo/RS

Câmpus III: Av. Edgar Hoffmeister, 500 - CEP 93700-000 - Zona Industrial Norte - Campo Bom/RS Home-

page: www.feevale.br

Agradecimentos

No transcurso deste trabalho, contei com a colaboração de várias pessoas e instituições, dentre as quais destaco:

o professor René E. Gertz, que orientou a então dissertação, junto ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
o apoio financeiro da CAPES durante um ano, através da concessão de uma bolsa;
o Centro Universitário Feevale, que, através do Instituto de Ciências, Letras e Artes, possibilitou a publicação deste estudo.

Minha gratidão se estende também às pessoas que contribuíram para a formação e conservação do acervo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, que foi fundamental para a pesquisa desenvolvida e a todos que não citei e que sabem, tanto quanto eu, o apoio que a mim prestaram.

Sumário

<i>Nota da autora</i>	09
<i>Prefácios</i>	10
<i>Introdução</i>	15
<i>1924: Um Ano Jubilar</i>	19
1. Como pensar sobre a festa	19
2. Decidir a comemoração	20
3. Os protagonistas da festa de setembro	22
4. São Leopoldo atraindo olhares	25
<i>A Construção da Festa</i>	33
1. A memória em bronze, mármore e concreto	33
2. A organização da memória para fazer a história e ou vice-versa ..	42
3. A identidade étnica e as comemorações	47
<i>O Centenário em Ruídos</i>	51
1. As comemorações em 25 de Julho	52
2. As comemorações de setembro	55
3. O léxico das festas de julho e setembro	64

<i>De Feriado Local a Estadual</i>	73
1. A consolidação do “25” como data a ser comemorada.....	73
2. Nas linhas e entrelinhas do decreto: De quem era o feriado?.....	81
3. “25” e o clima de simpatia entre governo do estado e colônias alemãs.....	90
<i>25 de Julho, uma Data Incômoda - 1934 a 1946</i>	95
1. A comemoração do 110º aniversário da imigração alemã	95
2. O Dia do Colono em 1935 e 1936	99
3. Os ventos começam a mudar e as comemorações do 25 também....	104
<i>O “25 de Julho” Volta a ser Festejado - 1947 a 1950</i>	125
1. Dia do Colono na Assembléia Legislativa do Estado	125
2. O “clima” para as comemorações em São Leopoldo no ano de 1947 e 1948	128
3. 1949, os sinos voltam a repicar	133
4. Colono, imigrante, agricultor, São Cristóvão e motorista – uma data e muitas histórias	140
<i>Considerações Finais</i>	147
<i>Referências Bibliográficas</i>	151
<i>Acervo Documental</i>	161
<i>Anexos</i>	
Anexo A - Comemorações de 1924	167
Programa das festas em São Leopoldo	167
Programa das festas em Novo Hamburgo	172
Exposição de Novo Hamburgo	173

Anexo B

Praça Centenário	174
Comemoração do Centenário	174

Anexo C

Pavilhões da exposição	176
Exposição de São Leopoldo	176
Cartão Postal de São Leopoldo em 1934	176

Anexo D - 25 de Julho no <i>Turnerbund</i> em 1934	178
---	-----

Anexo E - Projeto de lei	179
---------------------------------------	-----

Anexos F - Casa da Feitoria	180
--	-----

Antes da reforma da década de 1940	180
--	-----

Depois da reforma	180
-------------------------	-----

Anexo G - Alegoria	181
---------------------------------	-----

Anexo H - São Leopoldo turístico	182
---	-----

Anexo I - Projeto Lei - Feriado Nacional	183
---	-----

Nota da autora

O presente livro, que agora é publicado em versão digital, é fruto de uma dissertação defendida junto ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 2000. A orientação do estudo teve o professor Dr. René Ernaini Gertz e a composição da banca contou com as professoras Dra. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, Dra. Helga Iracema Langraf Piccolo e Dra. Sandra Jatahy Pesavento.

Em 2004, no contexto das comemorações dos 180 anos de imigração alemã no estado, esse estudo foi publicado em versão física. E, vinte anos após, marcando a passagem dos 200 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul, a Universidade Feevale possibilita a publicação da versão digital tal qual foi sua edição impressa.

Julho/2024

Prefácio

No estado de Santa Catarina, os estudos sobre festas étnicas começaram mais cedo que no Rio Grande do Sul. Lá, há mais tempo publicam-se trabalhos sobre o *Oktoberfest*, em Blumenau, por exemplo. No que tange ao nosso estado, tivemos, em 2002, a publicação, pela Universidade de Caxias do Sul, do belo livro de Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro sobre *Festa e identidade: como se faz a festa da uva*, que, apesar do título, não deixa de ser uma festa da etnia italiana.

Agora, Roswithia Weber apresenta-nos um importante estudo sobre festas da etnia alemã – concretamente, festas jubilares do início da imigração em 1824. Na verdade, em 1849 poderia ter sido festejado o primeiro quarto de século da chegada dos primeiros colonizadores alemães. São Leopoldo, o “berço da imigração alemã”, tinha sido promovido a município em 1846, o que sugere que a vida local já estava relativamente organizada. Mas não sabemos se a data foi lembrada ou não. Da mesma forma, falta estudar como transcorreram os dois jubileus seguintes: 1874 (50 anos) e 1899 (75 anos). Sabemos que em 1874 a colônia alemã estava sob forte pressão e até suspeita, em decorrência do episódio *Mucker*. Possivelmente, nem se chegou a pensar na data. Em 1899, em tese, o clima estava mais distendido, mas ainda falta percorrer as fontes para verificar se e, em que medida, os 75 anos de presença teuta no Rio Grande do Sul foram lembrados.

O jubileu sobre o qual Roswithia encontrou muito material foi o de 1924. Um centenário tem, por si só, um grande significado para qualquer grupo humano. Este, porém, se revestiu de algumas peculiaridades especiais. Estávamos a seis anos do término da Primeira Guerra Mundial, que – como o incidente com os *Mucker* – havia marcado de forma muito negativa os teuto-gaúchos. Cumpria colocar um ponto final naquele episódio. Estávamos, também, no ano posterior à revolução de 1923, de maneira que uma festa certamente fazia bem para retornar à rotina da paz. Ainda havia sido dado um golpe fatal na perenidade de Borges de Medeiros no governo do estado, cuja política sempre representara um certo empecilho à plena integração cidadã das populações coloniais. Nos anos posteriores aos festejos do centenário, notou-se um claro incremento da participação dessas populações na governação de suas comunas – talvez a festa tenha contribuído para isso.

Os festejos de 1924, no entanto, também trouxeram à tona alguns problemas. Mostraram as divergências dentro do grupo. Basta citar, nesse sentido, as brigas entre São Leopoldo e Novo Hamburgo – cada qual queria ser sede dos festejos. Só a intervenção de lideranças externas conseguiu contornar a situação, com a promessa de que cada uma das duas localidades sediaria parte das atividades festivas e em cada uma seria edificado um monumento alusivo. Também houve profundas divergências quanto à forma como a “pátria-mãe” deveria estar presente. Uns defendiam que a Alemanha deveria estar representada pelas cores *preto-ouro-vermelho*, as cores da República de Weimar, outros defendiam a utilização do *preto-branco-vermelho*, as cores do antigo império alemão.

O jubileu seguinte estudado por Roswithia é um pouco exótico. Não é usual que se festeje a passagem de 110 anos de algum acontecimento. Isso, porém, aconteceu com a imigração alemã em 1934. Estávamos numa situação peculiar. O resultado da Primeira Guerra e suas conseqüências tinham representado um cer-

to desprestígio para a Alemanha e, conseqüentemente, para aqueles que estavam, de alguma forma, ligados à germanidade. Com a tomada do poder pelos nazistas, no início de 1933, essa situação, supostamente, mudara de forma radical – poderia sentir-se novamente orgulho da “velha pátria”. Essa é, certamente, uma das razões dos festejos aparentemente extemporâneos daquele ano. Mas também se pode procurar razões na própria política gaúcha. O governador Flores da Cunha tinha interesse em granjear a simpatia e o apoio das populações coloniais e, por isso, decretou o 25 de julho, chegada dos primeiros alemães a São Leopoldo, como feriado estadual, como “Dia do Colono”.

Finalmente, temos os festejos dos 125 anos. Esses não tiveram nada do brilho dos de 1924 nem dos de 1934. Estávamos ainda nos tempos sombrios que marcaram a Segunda Guerra Mundial e os anos posteriores. A referência a um único episódio pode ilustrar o pano de fundo diante do qual se realizaram esses festejos de 1949. Em 29 de maio de 1948, o *Correio de São Leopoldo* publicou, em sua primeira página, uma “Carta aos brasileiros”, assinada pelo médico Antônio Garcia, na qual se podia ler as seguintes frases: “Tenho sofrido preterições por ser brasileiro, a começar pelas que decorrem, naturalmente, da impossibilidade de me fazer entender ou de atender os meus patrícios que só falam alemão”. Ironicamente, afirmava, mais adiante: “Quando, em 2024, São Leopoldo comemorar o 2º centenário da imigração germânica, neste estado, ter-se-á formado, já, um povo novo, forte e culto”.

Essas poucas referências aos festejos jubilares da imigração alemã mostram como cada uma das citadas festas apresentou peculiaridades, pois todas se realizaram dentro de um contexto histórico diferente. Leia-se o sólido texto de Roswithia Weber para aprender interessantes detalhes.

Por um lado, o livro não esgota de todo o assunto referente às três festas citadas – e, por isso, fica o convite aos nossos novos historiadores para que continuem a pesquisar sobre o tema para o qual Roswithia lançou sólidas bases. Penso, sobretudo, em estudos locais, pelo interior do estado. Mas, por outro lado, fica, sobretudo, a curiosidade sobre o tempo que decorreu entre os problemáticos festejos de 1949 e as radiantes comemorações dos 150 anos, com incentivo e apoio oficiais. Não tenho dúvida nenhuma de que os festejos de 1974 representaram um ponto de inflexão na auto-avaliação dos teuto-gaúchos sobre sua inserção na realidade brasileira. Se a Alemanha não tinha mais a importância que tivera em 1924 e em 1934, a força própria, interna, tinha mudado em muito. No contexto de 1924, fora encaminhado um pedido a Borges de Medeiros para que incluísse um nome indicado pela “colônia alemã” na lista de candidatos gaúchos a deputado federal nas eleições previstas para maio daquele ano. Borges nem se dignou a responder, oficialmente, ao ofício. Em 1974, tinha-se não só deputados teuto-gaúchos, mas o próprio presidente da República era um teuto-gaúcho. Certamente, daria um belo livro acompanhar a trajetória do tempo decorrido entre os sombrios festejos de 1949 e o brilho de 1974. Alguém se candidata a escrevê-lo?

Por tudo isso, o livro de Roswithia Weber marca de forma muito apropriada e com categoria os festejos dos 180 anos da imigração alemã no Rio Grande do Sul, neste ano de 2004. Não é possível imaginar data mais apropriada para sua publicação.

René E. Gertz

Prefácio 2

O ano de 2024 marca os 200 anos da chegada dos imigrantes alemães no Estado do Rio Grande do Sul. Esse marco na ocupação e no desenvolvimento do extremo sul do Brasil, em seu bicentenário, é um momento muito importante para várias reflexões. Ao longo desse período de dois séculos, a chegada dos imigrantes foi vista e saudada de várias formas, mas, notadamente, todas essas formas foram momentos festivos que marcaram o 25 de julho na nossa história.

Os sinos batem, as ruas se enfeitam e a festa toma o cotidiano de muitas comunidades. É nesse espírito que o trabalho da professora e pesquisadora Roswithia Weber se inscreve, descrevendo, analisando e buscando compreender esse movimento histórico das comemorações do 25 de julho, o dia do Colono. Esse trabalho se insere nas importantes contribuições do trabalho dos historiadores para a preservação de nossa memória.

Nesse sentido, é muito importante reapresentar esse texto em uma plataforma digital que possibilite a difusão do livro *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. Assim, é permitido democratizar e popularizar a pesquisa e o importante tema da história gaúcha e brasileira.

Dr. Cleber Cristiano Prodanov

Introdução

Alvoradas festivas, soar de sinos, romarias, inaugurações, cidade embandeirada e iluminada, feriados decretados, comemorações ora exaltadas ora comedidas, tochas a percorrer a cidade, desfiles, discursos... acabam por chamar a atenção. Nos 25 de julho, todos os anos, a cidade ganha uma coloração especial.

Tomamos como objeto de estudo as comemorações da imigração alemã no período que se estende de 1924, ano em que se assinalou cem anos de imigração alemã, até o final dos anos quarenta.

A partir de 1924, a passagem do dia “25 de Julho”, ou seja, a data que marca a chegada da primeira leva de imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul (Província de São Pedro do Rio Grande), na então fundada Colônia de São Leopoldo, hoje município de São Leopoldo, que ocorreu em 1824, passou a ser motivo de comemorações. Por isso, centramos nosso estudo sobretudo nesse município, analisando especialmente as comemorações de caráter público que o marco histórico ensejou.

O presente livro é composto por seis capítulos. Os três primeiros tem como recorte temporal os anos vinte. “1924, um ano jubilar”, aborda alguns aspectos teórico-metodológicos pertinentes ao objeto de estudo “festa”. Após tratamos dos preparativos

dos festejos do Centenário da Imigração Alemã em São Leopoldo. Buscamos situar este município no contexto regional de modo que as comemorações possam ser compreendidas em sua amplitude.

No segundo capítulo, observamos o processo de construção dos festejos de 1924, sua relação com problemáticas locais e com questões de identidade étnica. Também enfocamos o vínculo entre comemoração, memória e identidade.

O terceiro capítulo, “O Centenário em ruídos”, focaliza as comemorações propriamente ditas, ocorridas em 1924. Descrevemos e analisamos os rituais públicos festivos, os discursos proferidos, buscando, tal como nos capítulos anteriores, verificar o caráter e as multifuncionalidades dos festejos.

No quarto capítulo, destacamos os eventos ocorridos nos anos posteriores a 1924 e à década de 30, momento em que as comemorações do “25 de julho” se consolidaram, chegando ao ponto de tornar-se feriado estadual, denominado de “Dia do Colono”. Pretendemos demonstrar as implicações em torno desse fato, tanto em relação ao contexto local quanto em relação ao regional, analisando o que as comemorações revelam quanto às relações entre descendentes de alemães e diferentes esferas do poder e quanto às formas de se auto-representar e ser representado.

No quinto capítulo, desenvolvemos a passagem do “25 de Julho”, entre o período de 1934 a 1946. Uma parte desse período é atravessada por situações históricas particulares: a ação da “campanha de nacionalização” e o acontecimento da Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, buscamos perceber as influências desses aspectos nas comemorações do “25 de Julho”.

O último capítulo avalia o reinício das comemorações públicas do Dia do Colono em São Leopoldo no final dos anos quarenta.

Buscamos dar unidade aos capítulos desenvolvidos através de questionamentos que se repetem, dentre os quais, os mais recorrentes são: Qual o significado dessas manifestações festivas? Como elas se relacionam com a identidade étnica? No conjunto das multifuncionalidades das comemorações, o que é mais relevante? Qual a relação da data “25 de Julho” com os contextos históricos?

Essas questões exigem perspectivar nosso estudo no sentido de dar conta das exigências do objeto em questão. Mona Ozouf (1978) analisa questões derivadas da relação entre festa enquanto objeto da História e festa enquanto objeto da Antropologia. Mona, no entanto, não opõe essas áreas e não considera excludentes suas possibilidades analíticas:

[...] não é absolutamente contraditório reconhecer na festa, ao mesmo tempo, a inserção temporal e a fuga para o extra-temporal. Mas não é possível hoje se ater ao primeiro desses aspectos, como fizeram tantos historiadores impacientes em ajustar a enigmática diversidade das festas à simplicidade de um projeto político. [...] É pois um clima coletivo de inquietação curiosa e perscrutadora o que a festa reclama; no qual a disciplina histórica viria firmar e equilibrar a ambição antropológica (Ozouf, 1978, p.230).

Pelas próprias características que despontam dessas comemorações, ou melhor, das fontes que permitem reconstruí-las, aliadas aos nossos objetivos, operamos com o conceito de identidade étnica (etnicidade), buscando reconhecer e avaliar as diversas funções das expressões étnicas ligadas a imigrantes e descendentes de alemães. Esse enfoque nos permite compreender a festa e também o modo como um grupo se organiza, mantém suas relações e se representa.

Outra temática desenvolvida diz respeito à relação das comemorações com a construção de uma memória específica, vincu-

lando-a com a identidade. Cabe antecipar que, na passagem das comemorações em foco, não só o “25 de Julho” de 1824 é lembrado, mas especialmente os desdobramentos da imigração alemã, de modo que são feitas escolhas acerca do passado a ser comemorado. Assim, a festa apresenta-se como “[...] uma fala, uma memória e uma mensagem.” (Brandão, 1989, p.8). Essa “memória” deve ser perspectivada em sua relação com o tempo que comporta um passado, um presente e um futuro, ou seja, é preciso situarmos a relação memória-história-comemoração.

Trabalhamos especialmente sobre três conjuntos de fontes: o primeiro consiste no material que fornece informações sobre o cerimonial propriamente dito, ou seja, a festa pública¹; o segundo, em publicações comemorativas à imigração alemã, que incluem os mais variados assuntos, e o terceiro conjunto é composto por materiais que fornecem informações sobre o entorno dos festejos (sua repercussão em diferentes esferas).²

Os jornais são fonte primordial. Privilegiamos jornais locais em português, dos quais destacamos o *Correio de São Leopoldo*.

A imprensa da capital é também utilizada³, especialmente o *Jornal Correio do Povo* e o *A Federação*.

Contemplamos, é claro, alguns dos estudos sobre a história da imigração alemã, pois contribuem para dar consistência analítica ao nosso objeto.

A partir da reunião das fontes com as análises propostas, buscamos compreender as comemorações do “25 de Julho”.

¹ Relatório de Comissão organizadora, Programas dos festejos, imprensa, material iconográfico, decretos etc.

² Anais da Assembléia Legislativa, imprensa.

³ A Federação, Diário de Notícias, Correio do Povo e Jornal do Comércio. Um importante material utilizado consiste numa brochura organizada por Fritz Rotermond, que se encontra no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. A maior parte dos recortes de notícias de jornais não possuem identificação do órgão em que foram veiculadas.

1924: Um Ano Jubilar

1. Como pensar sobre a festa

O contato com as fontes e as leituras paralelas sobre abordagens teóricas da festa nem sempre oportunizaram momentos de esclarecimento. A festa em questão, entendida como uma atividade social, de ação coletiva, simbólica e ritual que envolve uma organização social do tempo (Villarroya, 1992), nem sempre era aquela definida, caracterizada pelas teorias. Sobretudo as teorias que partem de caracterizações que restringem a festa a uma visão polarizada: transgressão/conformação, simbólico/real, inserção temporal/fuga, racional/irracional.

Mais que contar a “festa” buscamos explicá-la. É assim que, aos poucos, delineamos a que festa estamos nos referindo.

Conforme Harvey Cox (1974), “a festividade é uma realidade mais complexa do que geralmente imaginamos”. Por isso torna-se necessário analisar os diferentes elementos, os aspectos e as distintas funções, que compõem as comemorações.

2. Decidir a comemoração

A jubilaridade da imigração alemã em 1924 esteve presente em diversos momentos e foi comemorada em diversos locais do Estado.

Em São Leopoldo, houve dois festejos, um em 25 de julho e outro em 20, 21 e 22 de setembro.

Em setembro do ano de 1923, Frederico Wolffenbüttel, vice-intendente de Mansueto Bernardi, no exercício da intendência, convocou uma reunião para deliberar sobre o que denominou de festa comemorativa do primeiro centenário.⁴

As pessoas presentes foram convidadas a, primeiramente, decidir sobre a questão de festejar ou não os acontecimentos. A resposta afirmativa não criou polêmica, diferentemente da deliberação sobre a data.

As primeiras preocupações com os festejos ressaltam a intenção de comemorar-se o centenário da fundação de São Leopoldo, ficando o centenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul como acontecimento a ser também comemorado, mas não em primeiro plano. Quanto ao ano, não houve dúvida (1824-1924). Mas em que data festejar?

Dentre as propostas de data estavam os seguintes marcos: chegada do primeiro grupo de imigrantes (25 de julho), extinção da Real Feitoria do Linho Cânhamo e da resolução de chamar imigrantes (31 de março), publicação da portaria imperial que dá o nome de Colônia de São Leopoldo a antiga Feitoria (22 de setembro), data em que a portaria foi publicada no sul (mês de outubro), data da visita do Visconde de São Leopoldo (então Presidente da Província José Feliciano Fernandes Pinheiro). Naquele momento, tratava-se não só de selecionar uma memória, mas tam-

⁴ Cf. *Relatório* apresentado ao Conselho Municipal de São Leopoldo pelo vice-intendente em exercício, Dr. Frederico Wolffenbüttel, em 12 de outubro de 1923.

bém de garantir uma festa bem sucedida, pois a comemoração ocorreria em outros locais do Estado. O debate só foi concluído em um encontro na semana seguinte. A data escolhida foi 22 de setembro, por sugestão de Ernesto Rotermond, que já manifestava sua preocupação com o dia da realização dos festejos antes mesmo da reunião convocada em setembro. Na edição do dia 21 de julho de 1923, a *Deutsche Post*, jornal de sua propriedade, noticiou que julho não era uma boa época devido à possibilidade de frio, chuva, temporal. Dezembro também não se prestaria ao evento, dado que é época dos preparativos para o Natal e porque as escolas estariam fechadas. O sucesso da festa deveria ser previamente garantido, afastando qualquer possibilidade de algum empecilho. Possivelmente a escolha de setembro levou vantagem também por anteceder aos festejos de Porto Alegre, programados para outubro.

Mesmo que a comemoração do Centenário ficasse para setembro, a data 25 de julho, que sempre esteve presente nas discussões, e que só foi descartada por razões como enchentes ou comemorações em outros locais, foi motivo de celebrações.

O jornal *Deutsche Post* tomou a iniciativa e convidou a população a participar de uma reunião na Sociedade Ginástica no dia 13 de julho para deliberarem sobre o programa dos festejos do dia 25 de julho (Rotermond, Jul. 1974, p. 54). Decidiu-se que a data deveria ser feriado, o que foi requerido à Intendência e efetivado em 16 de julho daquele ano. O programa da comemoração foi fixado naquela ocasião e, diferentemente do estabelecido para os festejos de setembro, não previu obras extras.

Deutsche Post e *Ginástica* associaram-se para a realização da comemoração, que marcou o início dos festejos do Centenário da Imigração Alemã. Cabe observar que a decisão de marcar o 25 de julho para a comemoração não representou uma oposição às programações do 20 de setembro, pois ambas as instituições participaram intensamente do processo de construção da festa e conta-

ram com o apoio da população local. Certamente, um dos motivos para festejar, além da intenção de marcar a data histórica, foi o fato de que essa data festiva antecedia as eleições municipais programadas para agosto.

João Correia, candidato situacionista (PRR) à intendência local, contava com o apoio do promotor do evento. A *Deutsche Post*, em julho de 1924, na mesma semana em que promoveu a reunião para organizar os festejos do 25 de julho, intensificou seu trabalho de apoio ao seu candidato (Gertz, 2002).

Apontamos, em torno dessa questão, uma das problemáticas presentes no estudo do objeto *feira*, qual seja, a relação entre os aspectos simbólico e pragmático. A partir da situação descrita acima, percebemos que a festa passou a ser comemorada por muitos e por diversos motivos, que não são necessariamente contrastantes.

3. Os protagonistas da festa de setembro

Sem dúvida, um dos aspectos que marca a forma de festejar são as pessoas que organizam o evento.

Na agenda da intendência de São Leopoldo no ano de 1923, a celebração de 1924 já era assunto. Mansueto Bernardi, intendente local, ao deixar o cargo no mês de maio, apresentou em relatório um plano traçado para comemorar “condignamente” o centenário da fundação de São Leopoldo, bem como o centenário da imigração alemã.⁵

Em julho de 1923, a preocupação com os preparativos dos festejos do ano vindouro também apareceram na *Deutsche Post* ⁶.

⁵ Relatório apresentado ao Conselho Municipal de São Leopoldo pelo intendente Mansueto Bernardi em maio de 1923.

⁶ *Deutsche Post*, São Leopoldo, 21/7/1923.

O passo efetivo nessa direção foi dado quando Frederico Wolffenbüttel convocou uma reunião para o dia 7 de setembro do mesmo ano para deliberar sobre o que denominou de festa comemorativa do primeiro centenário.⁷

O convite para esse encontro estendeu-se “aos representantes de todas as sociedades, comunidades religiosas, escolas e da imprensa do município, compreendendo que assim fica representada toda a população municipal, pois raro será quem não faça parte de, pelo menos, uma dessas corporações”. Essas palavras evidenciam a preocupação em mobilizar a comunidade local, envolvendo grande parcela da população.

Na referida reunião, estiveram representadas as escolas Evangélica e São Luís; os clubes Rio-Grandense, Orpheu, *Leopoldenser Turverein* (Sociedade Ginástica de São Leopoldo), Tênis-club, União Operária Leopoldense, Club Guarani, *Frohsinn* de Hamburgo Velho (Sociedade de Canto, atual Sociedade Aliança) e a Sociedade de Canto Sapiranga; as igrejas católica e protestante; empresários e comerciantes; políticos e a imprensa local: *Deutsche Post* e *Época*. Assim, podemos verificar que grande parte da população esteve ali representada. Nessa primeira reunião, foram organizadas oito comissões distritais, compostas por políticos⁸, industriais⁹, representantes de clubes sociais¹⁰, clérigos¹¹ e pela imprensa¹².

⁷ Atas da reunião. Museu Histórico Visconde de São Leopoldo - MHVSL.

⁸ Frederico Wolffenbüttel, Leopoldo Petry, José Carlos Sperb, Kroeff Neto (deputado estadual).

⁹ Carlos Octaviano de Paula, Pedro Adams Filho, Roberto Streb.

¹⁰ Representantes da Sociedade, conforme identificaram-se quando assinaram ata Orpheus: João Reinaldo Müller, representante da Sociedade *Frohsinn* de Hamburgo Velho, Júlio Kunz, representante da Ginástica de Novo Hamburgo, Júlio Aichinger, representante do Tennis Club, Arthur Ebling.

¹¹ Pastor Sasse, P. Schmöller, P. Kreutzer, Pastor Schmeling, Padre jesuíta Doppler.

¹² Representante da *Deutsche Post*, Ernesto Rottermund.

Já a comissão central reuniu somente representantes da sede e do distrito de Novo Hamburgo. Os representantes dessa comissão foram: Jacob Kroeff Netto, industrial e dissidente situacionista, que apoiava o candidato João Dutra; Pedro Adams Filho, também industrial e que, juntamente com Kroeff, compunha a dupla de “manda-chuvas de Novo Hamburgo”, integrava o Conselho municipal (Gertz, 2002); Leopoldo Petry, ex-secretário da intendência e coletor estadual em Novo Hamburgo, e que, mais tarde, em 1927, quando o distrito tornou-se independente de São Leopoldo, assumiu o cargo de intendente; Júlio Kunz, industrial, integrante do Conselho Municipal e candidato ao mesmo cargo nas eleições e representante da Sociedade de Canto de Hamburgo Velho. Os integrantes da sede, ou seja, de São Leopoldo, foram: João Correia, candidato às eleições de agosto de 1924; Oscar Stabel, vice-intendente em exercício; Arthur Ebling, advogado de Rotermund e secretário da intendência local; Leopoldo Hofmann Filho, sócio da Sociedade Ginástica de São Leopoldo e Ernesto Rotermund, redator da *Deutsche Post*.

Algumas das pessoas que compuseram essas comissões distritais em 1923 acabaram integrando mais tarde, juntamente com outras pessoas, comissões subdivididas por tarefas, que atuaram no 1º e no 2º distrito.¹³

Cabe destacar que, embora os integrantes tenham sido citados aqui como representantes de uma categoria, sua atuação como integrantes da comissão relaciona-se também a seus outros atributos (industriais exerciam ou pretendiam exercer cargos políticos e políticos possuíam atividades comerciais e industriais). Tam-

¹³ Tais como, comissão de informações, de recepção, de alojamento, de préstito, que estavam encarregadas da organização dos festejos em São Leopoldo (cf. ANEXOS A-Programa das festas em Novo Hamburgo). Já em Novo Hamburgo, temos as seguintes comissões: de recepção, de hospedagem, de ordem e policiamento, de festas, de distribuição dos lugares no pavilhão, de construção do pavilhão. Cabe destacar também as comissões de construção de um monumento e de um hospital.

bém vale lembrar que os integrantes das comissões possuíam uma religião e geralmente estavam vinculados a um clube social. É esse conjunto que permite traçar algumas das características dos festejos do centenário da imigração alemã, pois diferentes segmentos buscaram brechas para a inclusão de seus símbolos para a defesa de interesses pessoais ou institucionais e ainda para uma série de outras manifestações.

Cabe ainda observar que a unidade da maior parte do grupo que compôs as diferentes comissões foi dada pela origem étnica alemã de seus componentes.¹⁴ Sem dúvida, já pelo fato do objeto a ser celebrado, aquele foi um momento de manifestação da identidade de imigrantes alemães e de seus descendentes.

A ocasião permitiu também o fortalecimento de vínculos étnicos, rompendo, em parte, conflitos intraétnicos, como os ligados à religião e a questões políticas mas, por outro lado, delimitando sua "fronteira étnica" ao excluírem dos postos mais altos da organização da festa os que não pertenciam a mesma origem.¹⁵

4. São Leopoldo atraindo olhares

A preparação para o evento de 1924 passou a ganhar um significado especial: São Leopoldo, "berço da colonização alemã", deveria, mais do que nunca, mostrar-se. A intenção sempre destacada no início, a de comemorar o centenário da fundação de São Leopoldo, passou a tomar amplitude à medida que foi percebido que o fato local possuía um caráter geral, ou seja, o início da

¹⁴ Exceções: Arnaldo Coelho, comissão de recepção, comissão de ordem e policiamento, João Lourenço Torres Neto e Marcolino dos Santos Pacheco, João Correia, comissão central, Homero Vellozo, comissão de informações e Vidal Cordoba.

¹⁵ Conforme dados de Carlos Oberacker, a população teuta no município de São Leopoldo em 1920 equivalia a 69% da população municipal (Ver: Gertz, 1987, p. 57).

colonização alemã no Estado. Então a festa passou a ser concebida não apenas como um acontecimento local. São Leopoldo, enquanto ponto demarcatório da colonização alemã, preocupou-se em ser o ponto de convergência dos olhares por ocasião da comemoração do evento.

Em julho de 1924, não só a imprensa local anunciava os festejos de setembro, mas também na imprensa da capital, o assunto chegou a render página inteira, já pré-anunciando os festejos de setembro¹⁶. Em setembro, a cobertura do evento foi intensificada. São Leopoldo passou a ser foco da atenção. No dia 17 de setembro, o jornal *Correio do Povo* iniciou uma série de reportagens divulgando os festejos do centenário da imigração alemã em São Leopoldo. Também foram divulgados panoramas da história do município a partir do marco de sua colonização.

Em 1924, São Leopoldo era dividida administrativamente em oito distritos¹⁷, sua população totalizava, conforme dados do censo de 1922, 47.501 habitantes, ocupando o 2º lugar em densidade demográfica, depois de Porto Alegre.

A navegação fluvial contava com um tráfego considerável, escoando diferentes produtos, contribuindo para o desenvolvimento da colônia (Roche, 1969). O Rio dos Sinos era o principal elo de comunicação com a capital do estado.

A sede do município também estava ligada a Porto Alegre via férrea, desde 1874, sendo essa a primeira via-ferrea rio-grandense.¹⁸ Essa ligação favorecia o desenvolvimento do comércio, mais tarde da indústria, bem como a expansão urbana de São Leopoldo e Novo Hamburgo.

¹⁶ É o caso do Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 25/7/1924, que contém informações sobre os festejos, bem como sobre aspectos históricos da imigração alemã.

¹⁷ 1º (Sede) São Leopoldo, 2º Novo Hamburgo, 3º Bom Jardim, 4º Dois Irmãos, 5º Sapiranga, 6º Lomba Grande, 7º Sapucaia e 8º Boa Vista do Herval. (Cf. Petry, 1923)

¹⁸ A ligação estende-se em 1876 a Novo Hamburgo, em 1903, até Taquara, atingindo seu ponto final em Canela em 1924 (cf. Roche, 1969, p. 62).

Como descreve Roche (1969, p.333):

São Leopoldo não era, antes de 1914, senão uma vilamercado que drenava a produção agrícola das velhas colônias alemãs. No transcurso dos últimos trinta anos, sua população urbana alcançava mais do dobro, e a de todo o município aumentava apenas uma vez e meia.

“O comércio fez a prosperidade de São Leopoldo” (Roche, 1969, p.220). Conforme Roche, a indústria só se desenvolveu em São Leopoldo a partir de 1914. À indústria do couro, juntaram-se as do papel, a dos fósforos, a do alumínio, a da pequena metalurgia, a das pinturas e vernizes, etc.

Na década de 20, São Leopoldo contava com:

353 atafonas, 59 moinhos e engenhos de beneficiar arroz; 29 alambiques; 22 fábricas de conservas; 261 estabelecimentos comerciais; 140 estabelecimentos para preparo do couro e seus derivados; 12 fábricas e fundições de metais; 12 fábricas de azeite; 8 de sabão; 1 de pregos; 1 de fósforos; 8 de cola, 6 de café; 27 de bebidas; 5 de louças; 74 de móveis; 11 depósitos de materiais; 34 serrarias; 30 olarias; 5 oficinas mecânicas, 23 funilarias, 1 livraria etc. etc.¹⁹

Esse desenvolvimento industrial marcou a paisagem urbana do centro da cidade.

A organização dos comerciantes locais permitiu a criação, em 1920, de uma associação comercial, constituída por 35 estabelecimentos.

Roche constata também a elevação de “empresas alemãs” em diversas colônias alemãs do estado em 1924. Essas empresas ocupavam o primeiro lugar na transformação dos produtos agrí-

¹⁹ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26/7/1924, dados do recenseamento de 1922.

colas e na alimentação. Na indústria do couro, também houve a preponderância dos estabelecimentos de alemães: “fornecendo São Leopoldo, então, 55% dos calçados fabricados no Rio Grande do Sul” (Roche, 1969, p.512). O destaque ocorreu também no setor de metalurgia.

As atividades agrícolas sofreram alterações. Conforme destacou Pellanda (1925, p. 194):

A tendência atual de São Leopoldo, é toda para a pecuária, principalmente para a criação de suínos, motivo porque grande número de lotes coloniais é apenas cultivado com forrageiras, e daí a pequena produção de feijão e até mesmo de batata inglesa. O cansaço da terra por uma produção de 100 anos, tem causado também regular emigração para as novas colônias e há cerca de cinquenta anos os descendentes dos colonos leopoldenses constituem quase sempre o melhor núcleo das novas colônias [...].

Também Roche assinalou o declínio da produção agrícola no período, ao tomar como base os cinco principais produtos produzidos: mandioca, milho, batata inglesa, feijão, cana-de-açúcar (Roche, 1969, p.272). As mudanças na vida da cidade aliadas à situação das áreas rurais ajudaram a configurar a nova face do município, que foi “resumida” por ocasião dos festejos.

Politicamente, a região caracterizou-se por um comportamento “normal”.²⁰ Localmente, em 1924, o momento era de empolgação frente às eleições municipais, depois de um longo período de intervenções. Tratava-se de um período pós-Primeira Guerra e da ação da política de nacionalização. A cidade, depois

²⁰ Ver: Gertz (1991, p. 21-31) defende uma metodologia para a compreensão da história política das regiões coloniais, devendo ser considerada a partir da situação local do poder, de sua inserção no Estado e no país e não a partir de fatores externos. Dessa forma, evita-se a tendência de atribuir comportamentos políticos distintos da população nativa, ou seja, como resultado unicamente da posição étnica do indivíduo.

de governada por um descendente de alemães, Guilherme Gaelzer Neto, durante quatorze anos (1902-1916), passou a ter como intendente uma pessoa desconhecida do meio local. Gabriel de Azambuja Fortuna, nomeado intendente provisório para São Leopoldo, ficou por três anos no governo, sendo substituído posteriormente por Mansueto Bernardi. Conforme Ramos (2000), a indicação de Azambuja Fortuna, por Borges de Medeiros, pode ser entendida como decorrente do processo de nacionalização. As ações nacionalizadoras por ele postas em ação consistiram basicamente de dois tipos: “um, de abraçar o que estava em alemão (nomes de localidades, fala, registros escritos...), outro, de marcar com festas as datas cívicas brasileiras” (Ramos, 2000, p. 155).

Posteriormente, Mansueto Bernardi, jornalista, poeta e escritor, foi o último intendente que assumiu o cargo no contexto de uma série de intervenções por parte de Borges de Medeiros, presidente do Estado, que nomeou seu secretário particular para o cargo. Mansueto enfrentou problemas ligados à oposição de Novo Hamburgo, distrito local, e não era bem-visto por grande parte do 8º BC. Bernardi avaliou que seus problemas na região estavam relacionados à sua origem italiana e, especialmente, ao fato de ser estranho ao município, ele próprio dizia não se sentir seduzido pelo “meio espiritual” de São Leopoldo (Gertz, 2002).

Politicamente, a sede e o distrito de Novo Hamburgo freqüentemente colocavam-se como rivais: aspecto bem evidente nos pleitos em diferentes níveis. Nas eleições locais, o apoio a determinado candidato significava apoiar São Leopoldo ou Novo Hamburgo (Gertz, 2002). Essa situação conflituosa esteve presente em vários momentos pré e pós festejos do Centenário, o que desencadeou entraves na sua organização, que, ao serem superados, acabaram destacando o papel agregador das comemorações. Papel que, por certo, também aplacou as diferenças religiosas dos 44% de católicos e 56% de luteranos entre a população

imigrantista de São Leopoldo em 1924 (Gertz, 1987, p.73).

A dificuldade do grupo étnico alemão em manter uma unidade era característica presente há muito, podendo ser atestada pela discussão acerca da criação de uma associação dos teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul, presente desde o século XIX, que acabou não vingando. Conforme Gertz (2002):

Do ponto de vista prático havia a eterna falta de unidade entre as diferentes regiões e as profundas diferenças dentro das próprias regiões. Assim a *Deutsche Post* lamentou, por exemplo, que nem nas comemorações do centenário se chegou a um acordo, pois o bairrismo fez com que cada lugar quisesse sediar os festejos.

Alguns desses “bairrismos” estiveram presentes nas comemorações do “25 de Julho” em 1924.

No contexto do país, o ano de 1924 marcou uma nova etapa da presença dos imigrantes e descendentes de alemães no Brasil. Nesse ano, segundo Gertz (1987), iniciaram movimentos para reverter a situação criada pela guerra na opinião pública nacional. Esse fator também deve ser levado em conta ao refletir sobre as comemorações.

São Leopoldo teve expressão também na vida cultural. A sede do município contava com vários estabelecimentos de ensino, das quais destaco o Colégio São José, fundado em 1872 pela congregação franciscana, o Seminário, fundado em 1913, e o Ginásio São Luís, pertencentes aos irmãos maristas. Também teve sede em São Leopoldo o Sínodo Riograndense, fundado em 1886.

Dentre as sociedades locais, destacamos o *Orpheu*, fundado em 1858, a *Ginástica* (1885), o *Prado* (1912) e o *Tênis Club*, fundado em 1912 (Moehlecke, 1997).

Em 1920, a cidade contava com 1.251 casas. Com o desenvolvimento, nos anos vinte, chegou, em 1941, ao número de 2.494 prédios (Roche, 1969). As ruas da cidade contrastavam com os estabelecimentos ligados aos imigrantes e a descendentes de alemães, pois “se parecem às de todas as pequenas cidades luso-brasileiras. Para a grande surpresa dos viajantes, a população de origem e cultura germânica não recriou um *décor* alemão” (Roche, 1969, p.221).

Todas essas características de São Leopoldo se fizeram presentes nas comemorações do ano jubilar, de modo que as movimentações em torno dos festejos, presentes desde o ano anterior, bem demonstram que São Leopoldo precisava estar à altura daquilo que representava.

A Construção da Festa

1. A memória em bronze, mármore e concreto

A forma de comemorar já havia sido preocupação de Mansueto Bernardi.²¹ Dentre suas intenções, citamos, primeiramente, aquelas motivadas pelo interesse de embelezar a cidade e mostrar seu “adiantamento”:

Para celebrar de modo condigno esta data [...] tinha eu em mente efetuar, entre outras coisas, o seguinte:

- Uma exposição de todos os produtos do município, na praça 20 de Setembro, com oito pavilhões correspondentes a cada um dos distritos, que dess’arte revelariam o seu peculiar adiantamento.

- A construção da praça da Matriz, junto ao rio dos Sinos, velhíssima aspiração dos habitantes da cidade [...]

Essas intenções foram lidas aos participantes da reunião convocada por Frederico Wolffenbüttel em setembro de 1923. A elas foram acrescentadas outras idéias com o mesmo espírito, das quais destacamos: a construção de um hospital²², a realização de

²¹ Cf. *Relatório* apresentado ao Conselho Municipal de São Leopoldo pelo vice-intendente em exercício, Dr. Frederico Wolffenbüttel, em 12 de outubro de 1923.

²² Proposta de Arthur Ebling. Ao que consta, existia o Hospital Santa Elizabeth, dirigido por irmãs franciscanas.

um recenseamento demográfico e econômico do município, a intensificação do ensino das crianças e dos adultos para que, em 1924, São Leopoldo apresentasse o menor coeficiente de analfabetismo do Estado, e o desenvolvimento racional do esporte.²³ Essas propostas demonstram que as comemorações do Centenário assumiram um papel de promoção do município.

“Atestar o progresso” de São Leopoldo era a tônica, tanto implícita quanto explícita, da maior parte das propostas naquele momento e que foram reafirmadas em ofício enviado pela comissão dos festejos ao Conselho Municipal:

Excusamo-nos de justificar o programa elaborado, no qual predominou a idéia de festejar o centenário, de preferência, por meio de obras duradouras, de utilidade geral e incontestável, as quais, melhor que o bronze, o mármore e o ruído de festas aparatosas atestarão o progresso realizado nos primeiros cem anos de nossa existência e darão prova cabal das nossas forças econômicas e morais.²⁴

De fato, a festa não contou apenas com “o ruído” e, “se muita coisa ‘acaba em festa’, muita coisa também começa por ela” (Amaral, 1998). As comemorações do centenário ensejaram realizações significativas para São Leopoldo. Em maio de 1924, a *Deutsche Post* noticiou que, no ano do Centenário, a intendência municipal estava preocupada em “embelezar a cidade” para os festejos. Ruas e calçadas tiveram atenção especial, assim:

²³ As duas últimas propostas, conforme a ata da reunião de 7 de setembro de 1923, partiram de Frederico Ostermayer, industrial do setor coureiro em São Leopoldo.

²⁴ Este ofício de outubro de 1923 foi assinado por Frederico Wolffenbüttel, Arthur Ebling, Jacob Kroeff Netto, Leopoldo Petry, Julio Kunz e Carlos Octaviano de Paula. Seu objetivo foi a solicitação de verbas para a execução do programa dos festejos.

A rua Bento Gonçalves mereceu grandes reformas e o acesso à *Turnhalle*²⁵ foi totalmente renovado, permitindo ao pedestre, mesmo com chuva, alcançar a sede da Sociedade Ginástica, o que até então era impossível.

Mas não era só o barro que dificultava o acesso à Sociedade Ginástica [...]. Havia também o obstáculo do arroio que, vindo da parte sul da cidade, obstruía a passagem de um lado para outro. Na interseção das ruas São Joaquim e Conceição, o arroio se aprofundava [...]. Na escuridão da noite, com a falta de iluminação elétrica, depois de um baile, quando foram bebidas algumas garrafas a mais de cerveja, imagine-se a 'ginástica' de certas pessoas para não errarem os passos nessa estreita ponte.²⁶ (Rotermund, abr. 1974, p. 35).

O evento motivou um olhar para diversos aspectos urbanos da cidade como atestam as edições da *Deutsche Post* naquele ano (Ramos, 2000).

Naquele ano, eclodiram, sobretudo, obras de maior vulto. Esse foi o caso duma praça, cuja construção foi sugerida pelo intendente de São Leopoldo de então, Mansueto Bernardi. Ele pensou até em um nome: Praça Fernandes Pinheiro, homenageando o fundador de São Leopoldo, que, em 1824, presidia a Província do Rio Grande do Sul e que, mais tarde, foi intitulado de Visconde de São Leopoldo. Essa denominação acabou não se concretizando, pois a praça, localizada junto ao rio do Sinos, foi denominada de Praça Centenário.²⁷ Não há registro de aprovação da sugestão do intendente anterior por parte da comissão

²⁵ Ginásio esportivo. No texto, refere-se à Sociedade Ginástica.

²⁶ No ano de 1974, as edições da *Revista Rua Grande*, por ocasião do sesquicentenário da imigração alemã, destinaram um espaço para o referido autor traduzir e comentar algumas notícias das edições de 1924 da *Deutsche Post*.

²⁷ Ato n. 109 de 20 de agosto de 1924, assinado por Oscar Stabel, no exercício de intendente.

central dos festejos no ano de 1923, apenas uma referência a um aterro a ser feito na margem esquerda do rio dos Sinos. De fato, nas festas de setembro de 1924, a praça resumia-se a um aterro com um monumento inacabado em seu centro.

Assim como a sugestão da construção de uma praça, outras idéias que vieram à tona em 1923 não foram bem sucedidas ou simplesmente não passaram de simples sugestões ou mesmo projetos e contratos por alguma razão inviabilizados.

Bernardi também sugeriu a compra ou desapropriação da casa existente na Feitoria Velha, onde os primeiros imigrantes haviam desembarcado a fim de lá instalar uma escola pública. Essa casa acabou sendo adquirida pela municipalidade na década de 40.

Em 1923, o intendente em exercício contratou o historiador padre J. B. Hafkemeyer²⁸ para elaborar uma monografia sobre São Leopoldo, trabalho que, conforme Bernardi, já ia adiantado. A obra contaria com ilustrações e seria distribuída por ocasião do centenário. No entanto, o livro não foi publicado, pois Hafkemeyer veio a falecer e os manuscritos ficaram com um amigo, que conforme alguns acreditam, publicou-os posteriormente sem fazer referência ao verdadeiro autor.

A exposição municipal encontrava-se nas propostas de Mansuetto Bernardi. Ele chegou a sugerir a Praça 20 de Setembro para sediar a exposição. Não sabemos, no entanto, a que praça 20 de Setembro o intendente se referia, uma vez que havia uma localizada na sede do município e outra, no 2º distrito, Novo Hamburgo. Sua idéia, desde logo, foi aceita, sendo que a referência ao local de sua realização - Novo Hamburgo - consta somente

²⁸ Sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e colaborador da revista desse Instituto.

nos registros de uma terceira reunião sobre os festejos.²⁹ É preciso lembrar da forte representação do distrito desde as primeiras reuniões para a organização dos festejos.³⁰ Contudo, a decisão parece não ter contentado a todos, pois, no terceiro encontro da comissão geral dos festejos do Centenário, Leopoldo Petry, então coletor estadual em Novo Hamburgo, referiu-se a um artigo publicado na imprensa local questionando a decisão; frente a isso, Petry afirmou que a decisão fora tomada pela comissão central, sem divergência.

Quanto à forma de comemoração do Centenário, vingaram, na totalidade, apenas dois projetos de Mansueto Bernardi. Foram eles: a exposição na Praça 20 de Setembro e a exposição de uma galeria dos administradores de São Leopoldo.

Cabe ainda destacar as outras sugestões dadas por ocasião da primeira reunião para decisões quanto ao Centenário. Por parte de Artur Ebling foram sugeridos, além da construção de um hospital, um ato religioso campal, simultâneo, em frente a diferentes igrejas ou em local apropriado; um obelisco contendo na base quatro placas de bronze com as efígies de D. Pedro I, Visconde de São Leopoldo, Hillebrand e uma figura alegórica representando a agricultura e uma festa esportiva. Padre Kreutzer, em nome do Padre Amstad, propôs a realização de um cortejo de caráter histórico reproduzindo a cena do desembarque da primeira família de imigrantes seguindo até a Feitoria Velha. Foram ventilados também o aumento do prédio da intendência, a cunhagem de medalhas comemorativas, festejos populares, o recenseamento completo e minucioso do município de São Leopoldo, a publicação de um álbum com vistas da natureza, da agricultura, da indústria, do comércio e da vida intelectual de São Leopoldo, en-

²⁹ Reunião que é também a primeira sessão da Comissão central dos festejos, realizada em 27 de setembro de 1923. Cf. Ata, MHVSL.

³⁰ Representado por: Pedro Adams Filho, Jacob Kroeff Neto e Júlio Kunz.

tre outras propostas. A maior parte delas foi executada, no todo ou parcialmente, e dependeram, em boa parte, da mobilização de comissões particulares e da comunidade, especialmente teuto-brasileira, para a provisão de recursos financeiros e para a concretização final.

Cabe destacar duas importantes comissões particulares formadas em função das comemorações de 1924: uma comissão pró-monumento, encarregada de movimentar-se para erguer um monumento em São Leopoldo em comemoração ao centenário da imigração alemã, e uma outra, que se reuniu em torno da proposta de construção de um hospital.

A primeira foi iniciativa da *Leopoldenser Turverein* (Sociedade Ginástica Leopoldense)³¹, que, em fevereiro de 1924, instalou a Comissão.³² A proposta do levantamento de um monumento em São Leopoldo possivelmente surgiu como “resposta” ao grupo comprometido com a instalação de um monumento em Novo Hamburgo. Na reunião de setembro de 1923, foi comunicado que um terreno havia sido adquirido para esse monumento³³, e, mais uma vez, a precedência do 2º distrito em relação ao programa dos festejos foi alvo de crítica.³⁴ Depois de críticas veiculadas na imprensa é que o grupo ligado à Sociedade Ginástica de São Leopoldo tomou a iniciativa.

³¹ Em outubro de 1923, a diretoria dessa sociedade propôs que a mesma assumisse a iniciativa de erigir um monumento em homenagem à imigração alemã (Müller, 1986, p.74). A diretoria da Ginástica convocou, em 16 de novembro de 1923, uma reunião popular para a escolha de uma comissão encarregada da construção do monumento (Petry, 1966, p.127).

³² Composta por: Leopoldo Hofmann, Carlos Augusto Meyer, Roberto Dörnte e J. Edmundo Mohr. Cf. *União*, n. 1, São Leopoldo, 23/2/1924, p. 2. Outra fonte acrescenta aos nomes anteriores os seguintes: Ernesto Rotermond, Walter Dreschler e Carlos F. Niederhut (Petry, 1966).

³³ Cf. informação de P. Kreutzer a iniciativa de erguer um monumento em Hamburgo Velho era objetivo de uma associação fundada em 1915. Ver: Ata das reuniões que ocorreram em setembro de 1923. MHVSL.

³⁴ Cf. Ata da 3ª sessão da comissão central dos festejos de São Leopoldo, 4/10/1923. MHVSL.

O clima de rivalidade certamente foi amenizado um pouco em uma reunião no *Turnerbund*³⁵ em Porto Alegre, no mês de janeiro de 1924, quando foram reunidos representantes de São Leopoldo e do seu 2º distrito, mais uma delegação de Porto Alegre. Conforme noticiou a *Deutsche Post* (Rotermund, 1974, p. 16), o encontro foi profícuo e as rivalidades foram deixadas de lado. Decidiu-se pela eleição de três membros representantes de cada local, extinguindo-se as comissões locais, anteriormente formadas em São Leopoldo e em Novo Hamburgo. A partir daí, Benno Mentz³⁶ e Júlio Adams³⁷ percorreram diversos municípios, durante cerca de quatro meses, visando arrecadar fundos para ambos os monumentos. Com passe livre na Viação Férrea, eles iniciaram seu empenho³⁸, levando um livro-ouro, que continha a opinião de várias pessoas de destaque sobre a colonização alemã no estado e uma carta de recomendação aos 73 prefeitos da época. Assim, a comissão pró-monumento acabou assumindo proporções maiores, integrando membros da Sociedade Ginástica Leopoldense, representantes de Novo Hamburgo e de Porto Alegre, todos empenhados num mesmo objetivo. Essa integração permite afirmarmos que a preparação dos festejos foi um momento em que algumas rivalidades internas de ordem diversa foram suspensas em favor de interesses da coletividade.

Em fevereiro de 1924, um jornal local noticiou: “Já circulam por todo o Estado mais de 500 listas de subscrição pró-monumento em São Leopoldo, sendo que a lista nesta cidade já atingiu a quase 7:000\$000”.³⁹

³⁵ Atual Sogipa.

³⁶ Da firma Frederico Mentz, residente em Porto Alegre.

³⁷ Residente no município de São Leopoldo, no distrito Novo Hamburgo.

³⁸ Juntaram-se a eles, posteriormente, Robert Dörnte, da Sociedade Ginástica de São Leopoldo, Frederico Trein, de Porto Alegre, e Arno Phillip, deputado estadual (Müller, 1986, p. 8).

³⁹ *União*, São Leopoldo, p. 2.

A *Deutsche Post* freqüentemente veiculava uma relação dos doadores com suas respectivas doações, de forma que a movimentação em torno do monumento deve ter sido intensa.

O município de São Leopoldo fez o donativo de maior vulto: 5:000\$000. Dentre as diversas localidades que contribuíram destacamos: Lajeado, Estrela, Antônio Prado, Itaquí, Porto Alegre, Santa Maria, São Borja, Cachoeira e Caxias. Também contribuíram casas comerciais de diferentes municípios: Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre, Cachoeira, Canoas, Antônio Prado e Montenegro.

A maior parte dos doadores tinha sobrenome alemão. As doações foram tanto particulares quanto de firmas. À parte os interesses pragmáticos, como por exemplo a divulgação de estabelecimentos comerciais, é certo que a movimentação para a concretização dos monumentos motivou a comunidade étnica alemã do Estado. Nesse sentido, podemos demarcar as razões pelas quais as concepções que enfocam a festa como transgressão não são adequadas para nosso objeto de análise:

A concepção transgressiva da festa coincide no limite com a idéia de uma festa puramente individual e privada. A festa, pelo contrário, é caracterizada pela maior previsibilidade do comportamento do próximo, por uma solidariedade social mais intensa, que se manifesta em actividades reguladas [...] (Festa, 1994, p.410).

E, no caso aqui abordado, essa solidariedade social é também, especialmente, étnica.

Se no conjunto destacam-se as contribuições de descendentes e mesmo de imigrantes alemães, há uma parcela não desprezível de doadores de municípios que não foram colonizados por alemães.

Além dessa forma de angariar fundos para a construção do monumento, uma comissão⁴⁰ lançou quatro concursos: o primeiro, para o curso da terça-feira do Carnaval, o segundo, de vitrines (tematizando o Centenário), o terceiro, para escolher a moça mais bonita de São Leopoldo, e o quarto, para escolher o homem mais simpático da cidade. Para concorrer aos dois primeiros, era necessário pagar uma taxa de inscrição, já os outros dois arrecadavam verbas através da venda de votos. A promoção desses concursos foi outro indicativo do envolvimento da população em torno dos festejos.

Não sabemos se, por falta de verba ou por causa de algum problema na execução do projeto, em 20 de setembro de 1924, o monumento que seria erguido em São Leopoldo não estava concluído, embora sua inauguração tenha constado no programa festivo e seu projeto pudesse ser visualizado sob a forma de maquete.⁴¹ O monumento em homenagem à colonização que seria erguido em Hamburgo Velho também não foi concluído, para a alegria de alguns leopoldenses: no programa, constava apenas o lançamento de sua pedra fundamental.

Do planejado hospital também resultou apenas uma pedra fundamental e muitas intrigas futuras.⁴² Não pretendemos, com essas palavras, desmerecer o empenho da comissão⁴³ responsável pela viabilização da proposta. Tratava-se, no entanto, de um projeto de execução complexa, desde a arrecadação de verbas, a escolha do terreno e da planta adequados, até a administração do próprio hospital.

⁴⁰ Esta comissão teve a direção de Sílvio Kraemer e João E. Mohr.

⁴¹ O projeto selecionado, de autoria de Walter Drechsler, ficou exposto, a partir de abril, na Casa Foernges, “onde os leopoldenses se agrupavam defronte à vitrina, admirando e comentando a futura obra”. (Rotermund, abr. 1974, p. 35).

⁴² O “Hospital Centenário” foi concluído em 1928 e foi motivo para diversos interesses políticos. Ver: (Gertz, 2002).

⁴³ A comissão foi composta por Oscar Stabel, João Reinaldo Müller, Luís E. Schimdt e Arthur Ebling.

No conjunto, é possível que as obras realizadas ou iniciadas na cidade, naquele ano, tenham carregado elementos propagandísticos eleitorais, dado que, 1924 foi um ano de eleições locais. É certo que interesses pessoais e de grupo preponderaram em muitas das escolhas sobre o modo de comemorar-se. Como reconheceu o intendente de São Leopoldo, a praça era aspiração antiga da população e, podemos crer, nenhum momento seria melhor que aquele.

Entraves à parte, o centenário da imigração alemã rendeu em São Leopoldo obras de vulto⁴⁴. Mesmo quando não concluídas, demonstravam e recriavam não só o êxito econômico local, mas também uma necessidade de “comemorar-se”.

2. A organização da memória para fazer a história e/ou vice-versa

As comemorações não eram momento de apenas mostrar o progresso do município, ou seja, projetar-se no futuro, era também hora de voltar-se ao passado, ativar a memória. Nesse sentido, a conjuntura, o pós Primeira Guerra Mundial e o pós ação da política de nacionalização, mostrava-se oportuna. Após a “experiência da derrota”⁴⁵ e de um momento de proibições e boicotes, os descendentes de alemães e imigrantes viviam a oportunidade de comemorar a si próprios, através do seu progresso e da exaltação de seu passado. O clima festivo atingiu, por certo, de alguma forma, os segmentos de origem alemã, que sofreram um “efeito de destilação”⁴⁶, pois mesmo que a opção de alguns tenha sido a de

⁴⁴ O mesmo, por certo, ocorreu em outras localidades. Exemplificamos com a belíssima construção da Igreja São José em Porto Alegre.

⁴⁵ Magalhães (1988) refere-se às sanções do Tratado de Versalhes para os alemães.

⁴⁶ Conforme Magalhães (1988, p.99), “o antigermanismo e a guerra causaram um certo efeito de destilação entre os segmentos de origem germânica.”

alinhamento à política de nacionalização ou mesmo a não manifestação de preferências em público, a festa oferecia uma gama de motivos para participar. Interesses econômicos, por exemplo, podem muito bem ter influenciado na participação dessas pessoas. Por outro lado, a festa abriu espaços de união étnica, que, em muitos casos, esteve pautada pela exaltação de um passado comum, dando ao grupo uma consistência que se fazia sentir em diversos momentos.

Nesse contexto, observa-se uma retomada do passado, que foi expressa por vários eventos organizados e por outros testemunhos da época. Para os festejos de setembro foi organizada uma exposição de cunho histórico. Conforme Eduardo Duarte (1946), João Correia, então já eleito intendente, entrou em contato com Borges de Medeiros a fim de conseguir a contribuição do Arquivo Público para a exposição histórica do município de São Leopoldo, programada para os festejos de setembro de 1924. Borges, dando aval ao pedido, designou para a tarefa Eduardo Duarte, secretário do Arquivo, que veio ao município munido de documentos relativos à imigração alemã.

A exposição instalada no salão nobre da Intendência Municipal, inaugurada em 20 de setembro, parece ter sido complementada à medida que os munícipes doavam documentos, atendendo ao apelo de jornais locais. O *União*, reiterando a solicitação da *Deutsche Post*, convocou a população a reunir documentos esparsos nas casas de familiares, uma vez que João Correia pretendia organizar, conforme a imprensa, seções de estatística, arquivo e biblioteca.⁴⁷ A *Deutsche Post* solicitou que a população confiasse objetos e documentos antigos para a exposição.

⁴⁷ *União*: Organ Republicano, São Leopoldo, n.29, 20/9/1924.

Esse foi mais um momento em que a comunidade foi convocada a participar ativamente e, de certo, a exposição foi um sucesso, pois, já nos três primeiros dias, foi visitada por duas mil pessoas.⁴⁸

Esse também foi momento de selecionar os “grandes homens” do passado. Alguns vultos da história local foram homenageados. Embora citado naquele momento, Hillebrand parece ter sido esquecido, pelo menos é o que demonstra uma crítica à comissão central dos festejos:

O fato provocou um artigo publicado [...] no Correio do Povo reivindicando para a memória do excelso alemão a homenagem a que tinha incontestável direito. A comissão referida teve em consideração o que expendíamos e, em honroso ofício informava que o projeto seria modificado, nele aparecendo, com justiça, a homenagem apontada (Duarte, 1946, p.230-231).

Assim, o projeto selecionado, de autoria de Walter Dreschler⁴⁹, propunha uma placa com a efígie de Hillebrand, bem como das demais personalidades sugeridas por Artur Ebling. Houve ainda o acréscimo da efígie da Imperatriz Leopoldina.

A municipalidade local investiu também na confecção de um mausoléu de mármore substituindo o antigo túmulo de Hillebrand. O serviço foi prestado pela *Casa Aloys Friederichs* de Porto Alegre.⁵⁰ Essa obra ficou marcada por um episódio curioso: um funcionário da referida firma encontrou, junto ao túmulo, uma caixinha que continha um exemplar da folha *Die Neue Zeit*, de São Leopoldo, datado de 14 de julho de 1880, informando sobre a morte de Hillebrand, além de outros escritos sobre ele. Na caixinha

⁴⁸ *União*: Organ Republicano, São Leopoldo, 27/9/1924.

⁴⁹ Arquiteto que, na época, teve aprovado outro projeto: monumento a Rio Branco em Rio Grande.

⁵⁰ Nota-se que os preparativos para os festejos de 1924 beneficiaram muitos estabelecimentos pertencentes a descendentes de alemães.

havia ainda tiras escritas em alemão elogiando-o e uma receita médica assinada por ele.

Episódios pitorescos à parte, o certo é que o ano festivo não só ativou a memória, mas também motivou a construção de novos “heróis”.

Imprensa e produções textuais, ao lado do cimento e do mármore, também muito contribuíram para o que pode ser identificado como “trabalho de constituição e de formalização da memória” (Pollak, 1989).

Em 1924, duas datas motivaram edições especiais em jornais da cidade e da capital: 25 de julho e 20 de setembro. A edição comemorativa da *Deutsche Post*, publicada em 24/07, caracterizou-se por ser um pouco mais volumosa do que normalmente, ou seja, passou de quatro para oito páginas. Já a edição de 20 de setembro contou com 80 páginas, das quais cerca de 54 eram de propagandas de estabelecimentos ligados a alemães e descendentes. O espaço dos anúncios, em ambas, foi dividido com textos que versavam sobre personalidades históricas como Hillebrand, acontecimentos históricos, aspectos da cidade, entre outros.

O jornal *União*, de 20 de setembro, abordou temas relacionados à assimilação dos alemães e, especialmente, à cidade, a suas obras e a sua história.

Em termos de livros comemorativos destacamos a publicação de *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul*⁵¹, composta por 560 páginas e organizada pelo padre Amstad, que escreveu a maior parte delas (Gertz, 1987, p. 94). Em 1924 também foi publicada uma edição da *Revista do Arquivo Público* dedicada à colonização alemã.⁵²

⁵¹ *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul: 1824-1924*. Porto Alegre: Herausg. von Verband Deutscher Vereine, Typografia do Centro. Recentemente esta obra foi traduzida por Arthur B. Rambo, sendo assim intitulada *Cem anos de germanidade no Brasil*.

⁵² *Revista do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul*, n. 15-16, dez. 1924. Uma avaliação sucinta quanto a publicações comemorativas da imigração alemã no Brasil foi feita por Seyferth (1988).

No conjunto, podemos entender a “memória em letras” como uma manifestação festiva que, por um lado, se aprofundava no passado, narrando fatos e transcrevendo documentos, e, por outro, mantinha estreitas relações com o presente e com um possível futuro, quando apontava para o progresso da cidade, resumido como fruto do “trabalho alemão”.

Assim, no contexto das produções em torno do centenário da imigração alemã, a conjunção entre memória e história e identidade de um grupo específico pode funcionar do seguinte modo:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, [...], em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades [...]. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis (Pollak, 1989, p.9).

O fortalecimento de vínculos étnicos e a demarcação da identidade étnica de imigrantes e descendentes de alemães são dados pela organização da festa, pelas histórias narradas, pelas vitrines montadas e por outros exemplos aqui destacados.

Paralela à relação memória e pertencimento, temos a relação estreita entre *tempo e festa* e, embora não seja nosso propósito levar a cabo uma análise específica de como essa relação se situa nas festas do 25 de julho, convém sublinharmos alguns pontos. Se tomarmos o problema que Ozouf coloca, qual seja, analisar se a festa comemorativa é uma festa em que a consciência histórica se aviva e se fortifica (Ozouf, 1978, p.224), podemos avaliar, mesmo sem um estudo mais detalhado, que as comemorações do 25 de julho não têm como consequência automática uma atitude de erudição diante da história.

Ozouf (1978, p.217) frisa que “não existe festa sem reminiscência”, sendo por isso mesmo importante, conforme a autora, cuidar para não incorrer-se no equívoco de entender que o passado celebrado é tomado por aquilo que é. Nosso estudo fornece vários indicativos de que o passado é antes recriado. A relação com o passado parece ser antes afetiva, pois, como assinala Cox (1974, p.18), a capacidade do homem lidar com o tempo “requer mais do que mera competência intelectual”. Nesse sentido, podemos lembrar que vários momentos pré e pós comemorações se caracterizam pela construção de um imaginário que “faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade” (Pesavento, 1995).

3. A identidade étnica e as comemorações

Quanto ao aspecto da identidade, convém termos em vista a necessidade de distinguir as diferentes formas de alemães e descendentes manifestarem-se etnicamente.

As comemorações do Centenário são expressão da etnicidade alemã, que sofreu modificações ao longo do tempo e que apresentou diversas faces num mesmo momento. Uma das formas de imigrantes e descendentes de alemães afirmarem sua identidade foi através da adesão ao *Deutschtum*, traduzido como germanidade, que consiste numa etnicidade peculiar que foi formalizada no século XIX e ancorada no nacionalismo alemão. Conforme Seyferth (1994, p.18):

A concepção de uma germanidade teuto-brasileira (significado mais próximo, em português, da palavra *Deutschbrasilianertum*) está vinculada à idéia do pertencimento nacional pelo direito de sangue [...] [...] *Deutschbrasilianertum*, como ideologia étnica, traz

consigo uma inequívoca proposta de pluralismo étnico-cultural – cada grupo de imigrantes com direito de manter seus costumes, cultura e língua, e todos igualmente cidadãos brasileiros.

Assim, divulgadores da germanidade defendiam, no todo ou parcialmente, a preservação do idioma, das instituições, dos costumes e tradições. No processo de demarcação étnica, pesavam, portanto, indicadores culturais como idioma e descendência comum. Essa última integrou o ideário de superioridade racial acionado também para estereotipar o imigrante alemão como trabalhador.

Várias são as peculiaridades em torno da germanidade. Sua difusão no século XX, conforme Gertz (1987), deu-se em diferentes graus. Após a Primeira Guerra, no entanto, houve uma busca de redefinição dos preceitos da germanidade.⁵³ Esses conceitos desenvolvidos por germanistas são apenas alguns dos aspectos que demonstram a complexidade de lidar com a análise dessa ideologia étnica.⁵⁴

Gertz (1987) faz referência à germanidade como fruto de uma difusão consciente que tinha a não-assimilação como proposta central. Para o autor, o sentimento de derrota do pós-guerra motivou “um desejo de reerguimento” entre os germanistas.

⁵³ Cf. Magalhães (1988), este processo foi diverso no Brasil, estando ligado às diferenças regionais.

⁵⁴ A complexidade chega ao ponto de ser comum se atribuir que determinado germanista divulgou uma “germanidade diferente”. O próprio termo “teuto-brasileiro” é infeliz, não só pelas razões denunciadas por Metzler: “O termo (...) facilmente leva a conceituações pouco claras. Entre nós sabemos o que somos ao nos denominarmos teuto-brasileiros. O estrangeiro, porém, que experimenta entender o termo, está sujeito a tirar conclusões falsas e equivocadas” (In: Rambo, 1999, p. 190). A “infelicidade” do termo está também no uso corrente que fazemos do termo, utilizando-o como uma noção que designa descendentes de alemães no Brasil; contudo, trata-se de um termo que foi usado por intelectuais e imprensa para a auto-definição daquele grupo.

Sem dúvida, as comemorações do 25 de julho foram um espaço de manifestação da germanidade, contudo, é importante analisar como isso se dá e perguntar-se se a festa como um todo pode ser traduzida como sua expressão. Nesse sentido, cabe identificar outras formas de manifestação étnica que atuam por ocasião dos festejos a fim de distinguirmos quando se trata, de fato, de uma manifestação étnica propagada pelo movimento germanista. Para tal, utilizaremos o conceito de etnicidade.

Giralda Seyferth (1982, p.94) afirma que “o conceito de etnicidade envolve diversas dimensões. [...]. De um modo mais geral, a etnicidade é vista como qualidade da qual se participa, e que expressa a ênfase na atribuição dos membros do grupo étnico”. Por vezes, usamos dessa forma o conceito de etnicidade e, em outros momentos, adotamos o enfoque teórico proposto por Fredrik Barth (1998), que representa desde o final dos anos 60 uma orientação contraposta às abordagens tradicionais.

Com base nesse autor, partimos do pressuposto de que um grupo étnico não é exclusivamente definido por suas características culturais, aspecto enfatizado pelas abordagens tradicionais que se baseiam no conceito de assimilação.⁵⁵ Para Barth, o grupo étnico deve ser visto como uma forma de organização social cuja identidade étnica é definida pelos limites étnicos (auto-atribuição e atribuição). Assim, a identidade étnica é enfocada na situação de contato com o “outro”, estando em constante reelaboração.

À medida que se festeja o Centenário, é demarcado quem pode festejar e de que forma a data deve ser comemorada. É na festa em ruídos, ou seja, nos festejos propriamente ditos, que podemos ver mais especificamente a demarcação desses limites.

⁵⁵ Um panorama da crítica a essas abordagens pode ser visto em: (Seyferth, 1986, p. 580-582).

O Centenário em Ruídos

O caráter da festa, como vimos anteriormente, possui a marca dos grupos que a organizam. Neste momento, veremos a face comemorativa propriamente dita a fim abordar os demais fatores que influíram na configuração do caráter da festa em questão.

Através dos cerimoniais, podemos ver, e mesmo “imaginar”, as formas de implicação da coletividade nos festejos. A coletividade não é mero complemento. Contudo, muitas vezes, a definição de seu papel apenas se dá de forma “aproximada”, dadas as dificuldades, seja diante do “simbolismo em movimento” (Ozouf, 1978, p.221) seja por inúmeros fatores de ordem metodológica.⁵⁶

Neste capítulo, enfocaremos os festejos de 25 de julho e os de setembro do ano de 1924 com o intuito de compará-los.

⁵⁶ Nosso trabalho não objetiva analisar a vivência da festa em sua especificidade, para tal precisaríamos nos cercar de fontes e de abordagem apropriada. Analisamos, de modo mais geral, certos aspectos da diversidade de experiências individuais que a festa suscita.

1. As comemorações em 25 de julho

O dia 25 de julho foi proclamado como feriado local uma semana antes e foi solicitado o fechamento de estabelecimentos comerciais e industriais.⁵⁷ A *Deutsche Post* empenhou-se em divulgar as comemorações:

[...] se encontrem à tarde ou à noite, para que vocês sintam a força da ligação de todos, como no início: nós somos alemães! E reconheçam-se, com o coração aquecido no mais profundo da alma, no seu povo alemão. Mostrem a todos os outros povos descendentes, em conjunto [...] que vocês se orgulham de ser descendentes de alemães, ter sangue alemão, ser de alma alemã. E renovem o juramento dos pais [...] de servirem com fidelidade alemã e dedicação alemã, até a última gota de sangue, ao seu Brasil, à terra que se tornou sua casa, pela qual, em resposta, seu coração bate em amor (Apud Ramos, 2000, p.189).

Esse convite aparece nitidamente como expressão da germanidade. A noção de *Deutschbrasilianer*, que consiste numa proposta de pluralismo étnico-cultural em que cada grupo de imigrantes têm o direito de manter seus costumes e, ao mesmo tempo, ser cidadão brasileiro, bem como a noção de *Heimat* estão implicadas no convite. Conforme Seyferth (1984, p.18-19), esse último conceito “inclui os dois princípios que marcam a identidade teuto-brasileira: a origem étnica alemã, vinculada ao direito de sangue, e a nacionalidade/cidadania brasileira, com seu princípio territorial”. O caráter do convite acorda com o órgão de divulgação.⁵⁸

⁵⁷ A Federação, Porto Alegre, 25/ 7/1924.

⁵⁸ A folha era propriedade de Wilhelm Rotermund, que veio para São Leopoldo em 1874 para exercer a função de pastor da comunidade evangélica de São Leopoldo, ocupou esse posto até 1918. Em 1880, criou o jornal *Deutsche Post*, que sempre divulgou os festejos de “25” entusiasticamente. Wilhelm Rotermund, tanto em sua atividade como pastor quanto como jornalista, teve posições bem marcadas com relação à defesa e fortalecimento da germanidade (Ver Dreher, 1984).

O “mito das origens” foi freqüentemente evocado por ocasião das comemorações. Pesavento caracteriza esse mito como

[...] uma tendência imemorial, presente em todas as sociedades, de indagação sobre o passado. A busca de pai mítico e da gênese da identidade local é, pois, um elemento recorrente que parece responder a necessidades telúricas e ancestrais de toda comunidade (Pesavento, 1993).

O mito fundador local, ou seja, de São Leopoldo, baseou-se na construção de uma “mãe-mítica”, uma “pátria-mãe”, a Alemanha. Conforme Bairon (1994), é a construção dessa “pátria-mãe” que garante a possibilidade de dar unidade à comunidade local.

Convites que partiam de sociedades locais foram também veiculados na imprensa. Na *Deutsche Post* do dia 24 de julho de 1924, a sociedade *Orpheu* e a *Ginástica* convidaram seus sócios para apresentarem-se na sede dos clubes às 13 horas para mais tarde integrarem, com o estandarte do clube, o préstito que seguiria à Feitoria Velha.

A festa também foi destacada pela imprensa da capital⁵⁹, tanto na parte de divulgação quanto na cobertura dos acontecimentos.

O anúncio do feriado, na imprensa local e da capital, a solicitação de fechamento dos estabelecimentos comerciais e os convites para a festa davam um clima festivo à cidade. No dia 25 de julho, que caiu numa sexta-feira, os festejos começaram cedo: às 4 horas da madrugada, em frente ao edifício da Intendência, uma banda tocou a alvorada. Às 6 e às 12 horas, os sinos de todas as igrejas tocaram. A data também foi celebrada, na parte da manhã, em igrejas católica e evangélica.

⁵⁹ *Correio do Povo e A Federação*.

Conforme noticiou a imprensa, pessoas de vários distritos e localidades vizinhas visitaram a cidade para acompanhar os festejos em São Leopoldo e os hotéis estavam lotados (Duarte, 1946, p.128).

Dentre os representantes vindos da capital em trem especial destacamos H. Daenhardt, cônsul da Alemanha no Estado, Eduardo Duarte, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Roberto Matias Stoll e o major Augusto Koch, ambos representantes do intendente de Porto Alegre, José Montaury e o representante do Turnerbund da capital, J. A. Friederichs (Duarte, 1946, p. 129).

À tarde, às 13h30min, reuniram-se, na Praça da Estação, representantes de autoridades civis vindas em trem especial de Porto Alegre, representantes de sociedades locais e das redondezas (Orpheu, Ginástica, Clube Bolão Separat, Sport Club Nacional), imprensa e população em geral. Dali percorreram 4 km até o local onde os primeiros imigrantes alemães tinham se estabelecido.⁶⁰ O cortejo foi acompanhado por uma banda seguida pelas bandeiras nacional e alemã. As casas e ruas ornamentadas e os foguetes também deram coloração às festividades. Chegando ao destino, houve o pronunciamento de várias pessoas e também foi inaugurada uma placa comemorativa pela chegada dos primeiros imigrantes e pela realização do primeiro rito protestante no Rio Grande do Sul. O retorno da Feitoria Velha para a cidade foi programado para as 17 horas. O cortejo seguiria pelas principais ruas da cidade, dissolvendo-se na “futura praça da Imigração”.⁶¹ Às 18h30min, ocorreu um momento cívico no salão da Sociedade Ginástica, onde novamente vários discursos foram proferidos. Em seguida, teve início um baile nessa sociedade.

⁶⁰ Para quem não pudesse fazer a pé o percurso, estavam à disposição automóveis e charretes (Rotermund, ag. 1974, p. 39).

⁶¹ A praça que, conforme a imprensa, seria chamada de Imigrante foi denominada de Praça do Centenário.

Para essa mesma noite, havia sido programado que, às 21 horas, seriam acesas fogueiras em vários morros da cidade e arredores, “enviando pelas chamas alegres uma calorosa saudação de picada para picada, de vila para vila e de cidade para cidade” (Rotermund, jul. 1974, p.54).

2. As comemorações de setembro

O clima para os festejos de setembro já tinha sido antecipado há muito por reuniões, obras, organização para desfiles, entre outros. As comemorações oficiais do Centenário da imigração alemã, como eram então denominadas, tiveram início na manhã de um sábado, dia 20, e estenderam-se até dia 22 de setembro.

No dia 20 de setembro, as comemorações do centenário, no município de São Leopoldo, tiveram espaço na sede do município e também no 2º distrito, Novo Hamburgo (ANEXOS A). Alguns dos rituais e outras características presentes nas comemorações em 25 de julho novamente apareceram: alvorada com salva de morteiros e repique dos campanários de todas as igrejas (20 e 21 de setembro, sábado e domingo), ritos divinos (domingo), ruas ornamentadas, bailes, formação de préstitos, inaugurações e visitação a “lugares da memória” (Nora, 1993). A alvorada de setembro foi às 6 horas. As ruas da Estação e da Independência até a Praça Centenário estavam enfeitadas com arcos cobertos de folhas de palmeiras (costume da época), pintados de verde-amarelo ou de verde-vermelho-amarelo ou ainda de preto-branco-vermelho.⁶² Às 13 horas do dia 20, foguetes e a música de uma

⁶² Não fosse a cor verde e sim a preta, na conjunção verde-vermelho-amarelo, poderíamos pensar que se tratasse da transposição de conflitos da Alemanha por ocasião das comemorações, porque as cores preta-vermelho-ouro correspondiam as da bandeira nacionalista-liberal, já as cores preta-branca-vermelha compunham a bandeira nacional imperial. (Cf. Hobsbawm; Ranger, 1984, p.281).

banda marcial anunciaram a passagem de Borges de Medeiros e sua comitiva⁶³ pela estação local em direção a Novo Hamburgo. Depois de uma viagem de 1h40min, foram, em marcha, acompanhados por um préstito certamente numeroso, até a Praça 20 de Setembro, local em que Borges de Medeiros inaugurou a Exposição Municipal, depois, é claro, de uma breve pausa para um cafezinho e para a degustação de charutos de fabricação local. No pavilhão construído especialmente para a exposição, encontravam-se cerca de 5.000 pessoas.

Depois de uma série de discursos, houve uma pausa para o “lunch” e para champanha nas dependências do restaurante que funcionava no local. Por volta das 16h30min, Borges e sua comitiva foram recebidos na estação férrea de São Leopoldo por um préstito composto pela banda do 8º Batalhão de Caçadores, por vários colégios e clubes locais, seguidos por populares. A comitiva oficial integrou-se ao préstito, percorrendo cerca de nove quadras em direção à Praça Centenário, que foi inaugurada nesse momento, e ao Monumento do Centenário, ambos inconclusos. O ponto alto, por certo, foi a passagem pela rua Independência, pois, na época, e até hoje, ela tem um papel bastante significativo.

A rua central de São Leopoldo está entre os principais cenários dos quais a elite local se apossou em diferentes ocasiões. Foi por ela que desfilaram os participantes do primeiro festival de canto alemão, com cerca de 3.000 pessoas, em 1863; ato que se repetiu no ano seguinte, agora com cerca de 4.000 pessoas. Foi por ela também

⁶³ A comitiva foi composta por três carros de administração e dois de primeira classe. Dentre os presentes no vagão do presidente do Estado destacamos a presença do arcebispo D. João Becker. Num outro, encontravam-se cônsules da Alemanha e Itália, entre outros cônsules. No conjunto, a comitiva deve ter somado aproximadamente 80 pessoas (Duarte, 1946).

que adentrou na cidade o Conselheiro Gaspar da Silveira Martins, em 1879, num desfile apoteótico e foi ainda nela que passaram procissões, desfiles militares e carnavalescos, em todos os tempos. A Rua Grande e suas adjacências transformavam-se, nesses momentos, em um teatro de sociabilidade, ao mesmo tempo em que eram locais de práticas sociais, políticas religiosas e de representações de poder da elite leopoldense. No desfile dos notáveis pela Rua Grande, havia sempre uma ordem, uma representação, uma forma de organização do mundo social, dependendo de quem eram os dirigentes do evento (Ramos, 2000, p.221).

Essa forma de solenizar era bastante comum na vida pública leopoldense, tendo sido, em muitos casos, a principal atração da população.

Na Praça Centenário, vários discursos foram proferidos e uma placa metálica esmaltada, com os seguintes dizeres, foi inaugurada: “Praça Centenário, aqui desembarcaram os primeiros imigrantes alemães que vieram colonizar o atual município de São Leopoldo, 1824 – 1924”.

A última solenidade daquela tarde foi a inauguração da Exposição de documentos históricos, no salão da Intendência Municipal, na qual o presidente do Estado também esteve presente, retornando após a Porto Alegre.

Depois dos eventos cívicos, a população dispersou-se e, com a entrada da noite, já se preparava para as atividades noturnas. “Para o povo”, as atrações noturnas eram o cinema, as apresentações musicais na Praça da Redenção e os fogos na praça Centenário. Já para uma parcela seleta da população, a noite findava com bailes na sociedade Orpheu e na Ginástica (Duarte, 1946, p.150).

Assim, com a entrada da noite, as festas continuaram, havendo reforço da iluminação pública: “foram colocados, nas es-

quinas, ao centro das ruas, possantes focos” (Duarte, 1946, p.144), que também contribuía para o brilho das festividades.

No dia 21 de setembro, à tarde, houve o lançamento da pedra fundamental do Hospital. Também ocorreram novamente solenidades junto ao Monumento do Centenário. Escoteiros de Santa Cruz do Sul, Itaqui, Estação Sander e de outras localidades, que se deslocaram a pé até São Leopoldo, foram recebidos. Também, como no dia anterior, vários discursos foram proferidos.

Na manhã do dia 22 de setembro, ocorreu uma romaria ao túmulo de João Daniel Hillebrand, onde foi inaugurado o mausoléu de mármore.

Também no dia 22 de setembro, foram realizadas provas esportivas: corrida de estafetas, jogos de futebol, entre outras.

As comemorações de setembro foram registradas em um filme “Centenário da Colonização Alemã”, produzido pela Comelli-Film, que, em fevereiro de 1925, já era exibido em alguns cinemas da capital (Pfeil, 1996).

O ano de 1924 foi o momento propício para a criação de tradições, o monumento ao Centenário foi invenção que passou a ter função simbólica e ritual. O passado foi “convocado” não só nos discursos mas de antemão já nos próprios rituais. Em julho, a visita à Feitoria Velha, em setembro o monumento, o túmulo de Hillebrand e a exposição bem demonstram o quanto o recurso a formas ritualistas de evocar o passado passaram a funcionar, de modo que, nos anos que se seguiram, esses espaços de representação simbólica ficaram entre os momentos mais significativos das comemorações. Tratava-se da invenção de uma comemoração com referência ao passado dos descendentes de alemães no Brasil. Esse aspecto é relevante frente à regularidade, entre os teuto-brasileiros, de comemorações de datas da história da Alemanha como a vitória

na Guerra franco-prussiana, o aniversário do imperador, que ocorriam tanto em cultos quanto em sociedades locais.⁶⁴

O que essas festas têm em comum é a exaltação do vínculo étnico, ambas concorriam para afirmar as relações afetivas com a Alemanha, e, o fato de solenizarem uma nova data, não levou a uma substituição de comemoração.

As diversas linguagens das festas em homenagem ao Centenário (as de julho e as de setembro): desfiles, discursos, músicas, hinos, sermões, ornamentos, entre outras alojam um simbolismo. Se, por um lado, e aos olhos de hoje, uma foto como a das celebrações de setembro, que registra a população junto a um monumento inacabado (ANEXOS B), possivelmente com sapatos embarrados⁶⁵, pode suscitar risos; por outro, não se pode deixar de reconhecer o quanto o momento foi significativo, não só pelo fato de São Leopoldo, enquanto municipalidade, fazer-se representar, mas também pela comemoração de uma data histórica para os descendentes de alemães. Os descendentes de alemães destacaram-se já no planejamento das comemorações do Centenário, assim a festa aparece como momento de marcar e reforçar simbolicamente sua identidade, não só enquanto pertencentes à etnia alemã, mas também como integrantes de uma cidade que tem sua marca.

Mas a amplitude do sentido simbólico da festa, momento da fundação de uma memória, não atinge a todos da mesma forma, pois os rituais foram vividos de diferentes formas. Os ritos celebrativos do progresso não estão em oposição ao simbolismo presente nos ritos cívicos, mas se perguntarmos o que foi exata-

⁶⁴ Com relação a datas celebradas em cultos por pastores de comunidades teuto-brasileiras após a Unificação Alemã (ver Dreher, 1984, p. 75).

⁶⁵ Isto pode ser afirmado dado que o aterro definitivo que formaria a praça estava previsto para o ano seguinte, assim como a murada do cais. Embora algumas imagens, que constam no acervo do MHVSL, tenham sido identificadas como estando a praça concluída em 1924, ela não esteve.

mente comemorado, poderemos concluir que foi o progresso, o início da imigração alemã, a etnia alemã, a Alemanha, a cidade de São Leopoldo - tudo foi festejado ao mesmo tempo, numa mescla entre o pragmático e o simbólico. Um exemplo bem concreto dessa relação encontramos na Exposição municipal, que teve lugar em Novo Hamburgo, o que não contentou a todos. No entanto, Novo Hamburgo tinha motivos suficientes para querer a exposição.

Distrito criado em 1857, Novo Hamburgo contava, em 1920, com uma população de 8.520 habitantes, ao passo que a sede do município tinha 10.680. Seu desenvolvimento industrial atingira níveis invejáveis e interesses emancipacionistas por lá rondavam.⁶⁶ A reivindicação da emancipação do distrito se fazia presente em 1924 e nenhum momento poderia ser melhor do que o da Exposição para mostrar as suas potencialidades. E ninguém melhor que Borges de Medeiros para inaugurar essa exposição.

O pavilhão de madeira para a exposição foi construído com as seguintes proporções: 88 metros de comprimento por 62 m de largura. Nele havia apenas uma abertura, que era o acesso de entrada e saída. Em seu centro, havia um palco que foi usado para o pronunciamento de discursos e apresentações musicais. Cerca de 230 expositores foram organizados nas seguintes seções: indústria de couro, indústria de madeira, indústria de bebidas e outros líquidos, indústria de fumos e produtos alimentícios. Essas seções foram subdivididas por classes. A maior parte dos expositores eram originários do município de São Leopoldo. Trinta e três ex-

⁶⁶ Em 17 de maio de 1924, uma comissão formada por Pedro Adams Filho, Jacob Kroeff Neto e Leopoldo Petry reuniu-se com o presidente estadual para expor a aspiração emancipatória de Novo Hamburgo. (Petry, 1959, p. 49).

positores de outros municípios⁶⁷ participaram, embora não tenham participado do concurso de premiação.

As atrações foram inúmeras e diversas: de uma cuca com mais de um metro de diâmetro, passando por pão representando um aeroplano com o comprimento de 2,80 metros, fumo, bebidas, carnes, até estamperia, bijuterias, pelegos, calçados. Mereceu o destaque da imprensa uma pirâmide (de molduras coloridas) confeccionada no estabelecimento de Pedro Alles, que foi erguida no centro do pavilhão.

Na parte externa da exposição, foram montados, ao ar livre, um carrossel e um cinematógrafo público.

Da exposição, que durou uma semana, resultou um filme de 1.800 metros, cujo objetivo era a exibição, como propaganda, em vários pontos do Estado, conforme nota veiculada na imprensa.

Dessa forma, a festa foi instrumentalizada pelos desejosos da emancipação do distrito, que acabou ocorrendo dois anos mais tarde. Cabe salientar que a eficácia da dimensão política da festa se dá justamente quando ela consegue atingir uma linguagem simbólica e ritual, de modo que simbólico e pragmático estão intimamente ligados.

Fins políticos também estiveram presentes nas comemorações de julho em São Leopoldo. Esses festejos antecederam às eleições municipais e, nesse momento, a propaganda do candidato oficial deu-se através das inúmeras obras empreendidas na cidade. Até porque uma festa antes de um pleito sempre produz mais efeito. Contudo, tanto em julho quanto em setembro, dentre os oradores que falaram na sede do município não houve a participação de políticos locais, de modo que o espaço suposto como

⁶⁷ Porto Alegre, Caí, Gramado, Montenegro, Passo Fundo, Santo Ângelo e Santa Maria (Duarte, 1946, p. 124).

propício não foi usado diretamente. Nos discursos proferidos, João Correia, candidato situacionista (PRR), foi citado por Eduardo Duarte, representante do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul:

[...] digo, aí à testa dos destinos desta terra, o nome de João Correa que lembra uma vida inteira de operosidade neste município que tanto lhe deve e de quem tanto espera novos sacrifícios [...] (Duarte, 1946, p.132).

A presença do candidato no local foi acentuada no início dos discursos proferidos, o que, aliado ao discurso de Duarte, sugere que aquela celebração tinha um caráter pró-candidato.

João Correia teve uma atuação significativa junto às comemorações do centenário da imigração alemã. Mesmo antes de eleito, aproveitou o momento para se mostrar identificado com os alemães festejando aquele marco.

Por outro lado, não encontramos registro da presença do candidato da oposição, João Dutra, mas Kroeff Neto, seu sustentador, esteve presente.

Diante desse quadro, podemos afirmar que o caráter propagandístico eleitoral esteve presente nas comemorações de 25 de julho, mesmo que seja difícil precisar qual a intensidade desse caráter frente a outras características da festa. O certo é que as esferas política e simbólica estiveram presentes no evento.

Outras comparações podem ainda ser feitas entre os festejos de julho e setembro. A organização das festas de setembro caracterizou-se por usar estratégias para reunir mais pessoas: atividades esportivas, cinema em praça, exposições e demais atrativos.⁶⁸

⁶⁸ Destaco os inúmeros carros que circularam pela cidade.

Já as de julho, caracterizaram-se, especialmente, por um caráter cívico, que esteve também fortemente presente nas comemorações de setembro. Cabe ressaltar que, mesmo os eventos que à primeira vista não tinham tal caráter, foram por ele revestidos, pois a afirmação do progresso foi estreitamente vinculada a questões étnicas.

Mesmo assim, se estiver certo o número de 2.000 pessoas na cidade em 25 de julho, a celebração, que não teve um cunho popular amplo, foi um sucesso. A celebração da data histórica não foi apenas um evento local e nem pretendeu sê-lo, basta ver as diversas autoridades convidadas a participar.

Já os números de setembro, até pelo caráter mais abrangente, foram maiores. Não espanta que o número de pessoas que circulou pela cidade nos três dias de festa tenha sido elevado, entre outras razões, pelo fato de que as passagens tinham sido reduzidas em 50% nos trens de excursão organizados em função das comemorações. Outra medida popular foi a distribuição de óculos feita pela joalheria Foernges Irmãos. A soma dos passageiros que usaram o transporte nos três dias festivos foi de 30.000, já o número de pessoas que estiveram na cidade girou em torno de 8.000 a 10.000 pessoas por dia (Duarte, 1946, p.144).

Um grupo de 70 pessoas, que incluía uma banda, ficou hospedado a bordo de um vapor em São Leopoldo durante os três dias de festa. Essa foi mais uma das atrações.

A atuação da população local foi participante nos dois momentos, tanto na ornamentação das ruas e casas quanto nos cortejos. Obviamente, pela forma de organização, os festejos de setembro contaram com uma participação mais intensa e numerosa que as festas de julho.

3. O léxico das festas de julho e setembro

As comemorações do Centenário não podem ser compreendidas sem levarmos em conta os inúmeros discursos que foram proferidos nos diferentes momentos das comemorações.

Cabe apontar algumas dificuldades, que, no entanto, não chegam a comprometer a avaliação dos discursos analisados. São elas: o fato de não termos analisado todos os discursos proferidos durante as comemorações e também o de que alguns dos trabalhadores só nos chegaram parcialmente.

Por ocasião das celebrações na Casa da Feitoria, falaram as seguintes pessoas: Ernesto Rotermond, Martin Fischer, Eduardo Duarte, H. Daenhardt, Fausto Azambuja Villanova e Mathias Stoll.

Na continuidade das comemorações, nas dependências da Sociedade Ginástica, Fischer, Azambuja e Mathias Stoll falaram novamente.

Em setembro, alguns desses oradores, mais uma vez discursaram, foi o caso de Eduardo Duarte e H. Daenhardt. Além deles, discursaram, nesse momento, Borges de Medeiros, Jacob Kroeff Neto, Clodomiro Moog, Souza Docca, Aurélio Porto, Olivério de Deus Vieira Filho e Ponciano Stenzel dos Santos.

As temáticas presentes nos discursos, ou seja, o léxico das comemorações de julho não foi muito diferente do léxico das de setembro: laboriosidade do alemão, integração e honra aos pioneiros. Contudo, a reconstrução do repertório temático não é suficiente para dar conta das complexas características da linguagem.⁶⁹

⁶⁹ Frente a isto, situamo-nos numa postura acordante com o quadro epistemológico da análise de discurso, entendendo a linguagem em seu funcionamento. (Ver Orlandi, 1996).

Nas comemorações em 25 de julho, as palavras presentes nas celebrações religiosas tiveram o mesmo tom: a gratidão a Deus pelas dádivas proporcionadas, o culto aos antepassados e o enaltecimento do trabalho e da fé do imigrante.

Dentre os pontos comuns dos sermões está o aspecto do locutor (o padre ou pastor) identificar-se com seu alocutário⁷⁰ (o público descendente de alemães). O pastor Schroeder assim celebrou: “falemos de nós [...] que herdamos, com as messes recebidas, a obrigação de dar-lhes continuidade” (Rotermund, ag. 1974, p.55). O padre Ludwig Koch conclamou: “volvemos o olhar ao passado, ao trabalho realizado por nossos pais e avós”.

O mesmo se repetiu nos discursos pronunciados na Feitoria. Ernesto Rotermund falou emocionado:

Permaneçamos por mais alguns instantes neste lugar sagrado, sintamos por mais alguns momentos a emoção que nos vai na alma, nesta hora evocativa. O badalar dos sinos pela manhã, anunciava a todos os quadrantes o mandamento de Deus: honra a teu pai e a tua mãe. É o que tentamos fazer hoje. Honramos aqueles pioneiros, nossos pais, que além de proporcionarem uma nova Pátria, trouxeram consigo a fé cristã [...] (Rotermund, ag. 1974, p.65).

Mathias Stoll, representante do intendente de Porto Alegre, falou da mesma forma. Assim, a maioria dos oradores falaram de “alemão para alemão”, o que evidencia, mais uma vez, que a festa foi um momento de marcar a identidade étnica.

⁷⁰ *Locutor e alocutário* são funções enunciativas do sujeito falante que dão indicativos da função social que o “eu” do discurso assume, ambos são categorias que permitem caracterizar a polifonia da enunciação. O locutor é representado pelo “eu” falante do discurso e o alocutário é o “tu” do discurso (Orlandi, 1996 p. 61 –62).

Quanto à relação entre locutor e alocutário, cabe referir à postura de dois oradores, que mantiveram, basicamente, as mesmas características nos discursos de julho e setembro. Eduardo Duarte ocultou-se na impessoalidade, não se identificou como descendente de portugueses e tampouco referiu-se explicitamente aos “alemães”. Já o outro orador, H. Daenhardt, cônsul alemão, manteve uma postura neutra e também a opção de evitar aguçar tradicionais tensões.

Um dos discursos que destoou dos demais foi o do Major Fausto de Azambuja Villanova, que falou em nome da municipalidade. Antes de tudo, colocou-se como cidadão do Rio Grande do Sul, como sujeito que se posiciona genericamente com relação ao público descendente de alemães: “Recordar aqui o muito que a colônia alemã tem feito em benefício da nossa grandeza material [...]” (Duarte, 1946, p.137). Mais adiante, o referido público, embora tratado indiretamente, foi alvo de um discurso bastante direto, que acentuava mais ainda a ruptura com os discursos anteriores por introduzir um novo tema:

A colônia alemã tem sido alavanca poderosa do nosso progresso. Ordeira, honrada e obediente ao nosso governo; acatando sempre as nossas leis e as nossas autoridades, ela tem confraternizado sempre com os brasileiros no sentido de elevarem bem alto o nosso Brasil e de grangear a maior soma de felicidades e de grandeza para o Rio Grande do Sul. Cujo governo foi e é amigo e admirador da colônia alemã. No intuito mesmo de prestigiar o princípio da autoridade, a colônia alemã tudo tem envidado para que muitos de seus patrícios não se deixem levar pela campanha difamatória que, contra o governo do Estado fazem os maus brasileiros, ávidos de posições pessoais e que lançam mão de todos os meios para, por meio de uma politicagem rasteira criarem dificuldades ao honrado governo do Estado (Duarte, 1946, p.139).

Essas palavras expressam um certo medo por parte do governo em relação à zona colonial. Conforme Gertz (1987, p.54), “o governo procurava evitar que forças autônomas, que poderiam constituir-se numa oposição de peso, se desenvolvessem nas zonas coloniais”. Em 1924, as discussões em torno da idéia da formação de uma associação teuto-brasileira no Rio Grande do Sul passou a ser permanente e intensa (Gertz, 2002).

Referências à situação da Alemanha pós-guerra não faltaram, especialmente, no discurso de Fischer nas comemorações cívicas ocorridas em julho na Ginástica:⁷¹

O velho Reino Alemão em seu tamanho e beleza não o é mais. Deus usou pesadamente de sua mão sobre a velha, pobre [...] pátria, pela qual nossos corações batem mais fortemente hoje. Mas justo porque a Alemanha hoje está no chão, porque é tão desprezada e humilhada que nós nos declaramos com todo orgulho de nossa alma alemã a ela. De coração aquecido nós confessamos: Nós amamos essa pobre e desgraçada terra de nossos pais. Sangue é mais consistente que água. Também a nós uma mãe alemã deu à luz. Com fidelidade alemã aos nossos irmãos de sangue lá na velha pátria, não queremos saber de dar essa terra e esse povo como perdido. A Alemanha não desaparecerá, não pode desaparecer, nunca. Nós acreditamos no país de nossos pais e nós confiamos no bom Deus lá em cima, que Ele salvará a terra alemã e o povo alemão da grande miséria de agora (Apud Ramos, 2000)

O discurso bem demonstra o clima de entusiasmo e saudosismo presente nas comemorações da sociedade Ginástica, um dos redutos do germanismo em São Leopoldo (Ramos, 2000). O discurso demonstra ainda que as comemorações também serviram para reforçar, simbolicamente, os laços com a Alemanha.

⁷¹ Fischer atuou num posto de comando na 1ª Guerra mundial antes de vir para o Brasil.

Alguns discursos de julho apresentaram certos elementos característicos da ideologia germanista, tais como o ideário de superioridade racial e o *ethos* do trabalho. Nem sempre a referência a pressupostos do germanismo implica, contudo, a divulgação da ideologia germanista. Esse é o caso de vários discursos proferidos durante as comemorações de setembro.

O discurso de Borges de Medeiros (Duarte, 1946, p. 96-103), na inauguração da exposição em Novo Hamburgo, ilustra bem esse caso. Depois de lembrar os bandeirantes paulistas e a colonização de “novos agricultores” e suas “qualidades intrínsecas”, que nem mesmo em solo americano foram abaladas, Borges reiterou a operosidade dos alemães.

Paralelamente às considerações elogiosas, Borges referiu-se ao cumprimento do dever dos “alemães” de cultivar a comunhão de sentimentos, opiniões e interesses. Aqui os “alemães” foram enaltecidos pela suposta qualidade de obedientes. Nesse sentido, vale lembrar que “o discurso não é um reflexo da situação, nem está mecanicamente determinado por ela. Além disso, o discurso não tem como função constituir a representação fiel de uma realidade, mas assegurar a permanência de uma certa representação” (Orlandi, 1996, p.55). Nesse caso, trata-se de assegurar a representação do elemento “alemão” como ordeiro e pacífico. Dentro desses limites, foi destacada a contribuição moral e política do elemento colonizador germânico.

Após o discurso de Borges, falou Jacob Kroeff Neto (Duarte, 1946, p.103-109), que também se referiu à superioridade alemã, ao “trabalho alemão” e ao patriotismo.

Kroeff tomou a palavra como portador da “raça heróica e valorosa” e manteve “o alemão” como seu alocutário ao longo de seu discurso: “vamos festejar” quer dizer, nós descendentes de alemães, “nós, os seus descendentes”. Somente quando abordou

o tema do patriotismo é que mudou o alocutário: passou então a falar para o “outro”, “meus senhores”, assumindo mais tarde o papel de brasileiro. Para Kroeff, o momento era propício para tocar na “delicada” questão da nacionalidade: “Não podemos de forma alguma concordar e consentir que nos chamem de renegados, e que nos envergonhemos de nossa origem germânica, ou ainda, que tenhamos receio de isso afirmar! Não, absolutamente não” (Duarte, 1946, p.106).

Conforme Kroeff, o alemão tem preparo científico superior. Essa fala, acrescida de outros elementos de seu discurso, como por exemplo, o querer ser brasileiro de coração, pode ser enquadrada como proposta bem característica da germanidade, em que o pluralismo étnico é reivindicado. Esse discurso, contudo, não pode ser enquadrado como proveniente de um germanista. Ocorre que o orador freqüentemente era identificado como “renegado”, sendo acusado de não se sentir alemão, de modo que o momento foi propício para tentar afirmar o contrário, utilizando-se então do léxico próprio dos germanistas. A festa também foi tomada pelo orador como um espaço de reivindicação manifestando o desejo de que as desconfianças desaparecessem. E, como forma de se precaver de possíveis desconfianças que a festa poderia gerar, Kroeff convidou os descendentes de alemães para festejar como “bons brasileiros”. Essa recomendação parece seguir a tendência de um momento em que o discurso sobre a germanidade aconselhava obediência como estratégia para garantia de seus valores (Magalhães, 1988, p.134).

Kroeff preocupou-se em revestir a comemoração com “um verdadeiro caráter nacional”, mas, por outro lado, a todo momento, frisava os vínculos com a Alemanha, não só pela evocação do passado, mas buscando uma ligação no presente, demonstrando o que os alemães representavam no Rio Grande do Sul.

Mais tarde, em São Leopoldo, na Praça Centenário, Olivério de Deus Vieira Filho falou em nome do município de Porto Alegre. Seu discurso teve um tom pedagógico. Retomou a temática do discurso de Kroeff e posicionou-se enquanto descendente de portugueses dirigindo seu discurso aos “alemães”:

É certo [...] que vós não abandonais o culto pela pátria de vossos ancestrais, como a grande maioria do povo brasileiro ainda não cessou de cultuar a pátria dos seus avoengos [...]. Daí, porque, vós que, nas vossas relações externas, usais o idioma vernáculo, no vosso interior, no trato familiar, vos expressais na língua dos vossos maiores (Duarte, 1946, p.78).

Olivério tratou de amenizar as críticas aos descendentes de alemães, igualando o nacionalismo português ao alemão. Mais tarde ficou evidente o tom disciplinador do discurso: “Pode variar a língua, mas isso que importa, se o dever é imutável e o vosso dever vos ordena que ameis a vossa Pátria, o Brasil, acima de todas as cousas?” (Idem).

Olivério terminou seu discurso ressaltando que não só a Alemanha tinha heróis, mas também o Brasil.

Podemos notar que as comemorações não estiveram alheias às discussões políticas nacionais relativas à identidade nacional.

A presença do presidente do Estado deu um caráter especial às comemorações de setembro. Borges, como era de se esperar, em vários momentos, foi tomado como alocutário exclusivo, ora sendo alvo de elogios ora receptor de interesses bem específicos. Em Novo Hamburgo, Kroeff agradeceu enfaticamente a presença de Borges e frisou que ali ele tinha a oportunidade de ver seu prestígio.

Em São Leopoldo, Borges foi enaltecido com fervor no discurso de Olivério de Deus:

A esta altura, o orador volta-se para o Sr. Dr. Presidente do Estado, e diz que suas palavras exprimem o íntimo

sentir do município de São Leopoldo que lhes sussura aos ouvidos, na voz do vento que passa [...]. O município não pode, não deve, não quer também esquecer, na hora solene em que se festeja a sua data centenária, a honra imensa que S. Ex. lhe concede com a sua ilustre presença ali (Duarte, 1946, p.167).

O discurso do seminarista Ponciano Stenzel dos Santos, “interpretando os sentimentos do Arcebispo metropolitano”, poderia ter produzido o efeito de estar no lugar errado em quem tivesse chegado com atraso à celebração. O discurso culminou com o desejo de harmonia entre os poderes religioso e civil.

A participação oficial de representantes da igreja católica no ato dos discursos é um aspecto que se pode comparar ao caráter das comemorações de julho. Em julho, a presença e representação de membros da comunidade evangélica deve ter sido mais intensa, pois, nos rituais, o destaque ficou para o local onde foi realizado o primeiro culto evangélico. Por outro lado, pode-se estranhar o fato de a Casa da Feitoria não ter sido incluída como um dos locais de romaria durante os festejos de setembro, embora isso tivesse sido sugerido nas reuniões preparativas.

Quanto às diferenças entre os discursos proferidos durante as comemorações de julho e setembro podemos sublinhar ainda que, nos festejos de julho, o tema da integração não esteve em pauta com tanta intensidade, até porque não era preciso que o descendente de alemães mostrasse quem era, bastava festejar a si próprio, apoiando-se sobretudo em seu passado. Já em setembro, o trabalho foi mais árduo, era a oportunidade de mostrar aos “outros” quem eram e como queriam ser vistos, daí a importância de se valer de todas as frentes possíveis: do passado e da promessa de futuro. Se nos festejos de julho os oradores pareciam não ter se importado com o “outro” que quisesse festejá-lo, em setem-

bro, a situação exigia a permissão de serem comemorados, embora, em alguns casos, tenha havido resistências nesse sentido. Foi o caso dos discursos que ignoraram a presença do “outro” que, por ter ascendência diversa da alemã, era excluído. Essa exclusão pode ser vista, especialmente, nos discursos que falavam de “alemão para alemão”.

Ao lado do desejo de afirmação perante o “outro”, houve a reivindicação de como se queria ser tratado. A festa não foi um refúgio num passado distante, sua evocação do passado teve raízes bem sólidas no presente, de forma que as motivações simbólicas funcionaram ativamente em diferentes momentos da festa.

De Feriado Local a Estadual

1. A consolidação do “25” como data a ser comemorada

Na década de 20 e nos anos que se seguiram ao centenário da imigração, o “25 de Julho” continuou, com variações, a ser um marco comemorativo em São Leopoldo.

Sendo nossa preocupação analisar as comemorações públicas da imigração alemã em São Leopoldo, cabe-nos a tarefa de observar, quando possível, as relações de diferentes administradores com a data.

A administração de João Correia perdurou de 1924 a 1928 (março). Em 1925, o “25 de Julho” foi novamente comemorado, obviamente não com a pompa das comemorações do ano do centenário. Uma nota na imprensa da capital informou que ficara resolvido que o 25 seria festejado anualmente.⁷² As comemorações do 25 de julho de 1925 incluíram a entrega do monumento concluído aos cuidados da municipalidade.

⁷² *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 28/7/1925.

Em 1926, a data passou em branco⁷³, mas, em 1927, o 25 de Julho foi decretado feriado municipal.

Nos anos de 1926 e 1928 não temos registro de comemorações. Em março de 1928, João Correia faleceu, assumindo então seu posto Frederico Wolfenbüttel, que ficou no cargo até 12 de outubro, quando Teodomiro Porto da Fonseca, candidato eleito, tomou posse.

Teodomiro Porto ficou à frente da administração municipal de 1928 a 1944. Em dezembro de 1930, foi nomeado interventor municipal pelo governo estadual. Em 1935, foi eleito, ficando no cargo até 1944.

Entre 1920 e 1930 (até 1934), o 25 de Julho foi decretado feriado municipal nos seguintes anos: 1927, 1929, 1931, 1932 e 1934. Embora não tenhamos informação de que o mesmo tenha acontecido em 1930 e 1933, a data não deixou de ser festejada publicamente nesses dois anos.

Muitas das comemorações dos anos vinte até 1934 mantiveram rituais semelhantes aos das comemorações de 1924, contando com atos religiosos, esportes, inaugurações, entre outros.

Em São Leopoldo, o ano de 1934 foi tomado como motivo para diversos atos do governo local. Além de encerrar 110 anos da imigração alemã, foi o ano em que se completava o 70º aniversário da elevação de São Leopoldo à condição de cidade (precisamente em 12 de abril).

Essas comemorações foram associadas ao vocábulo “trabalho” e à imigração alemã. A publicação do livro *O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul* é demonstrativo dessa relação. A obra

⁷³ Pelo menos esta é a impressão que temos frente à falta de registro tanto no *Correio do Povo* quanto no jornal *A Federação*. Na data, tampouco João Correia esteve em São Leopoldo, passou o domingo em Taquara.

referida, de Aurélio Porto⁷⁴, consiste num estudo monográfico sobre São Leopoldo e, não por mera coincidência, o penúltimo capítulo destaca a administração de Theodomiro Porto da Fonseca, seu sobrinho. Theodomiro encomendou o trabalho ao tio no contexto das comemorações dos 110 anos da imigração alemã.

Trabalho e imigração alemã estiveram presentes também em 1º de maio de 1934. Nesse dia a cidade encontrava-se em festa. O *Correio de São Leopoldo* publicou uma edição especial intitulada “1824 - Edição especial em homenagem ao Trabalho da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul – 1934”. Ela se devia a uma dupla comemoração: o jornal completava o seu 2º aniversário e, no mesmo dia, era inaugurada a “Exposição Agrícola, Industrial e Avícola de São Leopoldo”.

Nesse mesmo dia, também foi inaugurada a Faixa de cimento e a remodelação da Praça Centenário. A faixa de cimento, que ligava São Leopoldo a Porto Alegre, foi a primeira rodovia intermunicipal de cimento armado construída no estado.

A escolha do 1º de maio para os atos de inauguração não nos pareceu estranha, pelo contrário, pois o Dia do Trabalho cabia bem para o contexto de enaltecimento do “trabalho alemão”. Porém, cabe ressaltar que a data inicialmente pretendida para aquelas inaugurações não tinha sido o 1º de maio, mas o dia 12 de abril, que marcaria o aniversário da cidade. Conforme Moehleck (2000), as obras da exposição, ou seja, a construção de um muro de cimento, portões de ferro e pavilhões na Praça 20 de Setembro, não foram concluídas no prazo previsto (31 de março de 1934). O autor afirma ainda que a organização da exposição não

⁷⁴ Historiador, com larga produção já em 1920, desempenhou também atividades político-partidárias, dentre elas, ocupou o cargo de diretor do Partido Republicano e de intendente, por nomeação de Borges de Medeiros.

contou, desde a fixação do contrato de construção até a concessão de funcionamento interno, com prazos razoáveis.

Assim, o 1º de maio serviu simbolicamente, embora não tivesse sido o propósito inicial.

Embora a data escolhida para a série de inaugurações não tenha sido o 25 de Julho e tampouco ele tenha sido cogitado para tal, o significado atribuído àqueles atos vinculou aquele momento aos imigrantes alemães que ali chegaram em 1824, tanto nos discursos das comemorações, quanto na imprensa e também no livro comemorativo dos 110 anos de imigração. Além disso, deve ser dado destaque à referida exposição, pois o clima por ela gerado foi um dos fatores responsáveis pela decretação do feriado de 25 de Julho em âmbito estadual.

A exposição (ANEXOS C) reuniu aproximadamente 52 expositores de Porto Alegre, 60 de São Leopoldo⁷⁵, 17 de Novo Hamburgo e ainda, em número menor, expositores de Sapiranga, Estância Velha, Lomba Grande, Taquara, Tapes, Santa Cruz e Bento Gonçalves.⁷⁶ Dentre as atividades desenvolvidas por teuto-brasileiros, ganharam espaço, na também conhecida “exposição do trabalho alemão”, as indústrias manufatureira, têxtil, metalúrgica, de madeira, de laticínios e alimentação, couro, marcenaria e móveis, vidro, vinhos, doces, artes domésticas, agricultura, comércio e avicultura. Porém, não foi só o número de expositores que traduziu a magnificência do evento, mas também a beleza dos estandes, que ainda hoje está na memória de muitos leopoldenses, que eram crianças ou adolescentes na época, principalmente o da *Neugebauer*.

⁷⁵ Este número provavelmente se refere à sede do município, uma vez que são apresentados números dos expositores de distritos de São Leopoldo em separado. Este é o caso de Sapiranga, Lomba Grande e Estância Velha.

⁷⁶ Conforme dados do *Catálogo oficial da exposição de São Leopoldo*. MHVSL.

A inauguração da exposição coube ao Interventor Federal no Estado, Flores da Cunha, que, em discurso proferido, congratulou Teodomiro Porto, dizendo-se satisfeito com o emprego da verba que autorizara. Falou ainda da laboriosa colônia alemã.⁷⁷

Se em 1924 foi Novo Hamburgo⁷⁸, o então distrito de São Leopoldo, que ocupou a passarela ao sediar a Exposição agro-industrial, dez anos depois foi São Leopoldo (sede) que brilhou, impulsionando, como já afirmamos, a “conquista” do “25 de Julho” como data estadual.

Esse impulso pôde ser visto na ocasião de um “banquete” oferecido pelos expositores, em 10 de maio, em homenagem a Teodomiro Porto da Fonseca e aos membros da comissão deliberativa da Exposição. Participou desse “banquete” Alberto Bins, prefeito de Porto Alegre, que proferiu um discurso que, no dia seguinte, já foi veiculado na imprensa:

Quero vos dizer apenas duas palavras, não como prefeito de Porto Alegre, mas como industrial. [...]. Como descendente de alemães, sinto-me profundamente satisfeito por ver que um prefeito nosso ideou, organizou e realizou este magnífico certame. [...]. Ainda no dia da inauguração, ele próprio me disse: os alemães são muito modestos e vocês descendentes herdaram essa modéstia. Não mostram quanto fazem e quanto produzem: eu mostrei. Nos últimos dias, procurei o exmo. sr. general Flores da Cunha, [...], e procurei auscultar a sua opinião, as suas idéias sobre a instituição do dia do colono, homenageando a todos os que aqui vieram, procedentes de todas as origens [...]. E s. exa. me respondeu que se fizesse o requerimento nesse sentido, o qual será estudado e encarado com toda a simpatia. Acrescentou que seria declarado, oficialmente dia do colono a data de 25 de Julho [...].⁷⁹

⁷⁷ Relatório municipal de 1934, p. VIII.

⁷⁸ Desmembrado de São Leopoldo em 1927.

⁷⁹ Discurso veiculado em 11/05/34, constante na encadernação “Reportagens sobre o 25 de Julho” organizada por Fritz Rotermund e doada ao MHVSL.

Bins, homem público e industrial, bem como membro de associações culturais rio-grandenses de origem alemã, tomou a palavra como representante de imigrantes e descendentes de alemães, demonstrando sua ação junto ao governo do Estado para a instituição do “Dia do Colono”. Conforme Alberto Bins, a sugestão do dia 25 de julho para essa comemoração, partiu de Flores da Cunha.

Naquele momento, o 25 de Julho era propagandeado pela “Comissão Pró 25 de Julho” como data a ser “condignamente comemorada”. À frente dessa comissão atuou Fritz Rotermund, acompanhado de Leopoldo Oscar Muench e de Willy Klohs.⁸⁰

Fritz Rotermund é mais um membro da família Rotermund que se envolveu com a preocupação de marcar a passagem do 25 de julho.⁸¹

Como vimos, desde 1924, o 25 de julho aparecia como data a ser lembrada. Os decretos editados por ocasião da data, assinavam a sua origem. O decreto de 1924 disse responder a um “abaixo-assinado por representantes de todas as classes sociais”. O de 1927, indicou ser solicitação de moradores do município e o de 1929, conforme decreto, foi fruto de “aspiração popular”.

A causa, portanto, abrangia interesses de várias pessoas, sendo que a referida comissão tomou as tarefas de consolidar e propagar a data. Dessa forma, em 1933, Fritz Rotermund enviou telegramas a várias entidades do estado e se disse satisfeito com “sua” propaganda em prol da comemoração. Ao mesmo tempo, agradecia seu empenho para que elas acontecessem de forma condigna.⁸²

⁸⁰ Num artigo do *Deutsches Volksblatt*, Benno Frederico Mentz também assinou como membro da Comissão.

⁸¹ Já em 1923, seu irmão, Ernesto Rotermund, participou das primeiras reuniões que deram forma aos festejos de 1924. Ambos, filhos de Wilhelm Rotermund.

⁸² Em 1933, telegramas com este teor foram enviados para a associação dos professores evangélicos e católicos do Rio Grande do Sul. *Reportagens* sobre o 25 de julho, MHVSL.

Em 1934, seguiu com o envio de telegramas no mesmo sentido.⁸³

Podemos notar que Fritz Rotermond teve representatividade em diferentes e importantes meios.

É interessante deixar o registro de que, nos telegramas enviados por Fritz Rotermond a diversos órgãos, não aparece a intenção de tornar a data feriado estadual.

Na semana seguinte ao discurso de Alberto Bins, mais precisamente em 16 de maio, a Comissão Pró-25 de Julho, unida a outras entidades, enviou um memorial a Flores da Cunha, solicitando que o 25 fosse decretado feriado estadual.

Abaixo cito a forma pela qual as entidades se apresentaram:

A Comissão pró vinte e cinco de Julho infra assinada e o Sínodo Rio-Grandense, associação de 401 comunidades religiosas, fundada em 1886, abrangendo 31.149 famílias e 172.121 almas.

A Liga das Sociedades Germânicas, federação de 23 sociedades fundada em 1895, abrangendo 24 sociedades com 4.506 sócios.

A Federação das sociedades de Ginástica do Rio Grande do Sul, fundada em 1895, abrangendo 24 sociedades com 4.506 sócios.

A Associação dos Professores evangélicos Teuto-brasileiros, fundada em 1902, abrangendo 400 sócios.

A Associação dos Professores Católicos Teuto-brasileiros fundada, em 1898, abrangendo 325 sócios.

A Sínodo Evangélico Luterano do Brasil, federação de 168 comunidades religiosas fundada em 1903, abrangendo 4.300 sócios e 26.482 almas.

A Sociedade União Popular do Rio Grande do Sul, fundada em 1912 abrangendo 9.631 sócios.

⁸³ Já a partir janeiro de 1934, começou a enviar telegramas para entidades que seguem: União Popular dos católicos teutos do Rio Grande do Sul. Liga das Uniões Coloniais, Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo, Liga das Sociedades Germânicas de Porto Alegre, entre outras.

A Liga das Uniões Coloniais Rio-grandenses, federação de 245 sociedades, fundada em 1912⁸⁴, abrangendo 18.000 sócios”.⁸⁵

Cabe observar que as entidades que assinaram o documento junto com a Comissão Pró vinte e cinco de Julho fizeram questão de informar sua data de fundação e seu número de integrantes para demonstrar legitimidade. Entidades confessionais – evangélicas e católicas - entidades esportivas, associações de categorias profissionais e clubes recreativos, que podem ser vistos também como representantes das principais instituições germanistas reuniram-se em torno do mesmo propósito (Gertz, 1987).

A resposta à solicitação chegou sete dias depois. Em 23 de maio, o 25 de Julho foi decretado feriado estadual. No dia seguinte, Fritz Rotermund e a comissão receberam uma correspondência do gabinete do secretário do governo do estado dando resposta afirmativa ao seu pedido. Como era de se esperar, a comissão enviou um telegrama de agradecimento a Flores da Cunha, que finalizava com “votos de fidelidade pessoal”.

O conjunto dos fatos relatados acima permite dizer que a instituição do 25 de Julho como o “Dia do Colono” foi fruto da sociedade civil e contou com o respaldo do interventor estadual Flores da Cunha. Essa posição discorda, portanto, da seguinte afirmação: “Ao contrário do que se deu com a instituição do Dia do Colono que, [...], decorreu de decisão governamental, a Semana Farroupilha, [...], foi gestada pela sociedade civil” (Teixeira, 1988, p.60).

⁸⁴ De fato, a data real da fundação desta instituição é 1929.

⁸⁵ *Reportagens* sobre o 25 de julho, MHVSL.

Comemorações do 25 de Julho, desde 1924, não só em São Leopoldo, proliferavam a cada ano.⁸⁶ Sendo ou não feriado local, a data era celebrada. No caso de São Leopoldo, a organização dos festejos públicos contou com a participação da sociedade civil, que não deixava de festejar, mesmo na ausência de promoções festivas da data por parte do poder público.

A decisão governamental de Flores da Cunha não resultou de um ato isolado e é certo que esteve enredada num espectro de interesses, tanto por parte do grupo que a reivindicou quanto por parte de quem atendeu positivamente. Nesse sentido, ressaltou novamente a importância de vermos os aspectos pragmáticos e simbólicos em questão.

2. Nas linhas e entrelinhas do decreto: De quem era o feriado?

Na seqüência da apresentação das entidades que enviaram o memorial solicitando o feriado, está a solicitação propriamente dita:

Vêm respeitosamente solicitar a v. exa. queira elevar o dia 25 de julho a feriado estadual, declarando – o Dia do Colono .

O Dia do Colono será uma homenagem prestada não só ao elemento colonial germânico como também ao açoriano, ao italiano, aos poloneses e aos de outra origem que todos estão ligados por um laço comum: a amanhã dedicado ao bendito torrão rio-grandense.

Formando o colono com o seu trabalho fecundo e seus

⁸⁶ Em Novo Hamburgo, tais comemorações estiveram presentes conforme acompanhamos, embora sem dedicar maior espaço ao fato. Em 1933, conforme informa o memorial que encaminhou o pedido de feriado, bem como fica transparente nas correspondências de Fritz Rotermund, o dia 25 era festejado anualmente, também como feriado local, em diversos municípios coloniais, dentre eles: Estrela, Lajeado e Boa Vista do Erechim.

hábitos morigerados a linha mestra da estrutura econômica e social do Estado, é justo que também tenha o seu dia, como já o tem o soldado, o operário, o empregado do comércio e outros. [...].

Todas essas circunstâncias justificam o pedido, [...] confiando na orientação profundamente democrática e no comprovado espírito tradicionalista e patriota de v. exa. [...].⁸⁷

Já o decreto que instituiu o dia 25 de julho como feriado conta com o seguinte texto:

Considerando que a 25 de Julho de 1824 chegaram ao Estado os primeiros imigrantes colonizadores;

Considerando que o trabalho fecundo desses colonizadores muito contribuiu para o desenvolvimento da economia rio-grandense, quer na agricultura, quer nas indústrias diversas;

Decreta: Art. 1º - Fica declarado feriado estadual o dia 25 de Julho e instituído, (...), o Dia do Colono.⁸⁸

Vários aspectos de ambos os textos merecem ser pinçados para nos aproximarmos da resposta à questão: para quem era o feriado?

Em nada surpreende o fato de ser o 25 de julho o dia decretado como feriado, pois, como vimos, ele já fazia parte da tradição da comunidade teuto-brasileira. Já a escolha do nome do feriado aparece de uma forma não tão clara.

Até 1934, o 25 de Julho foi expressão étnica dos teuto-brasileiros, e não tinha, pelo menos em São Leopoldo, um nome próprio. A data era referida para comemorar anos jubilares do desembarque dos primeiros imigrantes alemães, portanto, da colonização alemã. Também outros aniversários eram incluídos.

⁸⁷ *Reportagens* sobre o 25 de julho, MHVSL.

⁸⁸ Decreto nº. 5.591 de 23/5/1934, cf. *Anais* da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1934.

A denominação “Dia do Colono” não consta em decretos nem foi mencionada pela imprensa, embora fosse comum a menção ao colono como elemento trabalhador, entre outros atributos positivos.

Nas correspondências mantidas por Rotermond com diversas entidades localizamos referências ao “Dia da Colonização”. A denominação “Dia do colono” constou no discurso de Alberto Bins, podendo ter aparecido como sugestão sua.

O ato de nomear o feriado como “Dia do Colono” (sem acrescentar determinada etnia) permitiu que pessoas de outras etnias, que não a alemã, o comemorassem, mesmo que a data fosse marco da etnia alemã.

A categoria *colono* é usada no decreto somente como referência ao “Dia do Colono”. São as explicações paralelas que permitem a interpretação de que a palavra “colono” foi usada da mesma forma como tinha sido usada pelo jargão oficial do sistema de colonização, designando-os como descendentes de imigrantes europeus (Seyferth, 1993). Dessa forma, o termo parece abrangente. Essa abrangência é estendida também à atividade do *colono*, pois a contribuição dos colonizadores deu-se tanto na agricultura como na atividade industrial.

Nesse contexto, não podemos deixar de abordar a categoria *colono* enquanto categoria étnica e, mais especificamente, colono alemão. De fato, associar colono a trabalho não é novidade nesse momento,⁸⁹ o que convém destacar é a positividade dessa associação no contexto dos anos 30.

⁸⁹ Gans (1996, p. 140) cita um estudo de Maria Amélia Dickie, denominado *Os “senhores do sul” e a imigração alemã no RS a partir de 1824*, em que a mesma verifica a presença do discurso da laboriosidade já em 1824, nos projetos de imigração. A partir de 1850, por influência de um grupo de intelectuais vindos ao Brasil, é criado um discurso de enaltecimento do elemento teuto, enfatizando principalmente sua capacidade de trabalho.

No século XIX, num ambiente em que a pecuária predominava e a atividade na agricultura era tida como degradante, o termo *colono*, cuja semântica basicamente é fruto da construção do gaúcho, “além de designar os imigrantes, no nível das representações significava, sobretudo, carência de certos atributos positivamente considerados” (Teixeira, 1988).

Contudo, a figura do colono, ao longo do tempo, vem assumindo uma trajetória que oscila entre estigmatizadora e enaltecida, negativa e positiva, em que mesmo que esteja enredado na teia de ambas as construções, uma delas prepondera.

Conforme Regina Weber (1994), foi nas primeiras décadas do século XX que as regiões coloniais passaram a ser valorizadas, uma vez reconhecida sua contribuição ao desenvolvimento regional. Essa valorização, portanto, é perpassada pela relação entre laboriosidade e colono. Ou seja, “este vai ser valorizado na medida em que cresce a importância de setores ligados aos imigrantes na sociedade gaúcha” (Maciel, 1994, p. 41).

Esse processo é visível em vários momentos das comemorações, como veremos posteriormente. Em discursos, gestos, eventos, o colono alemão é enaltecido e se enaltece.

Por fim, podemos pensar que em 1934 a denominação do feriado como “Dia do Colono” tinha aceitação porque, nesse momento, a situação econômica das regiões de colonização alemã criara condições de orgulho para o “colono”.

Ao que parece, contudo, o feriado denominado “Dia do Colono” não foi “aceito” por todos que dele poderiam apropriar-se, devido à abrangência da denominação e independente das entrelinhas do decreto. Nesse sentido, temos dois exemplos de situações distintas.

O primeiro exemplo da “não aceitação” consiste numa moção apresentada por Fortunato Pimentel em 11 de julho de 1934, na ocasião do VIII Congresso Rural. Ele reivindicou o seguinte:

Criado o dia do colono, o homem da lavoura, deve ser também instituído o dia do fazendeiro, outro propulsor do progresso moral e material do Rio Grande do Sul. O fazendeiro tão solenemente representado em Bento Gonçalves, o criador herói, o grande patriota, o abnegado rio-grandense deve ter como dia – o que marca o esplendor de uma época e o valor de uma raça – 20 de setembro.⁹⁰

Neste caso, o termo colono não foi tomado pelo sentido de descendente de imigrantes, mas pela oposição entre homem colono e homem fazendeiro. A identidade social expressa pela categoria colono não era a mesma da dos fazendeiros e, possivelmente, essa diferença estava também no plano étnico.

Giralda Seyferth, ao analisar a categoria *colono*, relaciona-a à categoria dos produtores rurais. Para a autora, aqueles “consideraram-se distintos de outras categorias de produtores rurais, como aqueles que denominam ‘fazendeiros’. A categoria fazendeiro pressupõe a posse de uma área de terras muito maior do que uma colônia, e a utilização de mão-de-obra assalariada” (Seyferth, 1993, p. 38-39). No caso da situação exemplificada, são os produtores rurais integrantes da categoria *fazendeiros* que fazem questão de se diferenciarem da categoria *colono*.

O direito a ter um dia próprio foi argumento também do memorial que solicitou o “Dia do Colono”. Contudo, no caso do “Dia do Fazendeiro” a proposta, mesmo porque apenas consistia em uma moção encaminhada para o próprio grupo, era mais modesta, pois não se falou em decretação de feriado, até porque a data proposta já era feriado estadual. Diferentemente, entidades

⁹⁰ *Reportagens* sobre o 25 de Julho – MHVSL. Artigo intitulado “O Dia do Colono e o Dia do Criador”, veiculado dia 12/7/1934. O recorte do artigo não incluiu a informação do nome do jornal.

teuto-brasileiras citaram outras categorias (soldados, “empregado do comércio”) que, embora tivessem seu dia, ele não possuía o status de feriado estadual.⁹¹

O segundo exemplo da “não aceitação” do feriado, embora não se caracterize propriamente como tal, revela um quadro que poderia sugerir-lo. O prefeito de Caxias do Sul, Miguel Muratore, frente ao fato de que o município de São Leopoldo havia instituído o “Dia do Colono”, enviou a um jornal uma cópia de um ato de 31 de janeiro de 1933 em que ele próprio decretou o dia 19 de fevereiro como sendo o “Dia do Colono”⁹²: “Considerando que o Colono Italiano foi Criador deste Município e continua sendo o sustentáculo do seu progresso material”. Esta notícia não se coloca propriamente como “não aceitação” do decreto estadual, enquadra-se antes como uma notificação de que um feriado com essa denominação tinha sido festejado em 1933 em Caxias, e em data diferente da do município vizinho. Além disso, o fato do decreto estadual que instituiu o Dia do Colono em 1934 ter considerado o 25 de julho como data representativa da imigração alemã e não o 19 de fevereiro também pode ter gerado uma situação de “não-aceitação” do mesmo; ainda mais se considerarmos que o município de Caxias já festejava o “Dia do Colono” e já possuía o hábito de “festejar” o colono italiano.⁹³

⁹¹ Falta de modéstia no fato de constar, naquele memorial, a sugestão de que Flores da Cunha sugerisse ao governo federal que ele também poderia prestar homenagem ao trabalho do colono, emitindo um selo. Estas peculiaridades podem indicar que já se tinha como certo que o “25” seria feriado estadual.

⁹² Reportagens sobre o 25 de Julho – MHVSL. Não há registro do título do jornal em que tal matéria foi publicada. Nesse caso, a carência de dados como data da notícia e também o seu veículo, prejudicam uma interpretação precisa. Certamente o ocorrido passou-se em 1934, pois antes disso, como já acentuamos anteriormente, não havia denominação própria para o feriado.

⁹³ Estamos fazendo referência às comemorações no município de Caxias do Sul no “dia do colono”, instituído no município. Certamente o “colono italiano” também foi “festejado” numa exposição que ocorreu naquele município em 1931, que partiu de uma iniciativa privada e que deu início às festas da uva do município.

No memorial que solicitava o 25 de julho como feriado, como vimos, buscou-se contemplar diferentes “origens” além da do colono alemão, mas as comemorações não passaram efetivamente de manifestações isoladas de diferentes grupos. A intenção de abranger a todos não foi expressa no decreto estadual, ele apenas se refere ao “25”, lembrando a chegada dos primeiros colonizadores ao estado nessa data e ao trabalho “desses”, portanto, colonizadores alemães. O decreto não faz menção à nacionalidade dos imigrantes, mas está claro que fala daqueles colonizadores, os primeiros imigrantes colonizadores. Num sentido restrito ao decreto, podemos dizer que ele visava a homenagear tão somente os imigrantes alemães.

A preocupação em contemplar a todos pode ter sido apenas um recurso para garantir que o pedido fosse aceito, pois nem mesmo aqueles que assim o propuseram, conseguiram comemorar a data com esse espírito. Basta lembrar os auto-enaltecimentos e a não referência às demais etnias, aspectos presentes nas publicações comemorativas que partiram do grupo étnico alemão que reivindicou a data como sendo de todos.

Uma tentativa no sentido de contemplar a todos pode ser vista no *Correio do Povo* que, nos anos anteriores, no dia 25 de julho, tinha como hábito veicular matérias relativas à imigração alemã, e que, no ano de 1934, acrescentou referências relativas a outras etnias.⁹⁴ Mas para a imprensa local - no caso nos referimos apenas a São Leopoldo - a data continuou sendo comemorativa da imigração alemã. Por fim, cada etnia acabou enaltecendo-se a si mesma, de forma que não houve uma “festa ou comemoração estadual”, ou seja, que tenha enaltecido a todos.

⁹⁴ *Correio do Povo*, 25/7/1934. Texto sobre poloneses, quadro demonstrativo dos imigrantes entrados no Estado de 1882 a 1914, entre outros.

À parte esse quadro, cabe ressaltar que as comemorações de maior expressão foram as do meio teuto-brasileiro, o que era de se esperar, pois a data já estava consolidada em muitos redutos de colonização alemã. Em diferentes locais, com colonização alemã preponderante ou não, podemos constatar que a comemoração ocorreu em redutos teuto-brasileiros ou de alguma forma indicou que o que se comemorava era o dia do colono alemão.⁹⁵ Entre as colônias italianas localizamos comemorações em Garibaldi, onde a data foi festejada com missa solene, churrasco e comício⁹⁶ e em Boa Vista do Erechim. Em Porto Alegre, a comemoração entre a comunidade italiana teve espaço na Sociedade Dante Alighieri. Contudo, a pompa dessa comemoração possivelmente não pode ser nem de longe comparada aos festejos dos teuto-brasileiros no campo do *Turnerbund*, que foi sobrevoado por um avião da Varig, que trazia em suas asas as bandeiras brasileira e rio-grandense e que deixou cair rosas sobre as autoridades.⁹⁷

Para alguns grupos, a forma de comemoração não passou de homenagem em jornal ou atividades quase nada festivas, o que é compreensível, dado que comemorar o feriado em uma data que até então não era significativa, parece normal.

Entre os descendentes de portugueses, o Dia do Colono apareceu com o seguinte tom: o cônsul de Portugal, Antonio José Rodrigues, publicou no *Correio do Povo* uma nota aos cidadãos portugueses domiciliados no estado, nos seguintes termos: “O entusiasmo que ponho na saudação que hoje vos dirijo represen-

⁹⁵ O *Diário de Notícias*, de 25 de Julho de 1934, informa as comemorações do “Dia do Colono” em vários locais, são eles, Pelotas, no distrito de Três Vendas (com hasteamento da bandeira brasileira e alemã), em Santa Rosa (“em alemão, falarão diversos oradores”), em Rio Grande (baile no Tiro Alemão).

⁹⁶ *Diário de Notícias*, de 25 de Julho de 1934. Não temos mais dados sobre as comemorações neste local, mas podemos pensar que o que se comemorava era o dia do colono italiano.

⁹⁷ *Correio do Povo*, 26/7/1934, p. 10.

ta [...] o fervor carinhoso, sincero e admirativo pelas vossas inexcusáveis qualidades de trabalhadores laboriosos, pelo vosso espírito de sacrifício [...]”.⁹⁸ Assim, os mesmos termos que eram comuns nos discursos de enaltecimento do colono alemão fizeram-se presentes nessa homenagem.

Na solicitação do feriado do Dia do Colono, não se fala em homenagear os portugueses, mas os açorianos. Certamente fizeram esta distinção por considerarem os açorianos como imigrantes e não como povoadores. A homenagem do cônsul, no entanto, não fez tal distinção, de forma que os portugueses puderam tomar também como seu o “dia do colono” e, ao que parece, sem problemas.

Na imprensa, foram destaque as comemorações entre os imigrantes e descendentes de alemães, em especial na capital do estado e em São Leopoldo. Em Porto Alegre, a comemoração ocorreu no *Turnerbund* e contou com a presença de 10.000 pessoas.

Em 23 de julho, uma comissão composta por representantes do meio teuto-brasileiro⁹⁹ foi ao Palácio do governo agradecer pela decretação do feriado e convidar o interventor para participar dos festejos. Na ausência do interventor, foram recebidos pelo secretário do interior, João Carlos Machado, então no exercício da interventoria. Na mesma condição, fez-se presente na festa realizada no *Turnerbund*. No discurso proferido por ele, em nenhum momento o colono alemão foi tratado distintamente, foi frisado que a data era de todos: “portugueses, italianos, alemães, poloneses, colonos e cidadãos de todas as nações aqui vindos [...]”.¹⁰⁰ Isso faz crer que o feriado era para todos. Já as palavras de

⁹⁸ *Correio do Povo*, 25/7/1934, p. 10.

⁹⁹ Foram eles: Franz Metzler (diretor do *Deutsches Volksblatt*), Pastor Gottschald (diretor administrativo da Liga de Sociedades Germânicas), Arnaldo Berch (firma Arnaldo & Cia) e Max Ertel (firma Bromberg S.A). Cf. *A Federação*, 24/7/1934, p. 3.

¹⁰⁰ *Correio do Povo*, 26/7/1934, p. 10.

Flores da Cunha, publicadas na *Die Serra – Post*, fazem pensar que o feriado foi uma data para “alemães” comemorarem:

No dia em que se comemora o desembarque na antiga Feitoria do primeiro grupo de colonos alemães, núcleo inicial de São Leopoldo, eu quero manifestar [...] o meu grande júbilo de governante e de rio-grandense pela significação desta data [...].

[...] o que desejo expressar [...] é a gratidão dos meus conterrâneos a esses homens de outra raça [...].

Descendentes de alemães, teuto-brasileiros, no dia de hoje, eu vos saúdo e abraço fraternalmente.¹⁰¹

Possivelmente, Flores da Cunha não escreveu congratulações a “todas as raças”. A saudação é para descendentes de alemães, o decreto, lido juntamente com o texto acima, mostra que o feriado visava comemorar um grupo específico, de forma que nos parece importante contextualizar as relações entre o governo do estado e as colônias alemãs.

3. “25” e o clima de simpatia entre governo do estado e colônias alemãs

O ano de 1924, centenário da imigração alemã, não passou em branco para o presidente do estado, Borges de Medeiros. Em setembro, ele inaugurou a exposição comemorativa em Novo Hamburgo, também esteve na sede, São Leopoldo, onde inaugurou o monumento alusivo ao centenário. Marcou presença também em Porto Alegre nas dependências do *Turnerbund*. Esses fatos demonstram o apreço público do presidente do estado para com os teuto-brasileiros.

¹⁰¹ Segue ao texto a assinatura de Flores da Cunha datada de 25 de julho de 1934, embora o jornal que publicou a homenagem, *Die Serra-Post*, órgão semi-oficial do Partido Republicano Liberal de Ijuí, esteja datado do dia anterior.

O 25 de julho também foi prestigiado por Getúlio Vargas, que, em 1930, então presidente do estado, esteve em São Leopoldo na Sociedade Ginástica.

Flores da Cunha, na década de 30, não só declarou a data feriado estadual como prestigiou os teuto-brasileiros participando de diversos eventos.¹⁰²

As relações de simpatia entre governo e colônia alemã podem ser percebidas ainda na forma como o poder estadual refere-se aos descendentes de alemães ao longo dos anos.

Em março de 1924, Borges de Medeiros encomendou um trabalho em homenagem à colonização germânica no estado, do que resultou o livro organizado por Ernesto Pellanda, *A colonização germânica no Rio Grande do Sul*. Nas páginas iniciais, consta uma carta de Borges com os seguintes dizeres:

Depois dos açorianos [...]. Na evolução e grandeza do povo rio-grandense a colonização germânica tem sido um fator étnico, econômico e social dos mais importantes.

Bem haja, pois, a iniciativa [...] a celebrar o centenário desse acontecimento (Pellanda, 1925).

Também Flores da Cunha falou elogiosamente sobre os imigrantes alemães:

Aquele punhado de povoadores, a que seguiram muitos outros, rebentos todos de uma raça forte e sã, [...] constitui o tronco fecundo e abençoado que, desdobrando-se, esgalhando-se, sem cessar, deu origem à maior parte das colônias alemãs no Rio Grande do Sul.

Gente ordeira, pacífica, de alma rija, temperada numa disciplina milenar, aqueles homens simples eram dotados dos atributos mais completos [...].

¹⁰² Em 1933, esteve presente numa exposição em Montenegro e, em 1934, em São Leopoldo.

Muito em breve, a excelência dos frutos vinha atestar a qualidade da árvore.

[...] os primitivos alemães e seus descendentes [...] trouxeram ao nosso desenvolvimento social e a nossa riqueza, uma contribuição inestimável, cuja ausência, por si só, teria retardado sensivelmente a aceleração do nosso progresso e modificado, quiça, o ritmo de nossa história.¹⁰³

O aspecto de enaltecimento em ambas as falas passa pela vinculação entre etnia e trabalho e pelo reconhecimento do elemento alemão, especialmente por suas contribuições no campo econômico.

Por um lado, esses discursos estão situados num contexto de cooptação do governo com áreas coloniais, uma vez que elas assumiam cada vez mais uma posição de poder, paralelamente à decadência das áreas voltadas à pecuária (Maciel, 1994, p. 41); por outro lado, podem ser entendidos através dos sentimentos dos governantes por essa população, que podem ser vistos também nas relações políticas entre ambos. Conforme Gertz (1987, p.51):

No Rio Grande do Sul [...] havia um Estado altamente centralizado, dominado por uma oligarquia partidária que freqüentemente se mostrava desconfiada em relação à população de origem alemã e se preocupava em manter esta população sob controle. Esta população [...] assumia uma posição de adesão ao governo estadual [...]. Dentro dos limites possíveis organizava-se e barganhava com o poder estadual.

Gertz aponta ainda para a forma de participação política da população teuta. Conforme o autor, essa participação se deu através de meios não tradicionais (partidos, eleições), mas através de diversas organizações teutas com funções políticas. Dessa forma,

¹⁰³ *Die Serra-Post*, 24/07/1934, p. 2.

podemos imaginar que se não fosse referendada a solicitação do feriado, a negação poderia ter conseqüências negativas ao governo.

A simpatia pelo governador devido à decretação do feriado, por certo, trouxe outros resultados. Flores da Cunha recebeu notas de agradecimentos de várias localidades do estado, sendo que a maior parte dos remetentes foram representantes teutos.¹⁰⁴ Em certa medida, isso expressa a adesão ao governo. O mesmo pode ser visto no livro *O patriótico governo do G José Antonio Flores da Cunha: O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*, de Antonio Soveral¹⁰⁵, publicado em 1935. O autor, natural de Pelotas, atuou como jornalista em Porto Alegre. A obra foi patrocinada basicamente por descendentes de alemães.

Os elogios constantes à “laboriosa raça alemã”, o relato dos principais feitos do governo de Flores da Cunha bem como o patrocínio de municípios em grande parte de Porto Alegre, São Leopoldo e Taquara não são isentos de interesses. A adesão a Flores da Cunha e a proximidade das eleições municipais de 1935 parecem confirmá-lo.¹⁰⁶

As relações de simpatia devem ser vistas, sobretudo, considerando as relações econômicas entre Brasil e Alemanha. Gertz (1987) afirma que, na década de 1930, as relações econômicas entre Brasil e Alemanha melhoram significativamente, o que se reflete na política. Em nível nacional, a relação do governo nacional com as colônias das grandes cidades é interpretada pelo au-

¹⁰⁴ Cf. *A Federação*, 23/7/34, 27/7/1934, foram recebidos telegramas de Novo Hamburgo, Três de Maio, Santa Rosa, Neu Württemberg, Santa Cruz, Boa Vista do Erechim, São Pedro, Alfredo Chaves, São Lourenço, Carazinho, São Leopoldo, Guaíba, Taquara, Venâncio Aires e de Santa Maria.

¹⁰⁵ Em 1924 fundou o jornal *A Lanterna*. Também escrevia artigos para a *Gazeta do Comércio* que fundou e dirigiu. Em 1937, publicou pela Globo *O Rio Grande do Sul em todos os seus aspectos*.

¹⁰⁶ Não há indicação, no livro, da data exata de sua publicação. Alguns dados do texto permitem inferir que a edição se enquadre pós 15 de setembro e anterior às eleições.

tor também como reflexo dessas relações. Nesse sentido, é entendida a participação de Getúlio Vargas nos festejos do “25 de Julho” no Rio de Janeiro. Ainda conforme Gertz (1987, p. 65):

[...] nos estados do sul o governo federal determinava às mais altas autoridades federais ali sediadas que prestigiassem as festividades da população teuta. [...]. Este comportamento certamente visava criar um clima favorável nas relações com a Alemanha.

O quadro dos anos 30 favorecia, portanto, a decretação do 25 de Julho como feriado estadual. Ele também permite justificar o fato deste feriado homenagear especialmente o colono alemão.

25 de Julho, uma Data Incômoda - 1934 a 1946

1. A comemoração do 110º aniversário da imigração alemã

Como vimos anteriormente, a cidade de São Leopoldo era festejada por dois motivos: os 110 anos da imigração alemã e o 70º aniversário da cidade. Nesse contexto, houve, naquele ano, uma exposição, publicações especiais e uma série de inaugurações.

Além dos preparativos, que partiram da prefeitura local, houve o apoio da imprensa e da comunidade. Na cidade, circulou um folheto, intitulado “Apelo Pró-25 de julho”, convidando toda a população a “festejar unida” o Dia do Colono,

Colonos, imigrados, brasileiros! (sic)

O Governo do Estado elevou vosso feriado para feriado oficial.

O Governo do Estado prestou com esse ato a maior honra ao vosso trabalho!

O Governo do Estado deu-vos esta grande satisfação, porque conhece o vosso labor e vossa leal dedicação em prol do Estado.

Colonos! [...] Imigrados [...] Brasileiros!

Vossos anseios pertencem à vossa Pátria, vossa vontade deusvos (sic) força para o trabalho dinâmico do progresso. Na exposição de São Leopoldo fostes honrados pelo

vosso trabalho.
Colonos, imigrados, brasileiros!
Pensai no feriado estadual em vossa honra! Regozijai-
vos do vosso direito e aproveita-o!
Festejai o dia 25 de Julho como festa do solo pátrio, da
vossa história centenária [...]”.¹⁰⁷

O feriado aparece aí como resultado do trabalho do colono, reconhecido na exposição de maio de 1934. O *colono*, que também é *brasileiro*, tem o *direito*, concedido pelo governador do Estado, de comemorar a data.

A *Deutsches Volksblatt*,¹⁰⁸ na edição de 24 de julho de 1934, falou do significado do 25 de julho para o “povo colonizador”, fazendo uma retrospectiva das datas que eram por ele comemoradas: antes da guerra, o aniversário do imperador, mais tarde, alguns preferiram a data do início da guerra. Conforme a folha, ambas as datas geravam controvérsias, a primeira, era vista por alguns como uma data que tinha mais sentido para quem vivia na Alemanha, já a segunda, não tinha o significado de aniversário. O jornal destacou ainda que, desde 1924, o 25 de Julho ficara sendo o dia dos colonizadores alemães festejarem, sendo conhecido como “Unser Tag”, ou seja, “nosso dia”.¹⁰⁹ O texto finaliza afirmando que o 18 de janeiro, data do início da guerra, não perdia seu valor, mas “o 25 levaria o povo a estar mais próximo da sua segunda nacionalidade”. E, nesse sentido, não havia porque ter receio de comemorar, pelo contrário, deveria ser aproveitado o momento que era dado como direito.

¹⁰⁷ Estes escritos datam de julho de 1934 e partiram de organizações culturais e sociais e também da Comissão Central Pró 25 de Julho. Ver: MHVSL.

¹⁰⁸ *Deutsches Volksblatt*, 24/ 7/1934, p. 1.

¹⁰⁹ Não encontramos essa denominação em 1924, ela passou a ser utilizada a partir de 1934 pela Comissão Pró 25 de Julho, que a utilizou como slogan.

A programação para a data festiva foi a seguinte:¹¹⁰

- 6h Repique festivo dos sinos, 21 salvas.
- 8h30 Toque de trombones por um coro na torre da Igreja de Cristo
- 8h30 Missa solene na Matriz
- 9h30 Culto na Igreja de Cristo
- 1h30 Distribuição de prêmios aos expositores do município
- 12h Repique dos sinos das duas igrejas
- 14h30 Concerto da Banda do 8º B.C e concurso desportivo no campo do S. C. Nacional
- 17h Formação junto à sede da Sociedade Ginástica
- 19h15 Marcha com archotes pelas principais ruas da cidade em direção ao monumento do colono alemão; ali: formação em frente do mesmo e, abaixar dos archotes, será observado, como homenagem, uns momentos de silêncio; um conjunto de trombones executará, então, uma canção
- 21h Reunião solene na Sociedade Ginástica. O ingresso é franqueado a todos, pede-se, porém, não trazer crianças.

Mais uma vez, repetiram-se alguns dos rituais de anos anteriores. A novidade ficou por conta dos archotes. A Sociedade Ginástica teve papel de destaque, pois o préstito de lá partiu e, por certo, para lá deve ter voltado, dado que o ingresso foi franqueado, como noticiou o jornal. Na Sociedade Orpheu, a data foi festejada no dia 28 de julho, exclusivamente para sócios e convidados. Como se vê, o Orpheu não tomou a linha de frente das comemorações, postura que, de certa forma, pode ser entendida através do processo de nacionalização do clube que, conforme Ramos (2000), se nacionalizou antes da Ginástica. Considerando esse fato, podemos inferir que a data, ou melhor, sua comemora-

¹¹⁰ Cf. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 25/7/1934, p. 7.

ção, era vista como um modo de resistência à nacionalização, daí a conveniência de festejá-la sem muito alarde.

Como afirmamos anteriormente, o 25 de julho passou a ser visto como uma data nacional, no sentido de que fazer parte da história dos alemães no Brasil e não simplesmente da história da Alemanha, mas não deixou de ser também uma data alemã, pois permitia que os laços simbólicos com a Alemanha fossem reafirmados. No conjunto, descendentes e imigrantes alemães bem como de outras etnias confirmavam a data como brasileira. Um exemplo disso foi a avaliação dos festejos na Sociedade Ginástica de Porto Alegre, feita por um jornal da capital: “Devemos consignar o cunho de brasilidade que reinava, confundindo-se a nossa gente com o elemento alemão e teuto-brasileiro, na mais alegre fraternidade”.¹¹¹ A característica dessa fala, diferenciando o “nós” do “outro”, foi bem comum, mesmo que a conclusão fosse a de que não havia diferenças. O clima, no entanto, era de contrariedades, seja ligadas à desconfiança em relação à brasilidade do imigrante, seja enquanto expressão do desejo de brasilidade. Por outro lado, é possível crer que, para uma parcela da população, as comemorações não foram sentidas ou mesmo vividas nesse clima de contrariedades.

Como afirmei anteriormente, as relações dos imigrantes e dos descendentes com a Alemanha, durante as comemorações do 25 de Julho, não se deram apenas evocando o passado. Afora os fatos anteriormente citados, há um caso curioso que ocorreu em Lajeado. Às vésperas das comemorações da data, o prefeito da cidade, Oscar da Costa Karnal, enviou um fonograma ao secretário estadual do Interior, Athos Damasceno, buscando solução para a dúvida local sobre qual a bandeira da Alemanha que

¹¹¹ *Jornal da Manhã*. Porto Alegre, 26/ 7/1934.

deveria ser usada: “a antiga ou a hitlerista” (Schierholt, 1989, p. 88). Conforme Schierholt (1989), a resposta do fonograma não foi encontrada e, em jornais da localidade, que cobriram os festejos não houve referência ao nazismo ou ao integralismo.

Esse acontecimento permite afirmar que, pelo menos naquela época e naquele local, as manifestações nazistas nos festejos eram ocasionais, não estando fundadas na posição de uma liderança ou no desejo de celebrar a vitória do nacional-socialismo.

Nas festas no *Turnerbund*, em Porto Alegre, a bandeira da Alemanha hitlerista teve presença destacada (ANEXOS D). Nos festejos de São Leopoldo, não encontramos nenhum registro da presença da referida bandeira nas comemorações do 25 de julho, em todo caso, “velha” ou “nova”, a bandeira da Alemanha era hasteada junto à brasileira e a do Estado.

2. O Dia do Colono em 1935 e 1936

Em 1935, os festejos mais falados eram os que ocorreriam nos redutos alemães, ou seja, nas cidades colonizadas por imigrantes alemães, embora fosse noticiado que o feriado seria comemorado com “imponentes festas” por alemães, italianos e poloneses.¹¹² Registramos também, nesse ano, uma saudação da Federação das Associações Rurais pela passagem do Dia do Colono.¹¹³ A partir dessa saudação, subentende-se que a data era estendida a todos trabalhadores agrícolas e não só aos imigrantes ligados à

¹¹² *Jornal da Manhã*, Porto Alegre. 25/7/1935, p.8. A mesma edição falou das comemorações no *Turnerbund* em Porto Alegre. Na edição do dia seguinte, há uma nota sobre os festejos em Rio Grande, onde, após o discurso do sr. H. Landgraf, foram entoados os seguintes hinos: ao 25 de julho, nacional brasileiro e o nacional alemão.

¹¹³ *Jornal da Manhã*, Porto Alegre. 25/7/1935 26/7/1935, p. 11. *A Federação*, Porto Alegre, 24/7/1935, p. 2.

terra. Mas ainda estava em definição de quem era aquela comemoração. Na Assembléia Legislativa, o representante da bancada da Frente Única, Décio Martins Costa, saudou o Dia do Colono referindo-se exclusivamente a alemães e italianos.¹¹⁴

Conforme noticioso, o dia seria também comemorado pela sociedade Teuto-brasileira de Nova Iorque, de onde o “patrício Henrique Winter fará uma conferência sobre este acontecimento histórico”.¹¹⁵

Em homenagem à imigração alemã, várias foram as publicações comemorativas: peças dramáticas, prosas, poesias e canções.¹¹⁶

Em São Leopoldo, o Dia do Colono foi festejado com missas e cultos, com a colocação de uma coroa de flores no monumento, com a substituição da denominação da Rua do Comércio para Rua Hillebrand e com pronunciamentos de Remi Fonseca e A. Gedhardt.¹¹⁷ As poucas fontes analisadas (sobre os festejos) não indicaram nenhuma relação entre os festejos e as eleições daquele ano.

O governador do Estado do Rio Grande do Sul acompanhou os festejos da data em Blumenau,¹¹⁸ onde, naquele ano, ela foi pela primeira vez festejada como feriado estadual (Gertz, 1987).

Em setembro daquele ano, os imigrantes alemães foram lembrados e reconhecidos ao lado de outras etnias no discurso de Flores da Cunha no ato inaugural da exposição do Centenário Farroupilha.¹¹⁹

¹¹⁴ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25/ 7/1935.

¹¹⁵ *Jornal da Manhã*, Porto Alegre. 25/7/1935 21/ 7/1935, p. 13.

¹¹⁶ Dentre esta produção destaque: de Werner Burckas, “Profissão de fé”, “A nossa força”, “O nosso dia”, “O carvalho e a palmeira”; e de Josephina Wiersch, “A canção alemã”. Cf. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 21/7/1935.

¹¹⁷ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25/7/1935, 26/ 7/1935, p.2.

¹¹⁸ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25/ 7/1935, p.1.

¹¹⁹ *A Federação*, Porto Alegre, 21/ 9/1935.

Em 1936, o *Correio do Povo* anunciou a data da seguinte forma: “Comemora-se hoje o ‘Dia do Colono’, feriado estadual [...] **UMA INICIATIVA DOS TEUTO-BRASILEIROS**”.¹²⁰ No dia seguinte, na página 10 da edição do mesmo jornal, foi publicado o discurso proferido por Flores da Cunha nas dependências do *Turnerbund* em Porto Alegre.¹²¹ Flores da Cunha mais uma vez demonstrou os intensos laços que mantinha com os teutos. Citou vários nomes de homens públicos descendentes de alemães e que colaboravam com seu governo, como Alberto Bins, Guerra Blessmann, Leopoldo Collor, Frederico Wolffenbüttel, prefeitos, entre outros. Concluiu: “Enfim, em todos os ramos da administração pública se encontram elementos de origem germânica, dignificando-a com o seu valor pessoal, honradez e nobreza de caráter”. Os comportamentos dos colaboradores citados eram, portanto, característicos de sua raça. Assim, os nomes anunciados foram acompanhados de expressões como: “descendente direto de alemães” e “alemães puros”. A operosidade da velha Alemanha, conforme Flores da Cunha, era paradigma dos descendentes de alemães. A autoridade partilhava também do mesmo desejo de muitos dos descendentes de alemães e que foi temática presente, mais uma vez, por ocasião das comemorações do 25: “tive a oportunidade de afirmar, num grito nascido do fundo da minha consciência (sem ser germanófilo), e pelo conhecimento da história desse grande país, que a Alemanha se libertaria desse colapso que a acolheu”. Continuou dando glórias ao restabelecimento daquele país.

Flores da Cunha, em mais um momento, fez do 25 de julho um momento de intensificação política de seus laços com os descendentes de alemães e lembrou até mesmo do “alemão humilde”, o “verdadeiro colonizador”.

¹²⁰ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25/ 7/ 1936.

¹²¹ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26/ 7/1936.

Mas o fortalecimento desses laços encontrou limitações. Embora Deus tenha dado vida ao governador para que concluíse seu mandato, como ele próprio expressou ser seu desejo no final de seu discurso, Vargas não lhe deu “vida” para cumpri-lo. Cunha estava limitado para abrir mais espaço aos seus colaboradores descendentes de alemães. Isso pode ser percebido através das considerações de René Gertz quanto aos fatores materiais que interferiram na campanha de nacionalização:

A década de trinta é o momento em que se chega ao auge o crescimento da metade norte do Estado frente ao sul. [...] Mas também é verdade que o sul tradicional e seus aliados nunca abriram mão da hegemonia política. [...] a continuidade dessa situação parece tornar-se insuportável e [...] a intensa bajulação das populações coloniais por parte de Flores da Cunha, um representante do Rio Grande do Sul tradicional, deve ter sido a última tentativa para lidar com a situação (Gertz, 1991, p. 73-74).

São Leopoldo, em 1936, festejou o dia 25 de julho com festas sociais e populares. O jornal local destacou o “trabalho alemão” e Hillebrand.¹²²

Nesse ano, a liderança nacional do partido nazista e a representação diplomática alemã criaram, em 3 de maio, uma entidade cultural denominada *Federação 25 de Julho*. Dentre suas propostas constava a ampliação, para todo o Brasil, dos festejos do 25 de Julho nos locais onde residiam descendentes de alemães (Gertz, 1987, p.8). Localmente esse objetivo foi empenho dos Centros Culturais 25 de Julho, que se formaram a partir de então.

¹²² *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 25/7/1936. A direção deste jornal, neste momento, e mais precisamente, desde 24 de abril, estava nas mãos de Aurélio Porto. O jornal apresentava-se como “Órgão do Partido Republicano Liberal”.

Nas comemorações de São Leopoldo não encontramos qualquer indício que pudesse sugerir ou provar que o grupo brasileiro do NSDAP estivesse fazendo uso da entidade cultural para defender seus interesses.¹²³

Já na capa da programação das comemorações do 25 de julho em Novo Hamburgo, em 1937, está estampada a bandeira nazista, seguida da estadual e da nacional.¹²⁴ No ano anterior, os festejos desse município tinham servido, dentre outras coisas, para protestos dos integralistas contra o fechamento do núcleo integralista no Paraná.¹²⁵

Também foi propósito da *Federação* elevar o 25 de julho a feriado nacional. Nesse sentido, Frederico Wolffenbüttel, então deputado federal, representante do Rio Grande do Sul, encaminhou à Câmara um projeto (ANEXOS E) que visava “dar um culto nacional ao Dia do Colono, dele excluída toda idéia de imigração, com o tornar extensiva a gratidão nacional a todos que dedicam ao cultivo e amanho da terra”. Notamos na solicitação que a data é apresentada como sendo daqueles que estão ligados ao cultivo da terra. Dentre as justificativas do projeto estava o fato de que sua instituição evitaria a tendência de cada corrente imigratória solenizar isoladamente, tendo marcos distintos. Assim, mais uma vez, a tentativa era a de que a data fosse comemorada por todos os imigrantes, embora com um marco dos imigrantes alemães.

A proposta não era descabida no contexto de então,

[...] sabemos que o governo brasileiro não perdia oportunidade de fomentar o próprio *Deutschtum* e demonstrar que não tinha absolutamente nenhuma

¹²³ A questão em todo caso mereceria mais atenção, sobretudo com relação à produção bibliográfica patrocinada por aquela entidade ou publicada pelos centros culturais. Gertz (1987) destacou do livro comemorativo de 1936 o posicionamento político com relação ao comunismo e ao integralismo.

¹²⁴ Festprogramm Verband Deutscher Vereine. 1937.

¹²⁵ 5 de abril, Novo Hamburgo, 24/ 7/1936.

restrição ao germanismo. [...] a imprensa alemã noticiou com destaque o fato de que Getúlio Vargas enviou um representante pessoal para as comemorações do 25 de julho em Santa Catarina, no ano de 1936, já que neste estado não se sediavam autoridades federais de alto escalão e o governador Nereu Ramos era confessadamente hostil às ‘colônias alemãs’ (Gertz, 1987, p.111-112).

No entanto, o quadro “simpático” desfaz-se afetando diretamente as comemorações do 25 de Julho.

3. Os ventos começam a mudar e as comemorações do 25 também.

Em 1937, em 25 de julho, a Federação 25 de Julho comemorou, no Rio de Janeiro, a passagem do 113º da imigração alemã no Brasil, com uma sessão solene no Teatro João Caetano, onde “Alexandre Kinder, secretário-geral da Associação, frisou que dos brasileiros de sangue alemão nunca se poderá dizer que tenham fugido ao cumprimento de seu deveres para com o Brasil”.¹²⁶

Nesse sentido também foram as palavras proferidas por alguns deputados que na Assembléia Estadual lembraram a data. O deputado Coelho de Souza finalizou a pauta dizendo:

[...] declaro que a mesma se incorpora, com espírito de fraternidade, às homenagens que estão sendo prestadas, nesta Casa, às laboriosas colônias aqui residentes, principalmente à alemã, já que se trata de mais um aniversário da chegada dos primeiros colonos alemães, pois que a todos, pelo seu trabalho fecundo, espírito de ordem e integração na nacionalidade, muito deve a nossa amada terra.¹²⁷

¹²⁶ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27/7/1937, p. 1.

¹²⁷ *Anais da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul*, 1937, p. 275.

As comemorações do 25 de julho, a partir do ano de 1937, foram marcadas por uma modificação tanto por parte do tratamento dado à data pela imprensa quanto na comemoração propriamente dita. Se os efeitos da nacionalização se faziam sentir em Santa Catarina e no Paraná, no final da década de 20, no Rio Grande do Sul, seus efeitos se fazem sentir com mais intensidade a partir de 1937. O posto de Flores da Cunha foi tomado pelo interventor Manuel de Cerqueira Daltro Filho em novembro daquele ano. Contudo, já em julho os “ventos estavam mudando”.

Em 1937, embora a data ainda fosse feriado estadual, a imprensa pouca atenção deu aos festejos.¹²⁸ No *Correio do Povo*, do dia 25, a referência à data aparece na seção “Desportos”, onde constou o seguinte:

Dia do Colono – Dia dos Desportos - [...]

O dia do colono deveria ser, antes de tudo, o dia dos desportos gaúchos. Todas as entidades desportivas do Rio Grande deveriam nesse dia testemunhar seus agradecimentos aos que abandonando sua pátria aqui se aclimataram e foram os iniciadores de nossa vida desportiva, fazendo assim com que o índice de robustez de nossa raça subisse alguns pontos.¹²⁹

O dia tem seu destaque transferido para as páginas finais e, já que o clima não é dado a enaltecer o imigrante alemão, fala-se em sua contribuição nos esportes e na robustez da raça.

Em São Leopoldo, a programação para a data festiva foi a seguinte:

7h Salva de 21 tiros

8h Corrida de atletas [...] chegada: Praça Centenário (3km)

10h Marcha para o Monumento

¹²⁸ Refiro-me especialmente ao *Correio do Povo*, que tradicionalmente cobria esses festejos.

¹²⁹ *Correio do Povo*. Porto Alegre. 25/7/1937, p. 18.

11h Inauguração da Usina Diesel
11h30min Inauguração de câmara fria no Hospital Centenário
12h Churrasco oferecido pela Prefeitura Municipal aos visitantes, na Barraca Farroupilha
13h30min Esportes
14h Sessão cinematográfica
16h Sessão cinematográfica
17h30min Corrida simbólica de estafetas que trarão de Feitoria Velha, [...] tochas, [...] com a qual se acenderá a fogueira no monumento do Colono, à Praça Centenário.
20h30min Sessão solene na Sociedade Ginástica, para sócios e convidados.¹³⁰

Tal como em 1934, a data serviu novamente para inaugurações. Pela programação geral, podemos notar que a participação popular ficou quase reduzida ao papel de expectador: no lugar de préstitos, estão estafetas. O público, por certo, acompanhou com o olhar, pois possivelmente poucos se arriscariam a correr da Feitoria Velha até a Praça Centenário - era coisa para atletas. É curiosa a ausência de atos religiosos na programação, o que tinha sido comum em todos os anos anteriores. Inicialmente pensamos nessa ausência como um esquecimento de inclusão na programação oficial, mas se esses ritos tivessem ocorrido, teriam coincidido com outras programações, o que era incomum.

Quanto ao churrasco oferecido aos visitantes, não temos maiores detalhes, mas, financeiramente, a situação do município parecia não ser propícia para tal patrocínio, a menos que fosse para um público bem específico, que pudesse retribuir de alguma forma o almoço. Em julho desse ano, o prefeito proferiu um dis-

¹³⁰ *Correio de São Leopoldo*. São Leopoldo, 25/7/1937. Jornal, sob a direção de Leopoldo Seffrin, desde 27 de novembro de 1936. Em 4 de junho de 1937, ainda sob a mesma direção, o jornal passa a apresentar-se como “Órgão dissidente do Partido Republicano Liberal”.

curso no Congresso, que versou sobre a perda de autoridade do município frente às dívidas.¹³¹ Também politicamente a situação não era das melhores, pelo menos é o que deixa transparecer uma notícia intitulada “Prefeito de São Leopoldo contra teutos”.¹³²

Em 1938, Theodomiro não esteve na cidade durante as comemorações do 25 de julho, no dia 17 de julho, partiu em viagem ao Rio de Janeiro, gozando de uma licença para tratamento de saúde de um familiar.¹³³

O administrador, que em anos anteriores, praticamente desde 1924, acompanhara os festejos e se empenhara na divulgação do “trabalho alemão”, passou a ter uma postura de distanciamento dos interesses de uma parcela da população descendente de imigrantes alemães. Sua atuação nos festejos parece não ter soado como contraditória nos anos anteriores, dado o fato de ter ocupado a vice-presidência da Liga de Defesa Nacional em São Leopoldo, quando fundada em 1917.¹³⁴

No entanto, os ares daquele momento não eram dos mais propícios a comemorações relacionadas ao 25 de julho. O jornal local, *Correio de São Leopoldo*, bem o demonstra, não só pela frequência de comemorações que exaltavam as forças do exército sediadas na cidade, mas também pela cobertura minuciosa. A data

¹³¹ Este discurso foi publicado na íntegra pelo *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24/7/1937, p. 3.

¹³² A referência a este artigo, como constante no jornal *Correio do Povo* do dia 25/8/1937, foi feita pelo jornal local *A situação* de 9/9/1937.

¹³³ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 23/7/1938. Ausência que poderia parecer significativa não fosse o fato de Theodomiro não ter nem mesmo estado presente em setembro, quando seu retrato foi inaugurado no salão nobre da prefeitura local. Theodomiro estava no Rio de Janeiro.

¹³⁴ Fundada em 14 de novembro de 1917, esclarece sua função em seu estatuto: “O fim da associação é congregar todos os brasileiros [...], para o alto escopo de defesa da Pátria e reação a quaisquer elementos, estrangeiros ou nacionais, que tendem [...] deprimir a nacionalidade brasileira ou prejudicar seus interesses, no atual conflito que nos foi imposto pela pirataria do Governo Alemão, inimigo da Pátria [...]”.

11 de junho, marco da batalha de Riachuelo em 1865, marcou uma festividade em que o Exército foi homenageado. O referido jornal divulgou um artigo intitulado “Glória ao Exército”, que identificava os dois inimigos do Brasil, o imperialismo russo e o extremismo de direita ligado ao imperialismo ítalo-teutônico.¹³⁵

Nesse ano, a única nota relativa a festejos consiste na informação de um baile, em homenagem ao Dia do Colono, na Sociedade Ginástica, que foi restrito a sócios e “forasteiros com convites”.¹³⁶

Isso parece ter sido tudo o que ocorreu de comemoração naquele ano. O jornal local registrou indiretamente o fato: “Há fatos sociais que se tornam indestrutíveis e se projetam através de séculos”, mais adiante, completou que a “impetuosa projeção” da data encontrava-se então em segmentação.¹³⁷ Se não se podia destruir aquele fato social, era preciso conduzir sua lembrança, foi assim que o jornal encarnou uma missão pedagógica de recomendação:

Assim, 25 de Julho é verdadeiramente, naturalmente o Dia do Trabalho, em São Leopoldo, porque ele lembra uma tradição magnífica e eloqüente de luta: o trabalho. Todavia este não é apenas apanágio dos primevos labutadores no torrão leopoldense. Constitui, também, o título de orgulho de todos aqueles que, colonos ou não, têm contribuído para o engrandecimento do município. É preciso, agora, que desapareça, em muitos descendentes de imigrantes, a concepção errônea e impatriótica de se julgarem pertencentes e filhos obedientes da pátria de seus avoengos. Bem sabemos que se trata dum trabalho lento e persistente de elementos que, vivendo dentro de território brasileiro e garantidos

¹³⁵ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 18/ 6/1938.

¹³⁶ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 23/7/1938. Nesse ano, assumiu a direção deste jornal, Carlos de Souza Moraes, e o jornal passou a apresentar-se como “Órgão dos interesses de São Leopoldo”.

¹³⁷ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 23/7/1938.

pelas suas leis liberais, não se pejam de trabalharem contra a sua organização política, explorando a ingenuidade do colono, para inculcá-lhes em seu espírito sentimentos hostis à terra onde nasceram e vivem. [...]. É preciso que examinem a história de nossas relações internacionais para compreenderem que sempre respeitamos o direito alheio. Sempre respeitamos. [...].

Brasileiros, como todos os que descenderam dos portugueses e dos índios [...], os continuadores da obra grandiosa iniciada pelos colonizadores germânicos precisam compreender que são brasileiros [...].

Cultuemos os pioneiros do nosso engrandecimento!

Mas cuidemos de ser brasileiros, antes que apóstatas!¹³⁸

Não só os “primeiros labutadores”, para não falar – imigrantes alemães - é que devem ser reconhecidos por seu trabalho, o título é de todos. A ocasião da proximidade da data histórica é oportunidade de criticar a postura de descendentes de imigrantes que mantinham-se ligados à Alemanha. Trata-se de uma posição de não aceitação de duplo pertencimento reivindicado pelo germanismo. A crítica vai também àqueles imigrantes que faziam uso da “ingenuidade” do colono para pregar uma postura impatriótica, a referência ao colono como ingênuo reflete que essa postura partia de outros segmentos.

Assim, o referido jornal esvaziou a data de seu sentido comemorativo, utilizando-a como momento principal de instruir os descendentes de alemães na brasilidade, bem como para abordar temas relativos à integração dos descendentes. Nos dias próximos ao 25 de julho, temas especiais foram trazidos à tona. Ao abordar as tendências exogâmicas entre descendentes de italianos e alemães, o editorial do jornal fez um balanço dos erros do passado:

Se outra tivesse sido a política colonizadora de nossos

¹³⁸ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 23/7/1938, p. 1.

governos passados, já teríamos aumentado em muito a percentagem de miscigenação. [...].

O governo muito terá que fazer [...]. E não sabemos se o conseguirá. Por isto, deve, para o futuro, vigiar os adultos, e educar as crianças, numa orientação eminentemente brasileira.¹³⁹

Na tarefa de nacionalização, a postura de Teodomiro Porto foi desde então elogiada. Na ocasião da inauguração do retrato de Teodomiro Porto no salão nobre da Prefeitura, Carlos Morais, em nome dos funcionários, enfatizou elogiosamente aquela postura. O mesmo fez João Baptista de Mello, exator federal da cidade:

Em momentos bem difíceis como este não tem faltado olhares e mãos nocivas que quisessem se apropriar das nossas fontes de riquezas de colaboração com elementos que nenhum amor dedicam à pátria. Também não tem faltado quem tenha procurado desagregar a nossa situação política e econômica. Pois a tudo isso o critério inflexível do eminente homenageado vem reprimindo com energia. Recusa tudo quanto for contra os vitais interesses desta terra que tanto idolatra.¹⁴⁰

Também não faltaram oportunidades para identificar o inimigo.

Assim, o 25 de julho, embora feriado municipal, não ensejou as comemorações festivas dos anos anteriores. E, quando ocorriam, era através de atividade esportiva¹⁴¹ ou a atividade social restrita.

Tampouco a data foi festejada por outras etnias, o que, em certo aspecto, reforça a afirmação de que o Dia do Colono era antes de tudo uma data para os descendentes de alemães no Esta-

¹³⁹ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 30/7/1938, p. 1.

¹⁴⁰ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 17/9/1938.

¹⁴¹ Assim, foi motivo de uma nota na coluna de esportes, falando sobre as comemorações do Dia do Colono em Novo Hamburgo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24/7/1938, p. 14.

do. Naquele momento, ninguém quis “adotar” aquela data.

Em 1939, a programação para o dia 25 de julho¹⁴² contou com um baile em homenagem ao Dia do Colono, promovido pela Sociedade Ginástica, e por uma sessão cívica de caráter público, promovida pelo Grêmio Leopoldense de Letras.¹⁴³ Desses acontecimentos quase nada foi registrado pela imprensa.

Cabe relatar um episódio ocorrido durante as comemorações do Dia do Colono em Novo Hamburgo no ano de 1939. O secretário da Educação e Saúde, Coelho de Souza, atendendo ao convite de Leopoldo Petry, presidente da União Popular Católica, acompanhou as comemorações do referido dia na escola complementar, pertencente àquela entidade. Lá um “improvisado tribuno”, ou seja, um pequeno aluno, leu um texto “preparado ardentemente por outra pessoa”. O orador “teve a oportunidade de declarar que era necessário o culto às tradições germânicas e que nenhum alemão ou descendente de alemão deveria se afastar, um milímetro sequer, da língua dos seus antepassados”.¹⁴⁴ Após esse discurso: “O secretário da Educação, visivelmente constrangido [...], tomou a palavra [...], durante cerca de quarenta minutos, rebatendo, em todos os seus pontos, o importuno discurso anteriormente feito pelo colegial” (Souza, 1941, p. 113). Dias após o “incidente”, Coelho de Souza conferenciou com o arcebispo D. João Becker, que desaprovou o ocorrido durante as comemorações. O resultado do inquérito policial acompanhou as seguintes palavras do secretário:

¹⁴² *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 22/7/1939.

¹⁴³ Este Grêmio foi instituído em 30 de julho do ano anterior e contava com Carlos de Souza Moraes, na direção, com George Upton Krischke, na vice-direção e tinha como secretárias Vivian Schmidt, Irene Ruperti e Nils Borger. Cf. *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 23/7/1938. Esta instituição participava intensamente dos festejos do 7 de setembro.

¹⁴⁴ Informações quanto a esse episódio constam em um artigo do *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 27/7/1939. Artigo este publicado em (Souza, 1941).

“O incidente ocorrido na escola particular de formação de professores em Hamburgo Velho, [...] vem demonstrar, à sociedade, a procedência de declarações amiudadamente feitas, nestes últimos tempos.

Em primeiro lugar mostrou, mais uma vez, a existência de uma mentalidade anti-nacionalista, em ação no Brasil. [...]. Finalmente, evidenciou, de novo, o desejo de absoluta integração brasileira da nobre descendência dos bravos imigrantes – expresso na repulsa da juventude daquele estabelecimento às idéias que lhes pretendem inculcar” (Souza, 1941, p. 116-117).

A ação nacionalizadora não atingiu só o local do episódio¹⁴⁵, mas também as escolas particulares de formação de professores, tanto em Novo Hamburgo quanto em São Leopoldo. Como resultado do inquérito, tiveram que passar a direção e a docência das cadeiras aos professores do Estado.

Para 1940, a única informação quanto a comemorações da data foi a programação da Sociedade Ginástica, que promoveu apresentação de ginástica, dança e “sarau dançante”.

No *Correio de São Leopoldo*, a referência à data manteve um tom pedagógico e de esclarecimentos:

Colono Bom [...] Falo a ti, que és diferente a outros, porque deixaram restos de sentimentos enraizados na distância, sem vigor, em lenta consumação. [...].

Tu és verdadeiro colono, sim [...] porque há os que não o são, há os que aqui trabalham com ocultas intenções malévolas [...].

[...] a nossa hospitalidade foi boa para ti.

[...] Para esses, o nosso indiferentismo continuará, enquanto eles continuarem a amar demais a terra de onde vieram [...]

¹⁴⁵ O inquérito concluiu com a demissão da direção do colégio, o padre Miguel Meyer, e com o afastamento de um professor.

Colono bom, transmite a eles esses sentimentos puros que tens no coração. [...].
Nós não queremos ser indiferentes, para eles, colono bom.
Pena de Aço¹⁴⁶

A condição para ser “bom colono” foi especificada, cabendo a ele “transmitir” o recado ao “mau” colono. Também foi esclarecido que se este último é tratado com indiferença, não o é por vontade, mas por força das circunstâncias, bastando assim sua “conversão”.

Em novembro de 1940, o presidente Getúlio Vargas esteve em São Leopoldo, onde inaugurou o prédio novo da Prefeitura Municipal. Fosse em outros tempos, certamente não se mediriam esforços para que um evento desse tipo ocorresse em 25 de julho.

No ano seguinte, no Dia do Colono, além da já tradicional comemoração nas dependências da Ginástica, onde aconteceram esportes, danças e discursos, também houve uma comemoração promovida pela prefeitura local. No dia seguinte ao 26 de julho, o jornal local comunicou na capa que o prefeito, “não desejando deixar passar despercebido o dia 25 de julho”, que era o único feriado municipal, resolvera fazer uma reunião no prédio da Feitoria Velha. Naquele ato, conforme o *Correio de São Leopoldo*, o governo municipal adquiriu o referido prédio, o que foi “permitido” pela União Popular do Rio Grande do Sul e o Sínodo Rio-grandense, que, por sua vez, juntamente com os membros do Rotary Club local, foram os convidados especiais.¹⁴⁷ É importante observar que essa compra havia sido efetivada de fato em 31 de dezembro de 1940, quando a escritura foi assinada (Moehlecke, 2000). Compareceram no local, Eduardo Duarte, Pe. Balduino

¹⁴⁶ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 27/7/1940.

¹⁴⁷ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 26/7/1941.

Rambo,¹⁴⁸ Martin Fischer, o Delegado de Polícia Narciso Cunha, Júlio Azambuja Vilanova, Carlos de Souza Moraes, entre outros. No local, também foi oferecido um churrasco.

Eduardo Duarte, que acompanhara vários festejos da data em São Leopoldo em momentos anteriores, novamente discursou. A ênfase recaiu sobre a figura do Visconde de São Leopoldo e de Hillebrand. Foi o único dos oradores presentes que, em seu discurso, não enalteceu o administrador do município. Os feitos do governo municipal foram destacados como continuação do progresso de São Leopoldo. As informações do jornal permitem dizer que a comemoração não foi propriamente do Dia do Colono, festejou-se antes o progresso da cidade e pouco se falou do colonizador. O contexto da nacionalização marcou também outros aspectos do ato. Se Hillebrand foi lembrado, a referência foi diferente da dos anos anteriores. Martin Fischer lembrou dele como o “brasileiro de coração e de atividade nacionalizadora”. Também o Visconde de São Leopoldo foi homenageado como o nacionalizador que “incompatibilizou-se com seus patrícios alemães porque desejava que eles falassem a língua brasileira”.¹⁴⁹

No dia 26 de julho, o jornal finalizou a notícia sobre as comemorações na Feitoria Velha com a nota “ainda que não tenha tido caráter público, como desejou o prefeito, tanto assim que não foram feitos convites às autoridades locais, constituiu uma verdadeira expressiva festa”.¹⁵⁰ Podemos perguntar se a intenção de Teodomiro estava voltada a uma comemoração pública para propagandear sua gestão ou se estava voltada ao aspecto comemorativo da data, buscando, quem sabe, fortalecer os laços com uma parcela da população que vinha sofrendo as ações da nacio-

¹⁴⁸ Este integrava o Centro Cultural 25 de Julho de São Leopoldo.

¹⁴⁹ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 2/8/1941.

¹⁵⁰ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 26/7/1941.

nalização. Um relatório da administração municipal, referindo-se à Casa da Feitoria Velha, aponta:

Com o propósito de aproveitá-la para instalação de uma aula municipal e um museu histórico, reconstruímos totalmente o tradicional prédio da Feitoria Velha [...]. Com isto, pensávamos também preservar um monumento histórico, atendendo mesmo a determinações do Governo Federal. Para tanto, visitou São Leopoldo, em 1940, o dr. Paulo Barreto, técnico do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico, do Ministério da Educação, e que inspecionou as ruínas do aludido edifício, juntamente com altas autoridades estaduais.

E como esse imóvel pertencesse a entidades particulares, tratamos de adquiri-lo, bem como os terrenos circunvizinhos para formação de um parque, [...].

Presentemente, é objetivo deste governo converter esse edifício e a área de terras adquirida num Patronato Agrícola, [...].¹⁵¹

O relatório, não sabemos se para evitar que o ato fosse interpretado diferentemente ou se por simples esclarecimento, fez questão de lembrar o processo de aquisição do prédio na Feitoria Velha. É também significativo o fato de que essa casa pertencia a entidades particulares representativas da germanidade e talvez esse fosse o motivo principal daquela aquisição. A marca da municipalidade, como guardiã da memória dos colonizadores alemães, foi deixada já no ato oficial do dia 25 de julho naquele ano, quando a Casa da Feitoria foi reformada em estilo enxaimel, perdendo, portanto, suas características iniciais em estilo português (ANEXO F).

No ano de 1942, o rumo dos acontecimentos tornou mais distante a possibilidade de comemorar a data, seja por parte de

¹⁵¹ *Relatório* de 1941, apresentado ao Exmo. Sr. Gal. Osvaldo Cordeiro de Farias, Interventor Federal, pelo prefeito Teodomiro Porto da Fonseca. Porto Alegre, Of. Gráf. Da Livraria do Globo, 1942.

redutos ligados a descendentes de alemães seja pela municipalidade. Conforme Gertz (1991, p. 68), “A repressão [...] se generaliza e brutaliza em 1942 com o afundamento dos navios brasileiros e a declaração de guerra entre Brasil e Alemanha”.

No dia 12 de março daquele ano, o Monumento ao Imigrante, localizado na Praça Centenário, foi depredado em protesto ao bombardeio pela Alemanha do navio brasileiro Cairu. Conforme noticiou a imprensa, o povo decepou a cabeça da estátua simbolizando o colono alemão e tirou a inscrição em língua alemã “DEN VÄTERN ZUM GEDÄCHTNIS”.¹⁵² Conforme noticiou o *Correio do Povo*:

A polícia imediatamente acorreu ao local, dispersaram-se os manifestantes, que a esta altura já subiam aos milhares, enchendo literalmente a praça Centenário. Passando algum tempo, voltam os populares à praça e retiram o resto da estátua, e, depois de arrastá-la vários metros em direção à ponte que ali existe sobre o rio dos Sinos, despencaram-na por uma das amuradas aos gritos de Viva o Brasil e Abaixo Hitler e o nazismo. Após esse ato que dasabafou (...) a revolta popular, os manifestantes separaram-se em perfeita calma, não tendo havido o menor atrito pessoal.¹⁵³

Conforme o jornal local¹⁵⁴, que não descreveu em detalhes o ocorrido, falaram, na ocasião, Carlos de Paula e Antonio Bemfica, “que verberaram os criminosos atos de pirataria da marinha germânica”. O jornal da capital informou que entre os manifestantes havia grande número de mulheres e crianças, que, por sua

¹⁵² Em memória de nossos antepassados.

¹⁵³ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 15/3/1942.

¹⁵⁴ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 21/3/1942.

vez, eram os mais exaltados.¹⁵⁵ Nos jornais consultados, não encontramos referência explícita sobre se o ocorrido foi à noite ou de dia. Conforme o relato de algumas pessoas consultadas, foi à luz do dia.

Nos dias que se seguiram ao episódio, o jornal local informou que, em repúdio ao afundamento de navios brasileiros, haveria um comício organizado pelo núcleo local da Liga de Defesa Nacional.¹⁵⁶ Nesse comício, o representante da Liga informou que encaminhara uma moção ao prefeito, propondo que no lugar onde existia a estátua do colono fosse levantada “a figura invulgar e gloriosa do marujo nacional, como homenagem perene e duradoura às vítimas dos bárbaros torpedeamentos [...]”.¹⁵⁷ Também Moraes discursou e renovou a idéia da substituição do símbolo do colono alemão. Foi sugerida uma coleta popular para custear o novo símbolo.

A posição de Theodomiro frente ao ocorrido, possivelmente, foi a de aprovação do ato de destruição do monumento. Também em protesto, Theodomiro devolveu ao governo alemão a condecoração que recebera da Cruz Vermelha de Berlim em função da “Exposição em homenagem ao trabalho alemão no Rio Grande do Sul”, ocorrida em seu governo em 1934. Na carta que o prefeito enviou em 17 de março de 1942 ao Ministro do Exterior, Osvaldo Aranha, explicou sua atitude: “Não a posso, como bom brasileiro, conservar, sem constrangimento dalma, em meu

¹⁵⁵ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 15/3/1942. Atualmente, na cidade, poucos se dispõem a falar em nomes quando lembram do ocorrido. Os que se arriscam nesse sentido falam “parece que o *Blessmann* esteve envolvido”. O episódio merece, sem dúvida, um estudo que dê conta dos receios e de outros aspectos problemáticos desta questão.

¹⁵⁶ Este núcleo foi instalado na cidade em janeiro de 1942. Foi presidido pelo Cap. José Ribamar de Miranda. A comissão de propaganda era formada por: Germano Hauschild, João B. Kieling da Costa, Frederico Correa e Rudy Petry, que trabalhavam na obtenção de “sócios redimidos”. Dentre as firmas locais inscritas na Liga, citamos: Steigleder Irmãos, C. Roberto Sewald & Hoefel, Justo, E. Daudt, Amadeu Rossi, Weinmann, João F. Feldmann. Cf. *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 14/ 3/1942.

¹⁵⁷ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 28/3/1942.

poder – hoje, em que os nazistas da Alemanha eliminam vidas e afundam navios brasileiros [...]”.¹⁵⁸

As fontes trabalhadas não permitem uma análise do que os fatos ocorridos nesse ano significaram para os descendentes de alemães. Como vimos, muitos deles integravam organizações como a Liga de Defesa Nacional e por certo apoiaram a depreciação do monumento. É mesmo possível que, diante das circunstâncias, alguns, que ajudaram a construir o monumento, tenham preferido se calar.

Assim, de 1942, não nos chegaram informações sobre comemorações da data do 25 de julho. Nem mesmo a Ginástica parece ter celebrado a data.¹⁵⁹

Na véspera da data, o *Correio de São Leopoldo* teve uma edição especial que contou com aproximadamente 45 páginas, nas quais não há referência ao 25 de julho. Na capa da edição consta “São Leopoldo, o seu progresso e suas imensas possibilidades”. Abaixo desse dizer, há uma foto de Teodomiro Porto, constando em seguida a frase “Inauguração de nova e intensa fase de progresso”.¹⁶⁰ Estabelecimentos industriais e comerciais de vários distritos aparecem citados nessa edição.

Nessa edição constou também a foto da antiga Praça Centenário, que não era mais chamada assim, seu nome tinha sido mudado semanas depois da destruição do monumento (Gertz, 1991, p. 69). Abaixo da foto, consta a inscrição “PRAÇA TIRADENTES (Ex-Praça Centenário)”.

¹⁵⁸ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 21/3/1942.

¹⁵⁹ O *Correio de São Leopoldo* informou sobre um baile “sumptuoso” marcado para 18 de julho naquela sociedade. 11/7/1942.

¹⁶⁰ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 23/7/1942.

O “trabalho alemão” não mais era comemorado, agora era comemorado o progresso da cidade, ligado ao administrador Teodomiro Porto.

Nos anos que se seguiram também não há referência à comemoração do 25 de julho. Apenas coincidem com a data informações quanto à instalação de um patronato agrícola na Feitoria Velha. Lá, em julho de 1943, foi realizado um churrasco ao qual compareceram o Cel. Aurélio da Silva Py, o presidente do núcleo local da Liga de Nacionalização e Carlos de Souza Moraes, entre outros.¹⁶¹ Este último, em novembro de 1944, assumiu a administração do município como prefeito nomeado, em substituição a Teodomiro, que havia pedido demissão. Somente em 1945 foi que o tão anunciado patronato começou a funcionar.¹⁶² As informações sobre o andamento do projeto curiosamente e, é bem possível que propositadamente, eram veiculadas próximas à data 25 de julho, como um modo de prestar contas quanto ao prédio adquirido.

1946 foi um ano de comemoração para São Leopoldo. A cidade fechava um ciclo de cem anos de sua fundação. Embora a lei que elevava a Capela Curada de São Leopoldo à categoria de Vila datasse de 1º de abril de 1846, o mês em que ocorreram as comemorações foi o de julho. Desde o primeiro dia do mês até o dia 29, em todas as semanas ocorreram atividades comemorativas: conferências, concurso de beleza, sessões cinematográficas, bailes, concurso de aerodelismo, teatro, esportes (corrida rústica, box, cabo de guerra, festa náutica), inaugurações, sessões cívicas, entre outros.

Quem chegasse à cidade no dia 24 de julho, uma quarta-feira, poderia pensar que se tratasse dos festejos do Dia do Colono. Concentração e desfiles, revoada promovida pelo aeroclube,

¹⁶¹ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 31/7/1943.

¹⁶² *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 28/7/1945.

churrasco na Feitoria Velha, Congresso de História e Geografia tudo fazia crer tratar-se dos festejos do 25 de julho. O turista desavisado não saberia como interpretar o espetáculo que acontecia às margens do Rio dos Sinos, em frente ao Seminário Central, onde ocorreu uma cavallhada.¹⁶³ e onde foi montado um castelo a fim de recriar um espaço onde foram encenados os combates entre cristãos e mouros.

Aos poucos, no entanto, podia-se perceber que não se tratava da comemoração do Dia do Colono. A primeira Câmara Municipal foi instalada no município no dia 24 de julho de 1846, daí a razão de toda a festividade. Mas e o colono alemão, e o 25 de julho? Ao que parece, mesmo terminada a guerra, não era ainda momento para comemorar a data. Prova disso é o fato de que a imprensa local e da capital não mencionam a data.

Na noite do dia 24 de julho de 1946, foi oficialmente instalado o Congresso de História e Geografia do município de São Leopoldo, que foi definido pelo prefeito local, Carlos de Souza Moraes, como um evento celebrativo do primeiro centenário da cidade, sendo necessário, no seu entender, “o incitamento à redação de memórias, teses e outros estudos capazes de constituírem a História de São Leopoldo, que aguarda ainda seu historiador”.¹⁶⁴ A comissão organizadora do congresso foi formada pelo prefeito e por integrantes do Instituto Histórico e Geográfico do Estado.¹⁶⁵ Nas súmulas dos discursos de abertura, não encontramos referência à data histórica do 25 de julho. Falou-se da importância do evento, da contribuição do Instituto e também da importância

¹⁶³ Era a segunda cavallhada realizada na cidade. A primeira foi em 1939. Conforme Xavier (1989), as cavallhadas, torneio equestre de tradição ibérica, ficaram conhecidas em todo o Brasil, tomando coloração de acordo com a região. Em São Leopoldo, apareceu como indumentária o uso de bombacha ao invés de calças justas.

¹⁶⁴ *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo*, Porto Alegre: Globo, 1946, p. I.

¹⁶⁵ Guerreiro Ramos, Pe. Luiz Gonzaga Jaeger S. J. e Eduardo Duarte.

do ensino da língua vernácula no município. No dia 25 de julho, as teses selecionadas foram apresentadas. O Pe. Jaeger aproveitou sua condição de relator de um parecer sobre uma das teses para falar que muitas afirmações falsas eram feitas com relação aos teuto-brasileiros no que dizia respeito ao ensino. Uma análise superficial das teses apresentadas permite dizer que não houve espaço para momentos de enaltecimento do elemento alemão e também não para o oposto, à exceção do trabalho do desembargador João Solon Macedônia Soares, autor da tese intitulada “Memória sobre terras do Faxinal do Corita”. Esse trabalho foi apresentado no Congresso de forma “demorada e impressionante”, conforme as palavras do secretário do ato, Eduardo Duarte, mas, no final de sua exposição, o desembargador solicitou que seu trabalho não fosse incluído nos Anais, o que lhe foi concedido. Não sabemos por que razões ele fez essa solicitação. Seu trabalho foi publicado mais tarde, constando na capa a referência do texto como memória apresentada no Congresso (Soares, (194?). Se a memória apresentada consiste no mesmo material impresso, o evento teve um rompimento do clima ameno, pois os próprios subtítulos de seu trabalho o demonstram: “o pretendido complexo de inferioridade da raça luso-açoriana-paulista” e “animosidades e recalques”.

No programa comemorativo ao Centenário, consta, no dia 14 de julho, uma romaria aos túmulos do Cel. Hillebrand e dos prefeitos falecidos, acontecimento programado para ocorrer depois da inauguração do Monumento às Forças Armadas. É difícil saber se alguém participou com o espírito de celebrar o 25 de julho, contudo, as comemorações como um todo não previam tal celebração.

E, mesmo na forma de participação de instituições ligadas aos descendentes de alemães nas comemorações, percebemos que não se tratava de comemorar os antepassados. Assim, num dos momentos comemorativos ao Centenário, o coral misto do Ginásio Sinodal e da Fundação Evangélica apresentaram as seguintes

canções: Tropeiro, Trovas saudosas, Nestes versos tão singelos, Minha mãe e Noites gaúchas. Na seqüência, alunos do Ginásio São José apresentaram o poema “Brasil, meu país”.¹⁶⁶ Portanto, tratava-se de um ato cívico em que a cidade se apresentava como pertencente ao “Torrão gaúcho” e ao Brasil.

O jornal local,¹⁶⁷ embora tivesse publicado uma edição especial em 1º de setembro,¹⁶⁸ não apresentava o mesmo “léxico” quando tratava sobre São Leopoldo em momentos comemorativos. Na capa, constava o título: “São Leopoldo em sua marcha para o futuro – No transcurso de seu Primeiro Centenário de Instalação” e, abaixo da frase, havia uma foto do prefeito Carlos de Souza Moraes. Das cerca de 70 páginas da edição referida, destacamos alguns aspectos: na parte intitulada “Datas do Passado Histórico Leopoldense”, aparece uma figura ilustrativa do progresso da cidade (ANEXO G), trata-se do monumento ao imigrante ao fundo, postado à frente está a figura do gaúcho, que pode ser também identificado como o gaúcho-colono apontando para o progresso, mais à frente está a Casa da Feitoria. O símbolo antigo reaparecia, embora com adereços que remetiam muito mais ao presente e ao futuro do que ao passado. Abaixo da imagem, a inscrição: “Alegoria da evolução leopoldense”.

Mais adiante, foi dedicado um espaço para tratar do título “O Triunfo e a Derrota da Alemanha através da mentira nazista”. Os acontecimentos recentes não poderiam ser esquecidos.

A radicalização da nacionalização e o contexto de guerra criaram um clima proibitivo, que não necessariamente foi dado pela revogação dos decretos do 25 como feriado, mas antes pelo sentimento de desconfiança. Esse sentimento grassava há muito no

¹⁶⁶ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 3/ 8/1946.

¹⁶⁷ Então sob a direção interina de Genil Ruperti.

¹⁶⁸ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 1/ 9/1946.

contexto regional¹⁶⁹ e já estivera presente nas comemorações do Centenário da imigração alemã.

Nos anos pós-1937, observamos que ocorreu a supressão das comemorações do 25 de julho e, mesmo quando a passagem da data era lembrada, era a ela atribuído outro sentido. Ou seja, tratava-se de comemorar o progresso local, promovendo a administração municipal, aspecto também presente nas comemorações anteriores, aliado ao “trabalho alemão”. Com a nacionalização e o contexto de guerra, o discurso passou a ser outro e o progresso da cidade, antes de mais nada, devia ser atribuído à administração municipal.¹⁷⁰ A data poderia simplesmente não mais constar, no entanto, a opção foi reapropriá-la, mantendo-a sob controle. Poderíamos pensar também na alternativa da data festiva ser momento de superar os conflitos presentes na época, mas não o foi. Quando celebrada, foi para lembrar os conflitos, seja para criticar a ordem vigente ou para apoiá-la.

Esse foi o momento de construir uma nova memória para o município. Buscou-se construir uma memória coletiva utilizando imagens de um passado diferente daquele que tinha sido construído na cidade desde 1924. Não só foram criadas novas imagens, como as anteriores foram substituídas e imbuídas de outro sentido. Não se tratava então de conservar e transmitir a história dos “avoengos”.

Essas novas construções culturais foram administradas pela municipalidade. O recado estava dado, era preciso celebrar outro passado. Nesse sentido, o processo de “invenção da memória” consistiu numa apropriação de formas materiais de comemoração nacional, novos monumentos na cidade, dedicados a heróis nacionais, mudança do nome de praças, entre outros.

¹⁶⁹ Ver Gertz (1991), apontamentos quanto a estudo de Helga Piccolo sobre a presença do tema da não-integração nos discursos dos deputados da Assembléia Provincial.

¹⁷⁰ Esta conclusão está pautada no discurso veiculado pelo jornal *Correio de São Leopoldo*.

Em tese, a retomada dos festejos poderia ter ocorrido em 1945, pois a guerra já havia terminado. Entretanto, o reinício das comemorações foi um processo cauteloso, especialmente em São Leopoldo.

O “25 de Julho” Volta a ser Festejado - 1947 a 1950

1. O Dia do Colono na Assembléia Legislativa do Estado

Em 25 de julho de 1947, a imprensa anunciou: “Volta a ser comemorado o DIA DO COLONO”.¹⁷¹

Conforme noticiou um jornal da capital, um projeto propondo o restabelecimento das comemorações do Dia do Colono, apresentado à Assembléia Legislativa, visando homenagear os “trabalhadores estrangeiros” que cooperaram com o desenvolvimento do estado, foi aprovado. Essa seria a primeira vez que a data seria festejada depois da guerra.

A retomada dos festejos foi também a retomada de “velhas” querelas e avaliações recentes com relação aos descendentes de alemães. E, mais uma vez, a data especial para isto foi a ocasião do Dia do Colono. Na Sala das Sessões da Assembléia Legislativa o dia foi homenageado. Um dos temas em pauta foi “de quem seria a data”.

Bruno Born lembrou os açorianos, o imigrante germânico e o italiano. Egydio Michaelsen frisou: “O ‘Dia do Colono’, que hoje se comemora, é o dia de festa, não de uma raça, mas de

¹⁷¹ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25/7/1947.

todos os rio-grandenses” (*Anais da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul*, 1947, p. 341). Depois, o mesmo deputado, lembrando o trabalho livre, fez uma aclamação ao “agricultor do Rio Grande!”. Sobre a condição do colono como agricultor, Wolfram Metzler desenvolveu uma comparação entre o “trabalhador agrícola” e o “operário da cidade”. Destacou o desamparo do primeiro e concluiu, relembrando aos presentes sua atuação frente àquela situação: “Eu tive a honra de apresentar [...] uma emenda à Constituição, pedindo a instituição do seguro velhice e contra a invalidez, para as populações rurais” (*Anais da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul*, 1947, p. 346). Os problemas ligados ao trabalho do agricultor foram abordados também por Celeste Gobbato ((PTB). Falou também Antônio Campani (PSD), que respondeu à questão que ele próprio, implicitamente, colocara: quem é o colono? Ao respondê-la, Campani falou exclusivamente dos colonos italiano e alemão. Antonio Maria (PL) lembrou dos “laboriosos açorianos”, dos alemães que vieram complementar seu trabalho, depois citou os colonos italianos, “não menos laboriosos e dignos”, fechando a questão com as seguintes palavras: “A nenhum grupo isoladamente caberá o privilégio de haver construído a grandeza do Rio Grande e do Brasil” (*Anais da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul*, 1947, p. 348). Mais adiante, destacou a data como sendo dos colonos, dos trabalhadores rurais.

A maior parte dos discursos citados referenda o fato de ser o 25 de julho uma data de todos. Contudo, a maioria também destacou a data como sendo do agricultor, do trabalhador rural. Assim, em 1934, a data foi propagandeada como sendo de todos e, embora se falasse no agricultor, ele não foi visto em relação a sua situação no presente, como o foi em 1947.¹⁷² Esse fato pode ser

¹⁷² Cabe lembrar que em 1935 a Federação das Associações Rurais, nesta data, homenageava, exclusivamente, os “trabalhadores rurais”.

entendido num contexto em que a construção de carreiras políticas se deu através do voto do “colono” (Gertz, 1991, p. 79).

Ao ser acentuado que o dia 25 de julho pertencia a todos, dizia-se indiretamente que ele não era só dos imigrantes alemães. Também os argumentos que levaram esse grupo a ser festejado e a festejar-se era agora posto em xeque. Júlio Teixeira (PC), ao falar do progresso que a data lembra, pronunciou:

Os colonos de origem alemã, tanto quanto os demais colonos estrangeiros que aqui chegaram, souberam [...] corresponder aos elevados interesses da nova Pátria. Não terá sido, sem dúvida, a questão da nacionalidade desses agricultores, fator decisivo desses empreendimentos (*Anais da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul*, 1947, p. 349).

O critério racial constantemente evocado, de forma implícita ou implícita, não servia para privilegiar o imigrante alemão.

A data, embora afirmada como de “todos”, ou de quase todos, servia para falar de questões pertinentes aos imigrantes alemães e de seus descendentes. Sua integração foi o tema principal, sendo que a avaliação dessa integração feita pelos deputados foi positiva. A avaliação de Luiz Compagnoni quanto à referida questão, embora mais “exagerada”, expressou a tônica dos discursos:

O Rio Grande é um todo uníssono. Nele não existe diversidade de qualquer espécie, nem nas pessoas, nem no pensamento, nem no modo de encarar o passado ou de enfrentar a posteridade. Somos gaúchos. Gaúchos da fronteira, gaúchos da colônia. Gaúchos das cidades e gaúchos do interior (*Anais da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul*, 1947, p. 353).

Essa homogeneidade foi também explanada em termos de nação brasileira.

Os pronunciamentos serviram ainda para a propagação de erros históricos. Para ficarmos num só, que é o mais pertinente ao nosso tema, cabe citar um fato que passou a ser comum a partir do pós 2ª Guerra: a partir de então, o dia 25 de Julho passou a ser referido como sendo um feriado estadual, denominado Dia do Colono, decretado por Borges de Medeiros em 1924.¹⁷³ Como vimos anteriormente, o decreto estabelecendo o 25 de julho como feriado estadual foi assinado por Flores da Cunha em 1934, além disso, a denominação “Dia do Colono” não foi mencionada nos anos 20. Alguns dos divulgadores deste engano¹⁷⁴ informaram que o decreto de nº 5.591 foi assinado em 23 de maio de 1924. Tanto a numeração do decreto quanto o dia e o mês conferem com o decreto assinado por Flores da Cunha em 1934, portanto, dez anos mais tarde.

2. O “clima” para as comemorações em São Leopoldo nos anos de 1947 e 1948

Em tese e no registro de um diário da capital, era tempo de comemorar a data 25 de julho. Em São Leopoldo, o ambiente ainda era tenso, o que é visível pelo exposto ao público pela imprensa local e por folhetos anônimos que circulavam pela cidade. Apontamos um caso como exemplo. Num dos ditos “folhetos

¹⁷³ Cf. declarou Bruno Born, *Anais da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul*, 1947, p. 334. A divulgação dessa informação é anterior. Celestino Peres Cardoso retomou a afirmação de que o feriado do Dia do Colono foi decretado em 1924, de um discurso feito por Osório Tuiuti em 1946. Cf. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27/7/1949, p. 12.

¹⁷⁴ Ou por simples desconhecimento, dado que esse engano foi propagado e é divulgado atualmente, ou com a intenção de revestir o feriado como uma data bastante tradicional.

anônimos”¹⁷⁵, assinado por “UM COLONO”, é feita uma crítica a um artigo publicado pelo *Correio de São Leopoldo*, de onde é extraído o seguinte trecho: “Somos grandes entusiastas do trabalho realizado pelo colono alemão e em nada afeta este entusiasmo o fato de nos mantermos ciosos da reintegração completa e cabal desses nossos patrícios, seus descendentes [...]”. Essas palavras são entendidas pelo autor anônimo como sendo descabidas insinuações, que demonstram o desconhecimento da história do município por parte do jornal. Aqueles dizeres seriam resultado de uma “incapacidade intelectual aliada à má vontade”.¹⁷⁶ O texto anônimo faz referência a vários testemunhos, visando comprovar que a integração dos imigrantes alemães estava há muito firmada. O folheto também questiona a autoridade dos orientadores do semanário para tomarem a posição de “vigilantes”. Conclui assim o texto: “Mas, o que não se admite, é que pessoas sem as necessárias credenciais, venham com insinuações graciosas, perturbar o sossego e a tranqüilidade de um elemento que não quer outra cousa [...] senão trabalhar honestamente pelo bem-estar de sua família e o engrandecimento de sua Pátria”.¹⁷⁷

Coincidência ou não, na primeira edição do jornal *Correio de São Leopoldo*, na semana de 25 de julho, o semanário apareceu sob nova direção.¹⁷⁸ Na capa, o anúncio: “Aniversário da Colonização Alemã 1824-1947”.¹⁷⁹

¹⁷⁵ Consta num desses folhetos uma inscrição posterior informando o seguinte: “Encontrado numa brochura da Federação 25 de Julho impressa no Rotermund. O artigo parece ser de autoria do Dr. Fritz Rotermund”. Também no folheto utilizado aparece impressa a informação de que o texto “apareceu” no semanário “5 de abril” do município vizinho, Novo Hamburgo. MHVSL.

¹⁷⁶ Testemunho histórico: grasnam os gansos do Capitólio. Folheto avulso. MHVSL.

¹⁷⁷ Idem.

¹⁷⁸ No lugar de Genil Ruperti assume João Pereira de Almeida. Talvez fosse “complicado” à direção anterior incorporar um clima festivo diante do retorno das comemorações.

¹⁷⁹ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 26/7/1947.

O município estava sob a administração de Arthur Ferreira Filho, nomeado recentemente para o cargo,¹⁸⁰ de forma que não houve festejos públicos na cidade. O único acontecimento que ganhou destaque e que contou com a participação do referido prefeito foi a inauguração da filial do Banco Agrícola Mercantil. Aí vemos um novo uso para a data e o reforço de sua identificação com o trabalhador rural.

Houve grande participação de representantes da Assembléia Legislativa no evento. Os discursos proferidos pelo presidente da casa de crédito, Kurt Weissheimer, pela funcionária, Ivone Rutchner, e pelo representante da Associação Comercial local sugerem que houve certa cautela quando se tratava de lembrar do passado dos imigrantes alemães, pois os enaltecimentos foram contidos, embora, ou até por serem proferidos por descendentes de alemães. Como fecho dessa inauguração aconteceu um churrasco “regado a chopp” na Sociedade Ginástica.¹⁸¹

Como um todo, podemos dizer que, em 1947, o clima em São Leopoldo não era dado a festejos do 25 de julho.

Já no município vizinho, Novo Hamburgo, ocorreram comemorações, sendo inclusive decretado feriado facultativo.¹⁸² No ano seguinte, esse município programou festejos públicos intensos, não só do ponto de vista de uma programação que envolveu amplo público, mas também quanto ao aspecto sentimental dos discursos. Como exemplo deste último ponto, cito as palavras proferidas por Isolde Metzler, filha do deputado Wolfram Metzler: “Nem tudo que no Rio Grande está feito é obra dos colonos, em

¹⁸⁰ Em 3/7/1947.

¹⁸¹ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27/7/1947.

¹⁸² O retorno das comemorações do 25 de julho foi bem expressivo do ponto de vista de ser uma data festejada por descendentes de alemães, embora não tenhamos analisado esse aspecto, podemos sugerir que o contexto local contribuiu para uma “recuperação” do que a data simbolizava aos descendentes de alemães.

verdade. Mas a parte que a eles coube, eles a fizeram bem feita e com a melhor boa vontade".¹⁸³ Essas palavras, possivelmente, foram um desabafo diante de vários discursos cuja tônica era afirmar que os imigrantes alemães não eram mais que outros elementos do estado ou do país.

A tensão em Novo Hamburgo parece ter sido no sentido contrário àquela presente em São Leopoldo, pelo menos é o que evidenciam os fatos. Mais um exemplo disso está num escrito de Ercílio Rosa, publicado no jornal do município de Novo Hamburgo¹⁸⁴:

Ah! O Dia do Colono .

[...] Mas o Dia do colono já foi proibido, ridicularizado e perseguido! Talvez por elementos irresponsáveis, aproveitadores de ocasiões oportunas, esquecidos de que os sentimentos desses colonos eram, são e serão mais patrióticos do que muitas atitudes expostas na berlinda eleitoral do defensores do povo ...

Hoje liberado não sei se pela consolidação da democracia ou para esmola dos pedintes de votos, o Dia do Colono é recolocado em seu dia: 25 de Julho.

25 de Julho!... Dia do Colono !... Efeméride que consolida a interrogação que paira nos lábios dos ítalo-germânicos: Que seria do comércio e indústria rio-grandense sem os Giusepes, Dantes e os Fritz e Franz?... A interrogação fica enterrada na aragem que passa... Enquanto isso, os gozadores vão estudando meios de explorar o colono...

Ah! Colono ítalo-germânico. Enquanto não houver guerra com vossos ancestrais, você é o tall...

Viva o Dia do Colono .

¹⁸³ *Correio do Povo*. Porto Alegre, 27/ 07/ 1948.

¹⁸⁴ *O 5 de abril*, Novo Hamburgo, 23/ 7/1948, p. 2.

Ercílio Rosa expressou sua indignação com as perseguições sofridas pelos imigrantes por ocasião da guerra. Evocou também saudade do Dia do Colono. A possibilidade desse dia poder ser novamente festejado não era motivo para sentir gratidão pela permissão, o autor denunciou que a data estava sendo utilizada com propósitos eleitorais. Aproveitou também a “aragem”, ou seja, valeu-se da oportunidade das comemorações do 25 de julho para afirmar o que, no contexto das décadas de 1920 e 1930, era lugar comum: os ítalo-germânicos eram o grande pilar do Rio Grande. Por isso, ele, o colono ítalo-germânico, era *o tal*, enquanto o clima era de paz.

Em São Leopoldo, a briga era comprada, ou melhor, era mais visível, quando partia dos que estavam na posição de “vigilantes” dos descendentes de alemães. O jornal local, um dia antes do dia 25, publica na capa um texto “À propósito da libertação dos bens dos súditos do eixo”, seguindo a frase: “Nós brasileiros, temos profunda admiração pela Alemanha pacífica e obreira. [...]. Apenas somos, nós brasileiros, visceralmente contra a barbárie perversa que destrói monumentos e templos sagrados”.¹⁸⁵ Nessa mesma edição, nem uma nota sobre a data, nem mesmo a notícia de um baile ou algo assim, o certo é que festejos de caráter público não aconteceram, mesmo que a cidade estivesse sob novo governo, pois no ano anterior haviam sido eleitos Mário Sperb (PTB) e Othon Blessmann, respectivamente, prefeito e vice.

¹⁸⁵ O texto é assinado por Ramiro Frota Barcelos. *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 24/7/1948.

3. 1949, os sinos voltam a repicar

Em todo o estado, as movimentações para as comemorações do 25 de julho intensificaram-se. Em maio de 1949, o padre Balduíno Rambo buscou conscientizar os leitores da popular revista *Paulusblatt* (Rambo, 1949). Conforme Rambo, o 25 de julho deveria ser comemorado pelo menos nas regiões de colonização alemã. Rambo apontou também para a necessidade de as crianças conhecerem seus antepassados.

Também nesse ano foi organizada uma comissão pró-festejos do 25 de julho¹⁸⁶, que, às vésperas do dia 25, publicou no jornal *Correio do Povo* a seguinte “Proclamação”:

[...] Esse dia representa, pois, para os descendentes daqueles colonos, uma efeméride muito grata, devendo passar para a História como o Nosso Dia [...].

O 25 de Julho deve pois, representar, antes de tudo, um dia de meditação e concentração espiritual. Os festejos só correspondem aos nossos anseios, quando animados deste espírito vivificador.

[...] Seria grave erro considerar uma data como falha de interesse e julgar que, para prosseguir no culto à memória dos nossos ancestrais, basta insistir no silencioso caminho do dever. Quem não sabe se dar o respeito próprio, nunca será respeitado pelos demais. [...]. Comemoremos, pois, o *Nosso Dia*¹⁸⁷.

A expressão “Unser Tag”, utilizada para propagandear os festejos do Dia do Colono nos anos trinta e quarenta, foi utilizada traduzida nesse momento, “Nosso Dia”. A data era dos descen-

¹⁸⁶ A direção da comissão contou com as seguintes pessoas: Alberto Bins, Balduíno Rambo S.J, Tannhauser, Bruno Born, Wolfram Metzler, Guilherme Hillebrand, Antonio Campani, Helmuth Closs, Albano Volkmer, Ernani C. Reichmann, Emílio Kaminski, João Lino Braun, F. Guilherme Schmidt e José Schlatter.

¹⁸⁷ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24/7/1949, p. 11.

dentes de alemães, que devem dar-se ao respeito e romper com o silêncio, devem voltar a cultuar seus antepassados, dedicando-lhes um dia de meditação. O 25 de julho devia ser, antes de mais nada, um momento de concentração espiritual, de acordo com a comissão, que observava que só os festejos com esse espírito correspondiam ao seu desejo e fazia questão de diferenciar os festejos da data.

Em 1949, o *Correio de São Leopoldo*¹⁸⁸ assim lembrou a data: “Uma grande data”, “O progresso de São Leopoldo” e “O DIA DO COLONO”. Abaixo dessas chamadas, nada de enaltecimento aos imigrantes alemães, mas mais uma das tantas “intrigas” que, por ocasião do 25 de julho, se acirravam. A diferença foi que, na edição do dia 23 de julho daquele ano, o “inimigo” foi identificado. O jornal comentou a reportagem com Leopoldo Petry e Fritz Rotermund veiculada no *Diário de Notícias*. O *Correio de São Leopoldo* disse ter estranhado o fato de ambos, ao falarem do 25 de julho, terem “esquecido” de mencionar que Theodomiro Porto decretara a data feriado municipal permanente nas primeiras semanas de seu governo em 1929 e que o dito feriado não fora revogado por ocasião da guerra, “porque nada tinha a ver aqueles que aqui aportaram, com o movimento nazista”. O jornal perguntou “Será esquecimento proposital?”, e respondeu: “Tudo é possível quando velhos ressentimentos, ou paixões políticas não cedem passo, nem quando se procura fazer história, que deve ser escoimada de espírito de nobres pessoas”.¹⁸⁹ Fritz Rotermund e Leopoldo Petry trabalharam com Theodomiro Porto durante sua administração nos anos 30 quando da conquista do 25 de julho como feriado estadual. O rompimento entre eles deu-se quando Theodomiro passou a agir dentro do espírito da nacionalização. O jornal, ao

¹⁸⁸ A direção desse jornal passou para Remy Fonseca em maio de 1949.

¹⁸⁹ *Correio de São Leopoldo*, 23/ 07/ 1949, p.1.

referir-se ao fato de Theodomiro não ter revogado o 25 de julho, buscou justificar as ações do administrador. Ele próprio assim o fez em um “discurso-oração” pronunciado na Câmara Federal no dia 24 de julho de 1949:

Com a aproximação da guerra foi revogado o ato que estabelecia o Feriado Estadual de 25 de Julho. Mas o Feriado Municipal por mim instituído nunca foi revogado. [...]. Não podia, nem devia ser revogado, como não foi, pois que o dia 25 de Julho representa para São Leopoldo e para sua laboriosa, honrada, ordeira e patriótica população, o maior dia de sua história. [...]. No dia de hoje, seja lícito saudar todos os descendentes de procedência germânica [...].¹⁹⁰

Em resumo: o governo estadual revogara a data, mas ele *não podia fazê-lo* e nem o fizera, pois sabia do seu significado. E, no momento em que era lícito fazê-lo, saudava os descendentes de alemães.

Sem dúvida, aquele momento era especial e sem riscos para novas declarações aos descendentes de alemães e Theodomiro não foi o único a fazê-lo. Mansueto Bernardi, que governou a cidade na década de 1920, escreveu num jornal da capital:

Tem-se acusado [...] os colonos alemães de serem refratários à nacionalização. Tendo administrado durante alguns anos o município de São Leopoldo, [...] julgo de meu dever declarar que, durante o meu governo, o que os seus habitantes mais insistentemente pediam, eram escolas e estradas, ou seja, os dois mais profícuos elementos de nacionalização [...].¹⁹¹

¹⁹⁰ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 06/ 8/1949.

¹⁹¹ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27/7/1949, p. 4.

Em 1949, o 25 de julho voltava a ser festejado publicamente em São Leopoldo. A administração municipal deu, por um lado, uma coloração fortemente política à festa. Mário Sperb e seu vice, Othon Blessmamm, acompanhados do jornalista Willy Hanse, autor do livro *Cinco lustres nos bastidores da colônia alemã no Rio Grande do Sul*, foram à Assembléia Legislativa do Estado, onde ficou definido que um representante de cada partido estaria presente nos festejos de São Leopoldo. Também o governador do Estado, Walter Jobim, foi convidado.¹⁹²

A programação dos festejos foi a seguinte:

- 6h repicar dos sinos da igrejas, clarinadas de alvorada dos quartéis
- 8h hasteamento da bandeira nacional (Prefeitura)
- 8h30 missa na Igreja Matriz
- 9h30 culto
- Tarde- esportes: futebol no campo do Aimoré e atividades nos clubes locais; sessões cinematográficas no Cine Teatro Independência
- 18h Monumento, chegada do fogo simbólico vindo de Estância Velha (4º distrito).

O momento alto da festividade foram os eventos em torno do monumento na então Praça Tiradentes. Lá estiveram vários deputados e o governador do Estado. O primeiro a discursar foi o prefeito local, que discorreu sobre o significado da data. Em seguida, falou Frederico Guilherme Schmidt, deputado do PSD, que lembrou os “heróicos pioneiros”. Edgar Luiz Schneider, do PL e Alcides Flores Jr, da UDN, também pronunciaram-se. O primeiro declarou: “Brasileiros que são todos, custa a crer, porém, que assim não o entendam, por vezes, os homens responsáveis, entre os quais se fala, com desatenciosa freqüência em colô-

¹⁹² *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24/7/1949.

nias ‘alemãs e italianas’ como se tais ainda fossem os primitivos núcleos dessas etnias”.¹⁹³ O segundo, lembrou a instituição do feriado por Borges de Medeiros, propagando uma informação errônea. O Governador Walter Jobim disse ali estar em honra ao colono e por sua admiração pessoal da obra dos “pioneiros germânicos”.

Cabe frisar que o local escolhido para o fechamento dos festejos foi um local de grande simbologia. O fato de o monumento ainda encontrar-se tal como fora deixado em 1942 tornava a solenidade mais peculiar. Naquele momento, o governador falou sobre a depredação do monumento, empenhando-se por sua reconstrução.¹⁹⁴

De modo geral, podemos perceber que a característica étnica se fez novamente presente nos festejos, seja nos discursos proferidos seja nos rituais. Cabe acentuar que a maior parte dos oradores era descendente de alemães, como também a comissão pró-festejos do 25. Mais uma vez, e não só em São Leopoldo, a identidade da data afirmou-se como sendo da etnia alemã.

Conforme atestou o jornal da capital, o Dia do Colono “serviu, em meio a tudo quanto pudemos presenciar, para uma admirável afirmação da potencialidade econômica e da integração cívica de São Leopoldo na vida do Rio Grande do Sul”.¹⁹⁵ Essa avaliação indica que as comemorações do 25 foram também e, ainda, momento de observar a integração do descendente de alemães ao contexto regional, de modo que a festa destinou, a cada um, múltiplos e específicos papéis.

¹⁹³ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26/7/1949.

¹⁹⁴ A referência, nesse sentido, por parte do governador, não foi noticiada pelos jornais consultados: *Correio do Povo* e *Correio de São Leopoldo*. A informação é de Fritz Rotermund, extraída da tradução de dados publicados no anuário *Der Familienfreund* de 1953. MHVSL.

¹⁹⁵ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26/07/1949

É difícil falar de forma conclusiva sobre o caráter que predominou nas festividades. Percebemos a presença de rituais ligados à tradição da data, que foram também revestidos de significações que ultrapassaram o plano “espiritual”. E, se lembrarmos da recomendação da comissão pró-festejos, que sugerira comemorar como um momento de “concentração espiritual”, deparamo-nos com dificuldades metodológicas para tratar a questão.

O jornal local deu sua opinião sobre o “espírito” das comemorações. Na edição do dia 30 de julho informou: “Este ano o Governo Municipal, auxiliado por uma comissão composta de elementos a ele chegados, festejou condignamente o aniversário histórico”. Os “elementos” possivelmente referiam-se a membros da comissão pró-25. O jornal continuou o texto informando: “Infelizmente não podemos dar maiores detalhes [...], pois esta folha não recebeu convite para participar de tão marcante acontecimento para São Leopoldo”.¹⁹⁶ As desavenças do jornal estavam então estabelecidas também com o poder municipal.

Conforme o semanário, o dia 25, em parte, não foi comemorado condignamente. Assim foi quando a parte mostrada foi a “sala de visitas”, mas após a saída das autoridades visitantes e do povo, a “cozinha” foi mostrada. Conforme o jornal, após as solenidades, o prefeito local, “em comemoração da data”, fecharia a escola municipal em funcionamento há 48 anos no prédio da Comunidade Evangélica de Boa Vista do Herval, distrito de São Leopoldo, ato justificado da seguinte forma: “para que saibam e recordem, a derrota que sofri na mesa eleitoral daquela zona”.¹⁹⁷ Independente da confirmação ou não do fato, a intriga era evidente e a festa servia para buscar aliados.

¹⁹⁶ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 30/7/1949.

¹⁹⁷ Não verificamos a procedência desse dado.

O tom de crítica continuou no ano seguinte:

Em vésperas de eleição sempre vive-se o período em que são lembradas e comemoradas todas as datas com churrascos confraternizadores onde todos comparecem sem compromissos e sem reservas.

Fazemos votos de que os churrascos leopoldenses tenham sido bem temperados [...], que ninguém se deixe levar por má índole quando está em paz e com o estômago cheio.¹⁹⁸

O texto referia-se ao churrasco promovido pelo Banco Agrícola Mercantil, realizado na Sociedade Ginástica para comemorar o 25 de julho e o 3º aniversário do banco. Certamente, a direção do jornal não havia recebido convite novamente. Também é pouco provável que a crítica decorresse de uma preocupação em preservar as comemorações do 25 de julho de interesses políticos.

Antes do churrasco, ocorreram solenidades na Casa da Feitoria. Lá o referido banco doou à municipalidade um cheque de Cr\$ 10.000 cruzeiros a ser destinado à reconstrução do monumento. O prefeito agradeceu a doação que, conforme suas palavras, seria a primeira de muitas outras que atenderiam ao desejo geral do povo leopoldense.¹⁹⁹

Em 1950, também foi retomada a idéia da construção de um museu na cidade, presente em administrações passadas:

¹⁹⁸ O artigo foi assinado com o pseudônimo de “MOUMENON”, *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 17/8/1950.

¹⁹⁹ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 10/8/1950. O monumento foi definitivamente concluído em 1953, depois de integrar várias polêmicas, sendo objeto de colunas ao longo do ano de 1951, na imprensa de São Leopoldo e Novo Hamburgo. Ver: artigos, “Monumento ao Colono” de Henrique Córdoba, publicados no *Correio de São Leopoldo* e *5 de Abril*, do referido ano.

Museu Histórico Social do Município de São Leopoldo. É lógico que acompanhamos com júbilo o desenvolvimento de nossas coisas e estamos satisfeitos que certas idéias de germanismo renitente estejam se apagando [...]. Mas manter a tradição pelo que tem de original e pitoresco e aclarar a História não podem nunca serem confundidos com o aplauso a idéias insidiosas. Nesse são e desinteressado sentido de cultura [...].²⁰⁰

Abordar a história local, incluindo os descendentes de alemães, exigiria uma explicação, para que não houvesse confusão. A cidade passou a ser cada vez mais pensada a partir do aproveitamento de suas características peculiares, próprias de um momento em que houve preocupações constantes com o desenvolvimento turístico da região (ANEXO H).

Embora tivesse sido do interesse de muitas administrações, a criação de um museu local veio a ocorrer apenas em 1959, quando foi criado o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.²⁰¹ O estatuto de entidade do museu ficou como órgão semi-público, dado que foi fundado por prefeituras da região²⁰².

4. Colono, imigrante, agricultor, São Cristóvão e motorista – uma data e muitas histórias

O termo “colono” passa novamente por um processo de resignificação. Já nos anos 1940, com o processo de nacionaliza-

²⁰⁰ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 20/7/1950, p. 2. O artigo é assinado por NOUMENON.

²⁰¹ Como resultado do trabalho de um grupo dedicado à imigração alemã, entre os quais destaco Telmo Lauro Müller e Germano Oscar Moehlecke.

²⁰² O Museu foi fundado com o apoio dos seguintes municípios: Campo Bom, Feliz, Montenegro, Nova Petrópolis, Novo Hamburgo, Rolante, São Leopoldo, São Sebastião do Caí, Sapiranga e Taquara.

ção e no contexto da guerra, a carga positiva em torno da figura do colono foi tomando outras feições. Nas décadas posteriores, com a intensificação do processo de urbanização, o colono foi ficando “fora de moda” (Weber, 1996). Gertz (1991, p. 78) identifica o fenômeno do “alemão-batata”, presente entre os anos do final da guerra até 1974. Um dos aspectos desse fenômeno é o fato de que setores intermediários das cidades do interior buscaram diferenciar-se do “alemão-batata”, marcando sua posição de superioridade frente a ele.

O Dia do Colono, com essa denominação, parecia não mais servir, não denominaria a todos como outrora, independentemente da categoria de trabalho ou de distinções sociais, como constata um artigo escrito em 1972:

Atualmente, o homem do campo já se denomina de agricultor e entendem as autoridades ligadas ao setor primário, que a maioria dos Estados agrícolas já estão colonizados e, pois, a denominação “colono” nesse caso não tem razão de ser. O fenômeno dessa conceituação modificada já provocou a instituição do Dia do Trabalhador Rural, em abril último [...]. E assim sendo, os organismos ligados ao setor agropecuário não traçaram nenhum programa comemorativo ao Dia do Colono, que hoje transcorre. Ao invés disso, o Ministério da Agricultura está festejando pela primeira vez a Semana Nacional da Agricultura, comemorativa ao aniversário de fundação da referida Pasta. Mesmo assim, aqui fica nossa saudação ao colono [...].²⁰³

²⁰³ *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 25/7/1972.

O termo “colono” foi perdendo a relação direta com o imigrante por uma série de questões contextuais, de modo que o termo “colono” passou a identificar o elemento agricultor.²⁰⁴ E, embora o artigo aponte para a substituição do Dia do Colono pelo Dia do Agricultor, comemorado no dia 28 de julho, o 25 de julho não deixou de ser referência enquanto data dos que foram incluídos como pequenos produtores rurais.²⁰⁵

A proximidade do Dia do Agricultor com o Dia do Colono acabou por configurar mais uma confusão, muitos a tratam indistintamente. O estado de confusão agrava-se ao remetermos ao fato de a data 25 de julho ser também o Dia de São Cristóvão e Dia do Motorista, comemorações distintas que, nos anos 60, foram mescladas. Ocorreu que, em 2 de junho de 1960, foi decretada, em São Leopoldo, uma lei que substituía o feriado do 25 de

²⁰⁴ Teixeira (1988), ao analisar as festas de produção no Brasil, aborda o processo de ressemantização do termo “colono”. Esse termo passou a abranger, indistintamente, subcategorias de pequenos produtores rurais, designando posseiros, meeiros, sitiantes, arrendatários, como “colonos”. Estes, passaram a ser tidos como um tipo social extremamente útil, ganhando, portanto, uma conotação positiva. Conforme Teixeira, o momento da festa serve para produzir colonos politicamente assépticos (p. 58), não podendo ser diferente, dado que seus organizadores são integrantes das camadas dominantes (Teixeira, 1988, p. 58). A partir dessa análise, o autor conclui que a exaltação do colono tem como “essência” cunho pragmático. Ao passo que a exaltação do gaúcho tem sua “essência” no cunho simbólico. Ao nosso ver, essa análise é procedente quando enfoca o “colono” instrumentalizado na sua condição de trabalhador ligado à terra e não enquanto o indivíduo que enaltece suas origens. Porém, essa diferenciação é deixada de lado pelo autor. Talvez por isso tendeu a afirmar que o Dia do colono decorreu de uma simples decisão governamental. Como vimos, a festa e, nesse caso o 25 de julho, apresenta múltiplos usos, e, em muitos casos, o colono comemorado não é o mesmo.

²⁰⁵ Os usos posteriores do 25 de julho, especialmente, a partir dos anos trinta, acabam gerando inúmeras situações que estabelecem confusões a quem quiser identificar que data é essa. Na década de 80, a Comissão Pastoral da Terra adotou a data como espaço para discussões e planejamentos e criticou as comemorações com propósito distinto: “há gente que celebra só com palavras bonitas. São prefeitos e entidades que não passam de enfeites e saudações.” O dia 25 de julho também foi usado como prazo de atendimento de reivindicações de colonos (sem-terra), por parte do governo. Nesse sentido, a data criava um “clima de inquietação” (ver Hoffman, 2002)

julho pelo feriado religioso como dia consagrado a São Paulo e São Pedro, frente à sua ilegalidade. Legalmente, cabia ao município apenas decretar feriados religiosos e não os cívicos.²⁰⁶ Frente a isso foi desencadeado um movimento pelo retorno do 25 de julho como feriado municipal. Telmo Lauro Müller, que liderou o movimento, referiu-se ao fato de que a agenda dos feriados religiosos, limitada em cinco, já estava lotada. Então, conforme Müller, a solução seria excluir um deles para colocar o 25, e foi essa a proposta feita ao padre local, ao pastor de sua comunidade (evangélica) e ao prefeito. A mescla entre 25 de julho, Dia de São Cristóvão e Dia do motorista é assim relatada por Müller:

Tem uma coisa importante, tinha de ser feriado de tradição religiosa e, o 25 de julho não era de tradição religiosa. Mas, quando terminou o desfile do 25 de julho, os motoristas passaram a comemorar São Cristóvão, saíam na rua em caminhões, ônibus, automóveis, bicicletas, fazendo procissão em homenagem a São Cristóvão (Müller, Entrevista, 2000)

Assim, encontrou-se uma forma de dar “legalidade” à data, data esta que chegou a ser questionada na década de 70.²⁰⁷

Quanto à denominação do feriado, cabem ainda algumas considerações. Se em 1936 a proposta tinha sido estender, em nível nacional, o 25 de julho com a denominação Dia do Colono,

²⁰⁶ A inconstitucionalidade veio à tona em virtude de um mandato de segurança impetrado pela indústria do município. Cf. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 25/7/1960. O fato permite inúmeras análises das quais nos abstermos, limitamos-nos apenas a referenciá-lo.

²⁰⁷ Em 1975, um ano após a comemoração dos 150 anos de imigração alemã, a afirmação de Carlos H. Hunsche de que não foi em 25 de Julho a data em que os imigrantes chegaram ao passo da Antiga Real Feitoria do Linho Cãnhamo, mas em data anterior, causou algumas indignações, embora o próprio defensor da tese afirmasse: “Apesar desta constatação revolucionária, opinamos que devemos seguir comemorando, como dia oficial da chegada dos primeiros alemães a São Leopoldo, a data 25 de julho” (Cf. Hunsche, 1975, p. 192).

em 1956, a proposta encaminhada pelo Instituto Nacional de Imigração e Colonização à Câmara dos Deputados Federais reivindicava o “Dia do Imigrante”. Porém, não como o 25 de julho, mas como 4 de novembro, data em que, no ano de 1819, chegaram ao Brasil, no Rio de Janeiro, os “verdadeiros primeiros imigrantes dirigidos”, vindos da Suíça (ANEXOS I). Já na Assembléia Legislativa Estadual, no mesmo ano, foi proposta a substituição da denominação do feriado do 25 de julho de Dia do Colono para Dia do Imigrante, contemplando assim diferentes etnias.²⁰⁸ Naquele momento, ambos os projetos não entraram em vigor.

Mesmo assim, a denominação “Dia da Imigração” passou a ser utilizada com frequência. Vemos assim que a denominação Dia do Colono foi perdendo espaço. A data 25 de julho, que até hoje é comemorada em São Leopoldo, tem sido denominada de “São Leopoldo Fest”, comportando assim um sentido mais abrangente, enquadrando a comemoração ao circuito das “Fest”.

As implicações dessa denominação e mesmo as características das edições comemorativas atuais, que duram duas semanas, muito tem a dizer sobre e além dos objetivos voltados ao consumo turístico. Seyferth, ao referir-se às “festas típicas alemãs” que têm proliferado no sul do país, adverte:

Existe um artificialismo apenas aparente nessas festividades [...]. Mesmo existindo para consumo turístico, tais festas têm caráter de símbolo étnico, marcam as diferenças em relação aos outros brasileiros, reafirmam valores culturais próprios. Não deixam de ser uma forma de renovação da distintividade [...] (Seyferth, 1994, p.25).

²⁰⁸ *Anais da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul*, 1956. Porto Alegre: Globo, p. 3. Esta projeto partiu de Adalmiro Moura.

Dessa forma, não podemos pensar que os objetivos voltados ao consumo turístico justifiquem as festas que se apoiam num leque de artificialismos. Para a autora esses artificialismos são aparentes. Há estudos que demonstram que os próprios objetivos voltados ao consumo turístico apoiaram-se em um conjunto de fatores que, poderiam à primeira vista serem tomados como artificialismo, mas que no entanto, sustentam as festas. No caso das comemorações em questão o caráter étnico desempenhou e desempenha um papel fundamental.

Como vimos ao longo do trabalho, as comemorações do 25 de julho estiveram estreitamente ligadas aos interesses de cada conjuntura, tendo manifestações de caráter étnico que sofreram modificações ao longo do tempo.

Mesmo que os identificadores étnicos sofram alterações culturais, o que se reflete, entre outros, no tipo de rituais festivos, a festa continua a ser um momento de marcar a identidade étnica. Pois, como vimos, há diversas formas, além dos traços culturais, de demarcar as fronteiras étnicas (Barth, 1998). Este processo pode ser visto através da eficácia simbólica de alguns símbolos e, como explica Baczkó (1986, p.325): “Os símbolos só são eficazes quando assentam numa comunidade de imaginação. Se esta não existe, eles têm tendência a desaparecer da vida colectiva ou, então, a serem reduzidos a funções puramente decorativas”.

Assim, as comemorações do 25 de Julho, uma vez que ainda são editadas colocam-nos o desafio de serem pensadas a partir de uma série de aspectos que, se vistos isoladamente podem comprometer a seriedade da avaliação.

Considerações Finais

Ao buscarmos uma resposta à indagação “que comemorações são estas do 25 de julho?” fomos forçados a ampliar o olhar para muitos aspectos além daqueles em torno das comemorações. Não havia como analisá-las sob um único prisma, sob pena de incorrerem em apontamentos errôneos, dada a complexidade do enredo das mesmas.

Também não foi possível definir as comemorações identificando-as com um só viés, pois suas multifuncionalidades, as diferentes formas delas serem vivenciadas, as contrariedades presentes em vários momentos, assim não o permitiram.

A história das comemorações da imigração alemã em São Leopoldo tem muito a dizer sobre as complexas relações entre a população de origem imigrantista alemã na sua relação com seu passado, presente e futuro. A festa constituiu um momento de elaborar uma memória local estreitamente ligada aos progressos do presente, e a promessa de um futuro.

Vimos que o “25 de julho” não é uma data abstrata, que comemora um fato memorável. O 25 de julho “encarnou” diferentes significados expressos em gestos, palavras, imagens, e mesmo em silêncio.

Em São Leopoldo as comemorações da data foram ora momento de reafirmação de um mesmo enredo, ora, espaço de controle da memória.

No conjunto, estas comemorações não podem ser vistas como contraditórias, frente aos seus diferentes aspectos. Elas abriram espaço para “tudo”: para “festar”, criticar, lembrar, ensinar, anunciar, fortificar, condenar, julgar, marcar diferenças étnicas, buscar reconhecimento, conquistar votos, mostrar fidelidade, promover, inaugurar, resolver problemas pendentes, pensar a cidade, produzir e reconstruir histórias, apagar memórias. Grande parte desses “usos” se processaram na relação entre pragmático e simbólico.

Assim, o espírito comemorativo transitou por múltiplos lugares no repertório das manifestações, e deixou-nos um espaço para imaginar a forma de vivência individual e coletiva do 25 de julho.

O vínculo entre as comemorações do 25 de julho e a identidade étnica de imigrantes alemães e seus descendentes esteve sempre presente, seja na forma destes lembrarem a data, ou mesmo na forma como se faziam lembrar por ocasião da passagem desta.

Esta relação, fez do 25 de julho um momento de crítica política, onde as rivalidades locais se agudizaram, frente ao contexto nacional e internacional. Durante todo o período estudado, as comemorações da data consistiram num espaço para lembrar e viver os conflitos políticos presentes.

No entanto, nem todos os rituais festivos tiveram o tom de crítica política, embora este tenha sido o aspecto mais presente nos diversos lugares de onde a festa foi falada e propriamente festejada.

O 25 de julho, foi momento também de inventar o próprio 25, é assim que os rituais foram criados e recriados ao longo dos anos, sendo revestidos de novos sentidos. Mas, no conjunto, as comemorações da data simbolizaram o prestígio de grupo étnico alemão.

A presença constante da administração local na preparação dos festejos públicos da data fez da festa um momento de exibicionismos, que serviram tanto para rivalizar, quanto para mostrar o potencial da cidade ou do administrador. Difícil saber a medida certa de quem é a dívida maior, se da cidade para com as festas ou se da festa para com a cidade, pois *na* ou *por* sua ocasião inúmeras obras foram desenvolvidas. Podemos até pensar: seria São Leopoldo tal como é sem o 25?

Referências Bibliográficas

ÁLBUM oficial. Sesquicentenário da imigração alemã, 1974.

AMARAL, Rita de Cássia. Sentidos da festa à brasileira. *Travessia* (Revista do migrante), São Paulo, n.31, p. 5-8, maio/agosto, 1998.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. *O trágico 5º Centenário do Descobrimento do Brasil: comemorar, celebrar, refletir*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1995, v.5, p. 296-332.

BAIRON, Sérgio. O fantasma da unidade cultural na metáfora palinódica do brasileiro alemão. *Revista de História*, São Paulo, n. 129-131, ago.-dez/93 a ago.-dez./94.

BARTH, Fredrick. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; SREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. São Paulo: Papyrus, 1989.

CHARTIER, Roger. *A história cultural : entre práticas e representações*. Lisboa, Rio de Janeiro: Difel, Bertrand Brasil, 1990. (Memória e Sociedade)

CORBIN, Alain; GÉROME, Noëlle; TARTAKOWSKY, Danielle (Dirs). *Les usages politiques des fêtes: aux XIX^o- XX^o siècles*. (Actes du colloque organisé les 22 et 23 novembre 1990). Publications de la Sorbone, 1994.

COX, Harvey. *A festa dos foliões*. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

DREHER, Martin N. *Igreja e germanidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

DUARTE, Eduardo. *O centenário da colonização alemã no Rio Grande do Sul: 1824-1924*. Porto Alegre, Tipografia do Centro, 1946

Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, FGV, 1992.

Estudos Ibero-Americanos, PUC/RS, V. XXV, “Festas e Comemorações”, n. 1, Junho, 1999.

Festa. In: *Enciclopédia Einaudi*. v. 30. Religião-rito. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994, p. 402-414.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A farra do boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: UFSC, 1997.

_____. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

FLORES, Maria Bernadete Ramos; WOLFF, Cristina Scheibe e CZESNAT, Lúgia de Oliveira. “O grande teatro público – Oktoberfest?”. *Revista Catarinense de História*, n. 3, 1995.

FLORES, Maria Bernadete Ramos; WOLFF, Cristina Scheibe. "A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição". In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. (orgs.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: ULBRA, 1994

GANS, Magda Roswita. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, 1996

GERTZ, René E. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987

_____. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

_____. *O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOFFMAN, Leandro Sidinei Nunes. *Da cruz à bandeira: a construção do imaginário do movimento sem-terra/RS (1985 – 1991)*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, 2002.

HUNSCHE, Carlos H. *O biênio 1824/25 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul: Província de São Pedro*. Porto Alegre: A Nação, 1975.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (O Homem e a História)

- KOSSELECK, Reinhart. *Futuro pasado*. Para una semántica de los tiempos históricos. Barcelona: Paidós, 1993.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: UNICAMP, 1996
- MACIEL, Maria Eunice de Souza. Considerações sobre gaúchos e colonos. In: *Diversidade étnica e identidade gaúcha*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1994. (Documentos: n° 05).
- MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas, São Paulo: UNICAMP/FAPESP, 1988.
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS; Inst. Estadual do Livro, 1978.
- MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (orgs). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: ULBRA, 1994.
- MOEHLECKE, Germano Oscar. *São Leopoldo: obras e iniciativas públicas*. Col. Revivendo o passado, v. 2, São Leopoldo, 2000.
- _____. *O vale dos Sinos era assim*. São Leopoldo: Rotermund, 1978.
- _____. *Vida social/ usos e costumes*. Col. Revivendo o passado, v. 1, São Leopoldo, 1997.
- MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC), 1992.
- MÜLLER, Telmo L. *Sociedade Ginástica: cem anos de história*. São Leopoldo: Rotermund, 1986.

_____. (org.). *Nacionalização e imigração alemã*. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. (Trad. Yara Aun Khoury). *Projeto História*. São Paulo. n.10, dez. 1993, p. 7-28.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo/Campinas: Cortez/Ed. UNICAMP, 1996.

OZOUF, Mona. A festa: sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, J; NORA, P. (orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 216-232.

PELLANDA, Ernesto (org.). *A colonização germânica no Rio Grande do Sul: trabalho organizado de ordem do governo do estado em homenagem a colônia alemã em seu centenário*. Repartição de Estatística do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Oficinas Graf. Livraria do Globo-Barcellos, Bertaso & Cia, 1925.

PESAVENTO. Sandra J. De como os alemães se tornaram gaúchos. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (orgs.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: ULBRA, 1994.

_____. A invenção da sociedade gaúcha. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, (14) 2, 1993, p. 383-396

_____. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História: Representações*, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-28, 1995.

PETRY, Leopoldo. *O município de Novo Hamburgo: monografia*. 2. São Leopoldo: Rotermond, 1959.

_____. *O município de São Leopoldo*. São Leopoldo: Rotermund, 1923.

_____. *São Leopoldo: berço da colonização alemã do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Prefeitura Municipal de São Leopoldo. v. 1, 1966.

PFEIL, Antônio Jesus. Alemães e colônias no cinema gaúcho. In: GERTZ, René E., FISCHER, Luís (coords.) *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1996, p. 116-125.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf (org., coord) et al. Imigração alemã 1824-1974 levantamento e apreciação da problemática de São Leopoldo no Período de 1824-1889. *Estudos Leopoldenses*, ano 1974, n. 28, p. 7-66. São Leopoldo: Unisinos, 1974.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTO, Aurélio. *O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

POUTIGNAT, Philippe; SREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

PRIORE, Mary del. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PROST, Antonie. As palavras. In: RÉMOND, René. (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

RAMBO, Arthur B. A identidade teuto-brasileira. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXV, n. 2, p. 185-196, dezembro/1999.

RAMBO, Balduíno. Freude zur Überlieferung. *St. Paulusblatt*, maio, 1949.

RAMOS, Eloisa H. C. da Luz. *O teatro da sociabilidade: um estudo dos clubes sociais como espaços de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo, 1850/1930*. Porto Alegre, 2000. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS.

RIBEIRO, Cleodes. Piazza Júlio. Imigração italiana no Rio Grande do Sul “resgate da memória”. In: REICHEL, Heloísa J.; GUTFREIND, Ieda (Coords.). *América Latina e historiografia*. São Leopoldo: UNISINOS, 1996.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, v. I, II, 1969.

ROTERMUND, Guilherme. A “Festa do Apito” e a urna feita por índios. *Revista Rua Grande*, São Leopoldo, abril de 1974.

_____. O programa do 25 de julho no ano do Centenário. *Revista Rua Grande*, São Leopoldo, jul. 1974.

_____. Os sinos repicaram três vezes ao meio-dia. *Revista Rua Grande*, São Leopoldo, ag. de 1974.

_____. A pedra meio século depois. *Revista Rua Grande*, São Leopoldo, ag. de 1974.

_____. 1º semana: janeiro/1924. In: *Revista Rua Grande*, São Leopoldo, jan. 1974.

SCHIERHOLT, José Alfredo. O imigrante frente a ideologias. In: *Anais do 5º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemãs no*

Rio Grande do Sul. São Leopoldo, graf. Caeté, p. 71-93, 1989.

SEYFERTH, Giralda. A representação do “trabalho alemão” na ideologia étnica teuto-brasileira. *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, n. 37, 20 out. 1982.

_____. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Mana*. Rio de Janeiro; (Museu Nacional/UFRJ), n. 3-1, 1997.

_____. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (orgs). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: ULBRA, p. 11-27, 1994.

_____. Grupo étnico. In: *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 580-582, 1986.

_____. Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão da bibliografia. *Boletim de Informações Bibliográficas*, Rio de Janeiro, n. 25, 1988, p. 3-55.

SOARES, João Solon de Macedonia. *Colônia de São Leopoldo*. Porto Alegre, Livraria do Globo, [194_].

SOUZA, José Pereira Coelho de. *Denúncia: o nazismo nas escolas do Rio Grande*. Porto Alegre: Thurmman, 1941.

SOVERAL, Antonio (org.). *O patriótico governo do Gen. José Antonio Flores da Cunha: O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: s.n., 1935.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. *Os recados das festas: representações e poder no Brasil*. Rio de Janeiro, FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.

VILLARROYA, Antonio Ariño. *La ciudad ritual: la fiesta de las fallas*. Barcelona, Antropos; Madrid: Ministério de Cultura, 1992.

VOVELLE, Michel. O retrocesso pela História na redescoberta da festa. In: *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WEBER, Regina. Nacionalidade com prefixos: os teutos e o Estado Novo em Ijuí. In: MAUCH, Cláudia;

VASCONCELLOS, Naira (orgs). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: ULBRA, 1994.

WEBER, Regina. Memórias e estudos sobre a condição de descendente de imigrantes alemães. In: FISCHER, Luís Augusto, GERTZ, René E. *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1996, p. 56-60.

XAVIER, Zaida Eloá Bandeira. *As cavalhadas no município de São Leopoldo*. Dat. Porto Alegre, 1989.

Acervo Documental

Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Anais da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1947.

Anais do Congresso de História e Geografia, 1846-1946. Porto Alegre: Globo, 1947.

Atas da reunião das comemorações do Centenário.

Ato n. 109 de 20 de agosto de 1924, assinado por Oscar Stabel, no exercício de intendente.

Brochura “Reportagens sobre o 25 de Julho” organizada por Fritz Rotermond.

Catálogo oficial da exposição de São Leopoldo em homenagem ao trabalho alemão e em comemoração ao 70º aniversário da elevação de São Leopoldo a cidade.

Catálogo oficial da exposição de São Leopoldo.

Decretos de feriados.

Estatuto da Liga de Defesa Nacional em São Leopoldo, 1917.

Folheto: Testemunho histórico: grasnam os gansos do Capitólio.

Fotografias

Mapas

Programa de festejos

Relatório apresentado ao Conselho Municipal de São Leopoldo pelo intendente Mansueto Bernardi em maio de 1923.

Relatório apresentado ao Conselho Municipal de São Leopoldo pelo vice-intendente em exercício Dr. Frederico Wolffenbüttel em 12 de outubro de 1923.

Relatório de 1941 apresentado ao Exmo. Sr. Gal. Osvaldo Cordeiro de Farias, Interventor Federal, pelo prefeito Theodomiro Porto da Fonseca. Porto Alegre, Of. Gráf. Da Livraria do Globo, 1942.

Revista do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, n. 15-16, dez.1924.

Revista Rua Grande. São Leopoldo, 1974.

Entrevista

MÜLLER, Telmo Lauro. *Entrevista sobre sua participação nas comemorações do 25 de julho*. São Leopoldo, julho de 2000.

Gravação em fita cassete.

Jornais

Correio de São Leopoldo. São Leopoldo, 1936-1939, 1941-1942, 1945-1950.

5 de Abril. Novo Hamburgo, 1936, 1948.

Deutsche Post. São Leopoldo, 21 de jul. 1923.

Deutsches Volksblatt. 24 de jul. 1934.

Die Serra Post. Ijuí, 1934.

União: Orgão Republicano. São Leopoldo, n.29, 20/9/1924.

Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa

Jornal da Manhã. Porto Alegre, 26/ 7/1934

Diário de Notícias. Porto Alegre, 28/7/1925, 25/7/1934, 27/7/1939

A Federação. Porto Alegre, 1924, 1934, 1935.

Correio do Povo. Porto Alegre, 1924-1950.

Jornal do Comércio. Porto Alegre, 25 de jul. 1972.

Folha da Tarde. Porto Alegre, 25 de jul. 1960.

Anexos

Anexo A - Comemorações de 1924

Programma das festas em São Leopoldo

DIA 20 DE SETEMBRO.

- 6,00 h.: Alvorada. — Salvas.
8,20 h.: Embarque para Novo Hamburgo.
12,30 h.: Embarque para Novo Hamburgo.
15,45 h.: Volta de Novo Hamburgo.
16,00 h.: Formação do prestito para recepção do Exmo. Snr.
Dr. Presidente do Estado
- 1) Banda de Musica.
 - 2) Collegio Elementar.
 - 3) Collegio São Luiz.
 - 4) Collegio Evangelico.
 - 5) Collegio São José.
 - 6) Seminario.
 - 7) Banda de Musica.
 - 8) Sociedades visitantes.
 - 9) Sociedades locais.
- a) Orpheus e Clubs filiados.
 - b) Sociedade Gymnastica.
 - c) União Operaria.
 - d) Sportclub Nacional.
 - e) Club Riograndense.
 - f) Sportclub Guarany.
- 16,30 h.: Chegada do Exmo. Snr. Dr. Presidente do Estado e
Destile ao Monumento do Centenario.
17,00 h.: Inauguração do Monumento do Centenario. Sauda-
ção pelo Dr. Oliverio de Deos Vieira Filho.
17,30 h.: Inauguração da Exposição dos Documentos historicos
na Intendencia Municipal. Discurso do Major Souza
Docca.
18,00 h.: Regresso á Estação.
De noite: Bailes nas sociedades Orpheus e Gymnastica. Cine-
ma na Praça da Redempção. Sessões ás 19,30, 21,00
e 22,00 horas.

DOMINGO, 21 DE SETEMBRO.

- 6,00 h.: Alvorada e Salvas.
9,30 h.: Missas festivas nas igrejas.
14,00 h.: Recepção na Estação e formação do prestito na or-
dem do dia anterior.
14,30 h.: Lançamento da pedra fundamental do Hospital do
Centenario na praça 20 de Setembro. Discursos do
Dr. Oliverio de Deos Vieira Filho e do Dr. J. Steidle.

Programa das festas em São Leopoldo (MHVSL)

- 16,00 h.: Acto Commemorativo junto ao Monumento do Centenario. Recepção dos Escoteiros de Santa Cruz, Estação Sander, Porto Alegre, Itaqui e Bagé.
- a) Entrega das Mensagens, pelo Sr. G. Black.
 - b) Saudação pelo Dr. E. Rotermund.
 - c) Canto coral.
 - d) Discurso do Dr. Daehnhardt, Consul allemão.
 - e) Allocução pelo Dr. A. Ebling.
 - f) Canto coral.
 - g) Discurso do Dr. Eduardo Duarte.
 - h) Hymno Nacional, cantado pelos alumnos dos collegios com acc. da Banda Militar.
 - i) Allocução da Exma. Snrta. Hilda Weber.
- 18,00 h.: Regresso á Estação.
- 20,00 h.: Festival na Sociedade Gymnastica.
- De noite: Cinema na praça da Redempção. Sessões ás 19,30, 21 e 22 horas.
- 23,00 h.: Fogos na praça do Centenario.

SEGUNDA-FEIRA, 22 DE SETEMBRO.

- 9,00 h.: Reunião na praça da Redempção.
- 9,30 h.: Romaria ao túmulo do Coronel Dr. João Daniel Hillebrand, benemerito do município de São Leopoldo, no cemiterio. Discursos do Coronel Aurelio Porto e do Pastor Schroeder.
- Das 12 h. em diante: Corridas no Prado Leopoldense. Festas desportivas na Chacara das Paíneiras.
- De noite: Sarau dansante na Sociedade Orpheus. Cinema na praça da Redempção. Sessões ás 19,30, 21 e 22 h.
- Commissão Central:* Cel. João Corrêa Ferreira da Silva; Dr. Jacob Kroeff Netto; Oscar Stabel; Pedro Adams Filho; Dr. Arthur Ebling; Leopoldo Petry; Julio Kunz; Leopoldo Hofmann Filho; Dr. Ernesto Rotermund.
- Commissão de Informaçoes:* Emilio Bender; Luiz Benkenstein; Homero Vellozo; Leopoldo Sperb; Vidal Cordova.
- Commissão de Recepção:* Cel. João Corrêa F. da Silva; Dr. Fr. Wolfenbüttel; Oscar Stabel; Dr. M. Fischer; Germano Hauschild; Edgar Hofmann.
- Commissão de Alojamento:* Capitão Valdez; Emilio Mueller; Adolpho Moog; Oscar Poisl.
- Commissão de Prestito:* Emilio Boeckel; Director do Collegio São Luiz; Pastor Schroeder; Oswaldo Kreuzer; Adolf von Esenwein; Bruno Hofmann; Carlos Blessmann.

INFORMAÇÕES

de qualquer natureza serão fornecidas na Intendencia Municipal.

HOTELIS:

- Hotel Graeter — Rua Independencia n.º 31.
Hotel Brasil — Rua Independencia n.º 16.
Hotel Herzer — Rua São Miguel n.º 8.
Hotel Rio Branco — Praça da Redempção n.º 9.

REFEIÇÕES:

- Sociedade Orpheus — Rua Brasil n.º 13.
Sociedade Gymnastica — Rua José Bonifacio, esq. Conceição.
Café Commercial — Rua Independencia n.º 66.
Café Central — Rua Independencia n.º 131.
Pensão Spohr — Praça da Redempção n.º 21.
Pensão Julio Crusius — Rua Brasil n.º 35.
Hotel Wilkens — Rua São Miguel n.º 20.

MEDALHAS

commemorativas do Centenário e cartões do Hospital do Centenário á venda na Intendencia Municipal, nas Sociedades e nos Cafés.

Telegrapho: Rua Independencia n.º 12, defronte do Hotel Graeter.

Correio: Rua Marquez do Herval 55, defronte da casa Rotermund.

Telephone: Rua Independencia n.º 123, defronte do Theatro Independencia.

Coliscu Theatro Leopoldense e Theatro Independencia, ambos na Rua Independencia.

PEDE-SE aos senhores visitantes inscrever o nome no Livro de Visitantes depositado na Intendencia Municipal.



1824 ——— 1924

1. Centenario da Fundação de São Leopoldo e da Colonisação allemã no Estado do Rio Grande do Sul

20 a 22 de setembro de 1924

PROGRAMMA GERAL

SABBADO, 20 DE SETEMBRO:

- 9,00 h.: Lançamento da pedra fundamental do monumento da Colonisação em Hamburgo Velho.
14,00 h.: Inauguração da Exposição Municipal em Novo Hamburgo.
16,30 h.: Recepção do Exmo. Snr. Dr. Presidente do Estado. Inauguração do Monumento do Centenario em São Leopoldo.
17,30 h.: Inauguração da Exposição dos Documentos historicos.
De noite: Festivaes nas sociedades de Novo Hamburgo e Hamburgo Velho. Cinema na Praça da Redempção em São Leopoldo. Bailes nas sociedades Orpheus e Gymnastica.

DOMINGO, 21 DE SETEMBRO:

- 9,30 h.: Missas festivas em todas as igrejas do Municipio.
14,30 h.: Lançamento da pedra fundamental do Hospital do Centenario na Praça 20 de Setembro em S. Leopoldo.
16,00 h.: Acto Solemne junto ao Monumento do Centenario em São Leopoldo. Recepção dos Escoteiros de Santa Cruz, Estação Sander, Porto Alegre, Itaquy e Bagé.
De noite: Festival na Sociedade Gymnastica. Cinema na praça da Redempção. Fogos na praça do Centenario, em São Leopoldo.

SEGUNDA-FEIRA, 21 DE SETEMBRO:

- 9,30 h.: Romaria ao tumulo do Coronel Dr. João Daniel Hillebrand, benemerito do Municipio, no cemiterio de São Leopoldo.
12,00 h.: Corridas no Prado Leopoldense. Festas desportivas na Chacara das Paineiras, São Leopoldo.
De noite: Sarau dansante na Sociedade Orpheus. Cinema na Praça da Redempção, São Leopoldo.

DIA 21 DE SETEMBRO.

- 6 horas — Como no dia anterior.
9 horas — Offícios religiosos em todas as igrejas — A tarde
haverão festas officaes em São Leopoldo, para
onde seguirá um trem expresso, ás
13,50 horas — voltando ás 18,45 horas —
20 horas — Concerto no recinto da Exposição.

DIAS 22 DE SETEMBRO A 4 DE OUTUBRO.

Todas as noites diversões no recinto da exposi-
ção com variado programma.

DIA 5 DE OUTUBRO.

Encerramento da exposição. — Batalha de flôres.

COMISSÕES:

Comissão directora: Dr. Jacob Kroeff Netto, presidente; Pe-
dro Adams Filho; Major André Kilpp; José J.
Martins; Julio Kunz; Leopoldo Petry; Carlos
Dienstbach.

Distinctivo: Roseta com as côres das bandei-
ras nacional, riograndense e allemã.

Comissão de recepção: Marcos Moog; Alberto Adams; Ervino
J. Schmidt; João Marienthal da Rocha; Eduino
Brodbeck; Arnaldo Coelho; Emilio Hofmann e
Emilio Leyser.

Distinctivo: Roseta verde, botão amarelo.

Comissão de hospedagem: Julio Adams; João W. Hennemann
Filho; Benjamim Altmayer; Leonardo Alles; Os-
car Kunz; Guilherme L. Vielitz; Ernesto C. Georg;
Edwino Becker; Ataliba Juchem e Roberto Streb.

Distinctivo: Roseta branca, botão côres na-
cionaes.

Comissão de ordem e policiamento: Marcolino dos Santos Pa-
checo; Luiz Arthur Bender; Alberto Müller; João
Lourenço Torres Netto; João Wendelino Henne-
mann.

Distinctivo: Roseta encarnada, botão côres
nacionaes.

Comissão de festas: Samuel Dietschi; Emilio Streb; Rudolfo
Saile; Adolfo Kirsch; Alfredo Fischer; Rudolfo
Heller; Norberto Lichtler; Carlos Krause; Albino
Kieling.

Distinctivo: Roseta amarella, botão verde.

Comissão de distribuição dos lugares no pavilhão: João Bran-
denburger; Pedro Alles; João Altmayer; Julio Ai-
chinger; Henrique Alberto Steigleder; Hans Beh-
rend; Fernando Korndoerfer; Henrique Korndoer-
fer; Jorge Pedro Grub; Oscar Jung.

Distinctivo: Roseta azul, botão côres nacionaes

Comissão de construção do pavilhão: Julio Aichinger; Pe-
dro Alles; João Brandenburger; João Altmayer.

Entrada na exposição: 500 réis.

1.º Centenario da Imigração Allemã

Programma

das festas em

Novo Hamburgo

DIA 20 DE SETEMBRO.

- 6 horas — Alvorada. — Salvas de morteiros. — Repique dos campanarios de todas as igrejas.
- 8 horas — Formação de dois prestitos, sendo um em Novo Hamburgo, na séde da sociedade «Gymnastica», e outro em Hamburgo Velho, na séde da sociedade «Frohsinn», sahindo o primeiro rumo a esta ultima localidade, e reúne-se ao segundo, para, incorporados, seguirem á Praça Mauá.
- 9 horas — Recepção dos convidados e hospedes na estação de Hamburgo Velho. Formação de um prestito que segue á Praça da Colonização, onde se desenrolará o seguinte programma:
1. Canto das sociedades.
 2. Discurso de saudação pelo Sr. Leopoldo Petry.
 3. Hymno nacional, cantado pelo povo, com acompanhamento da banda de musica.
 4. Discurso do rev. Pastor R. Kreuzer e outros.
 5. Collocação do marco inicial do monumento commemorativo da colonização allemã.
 6. Hymno da Independencia, pelo povo.
 7. Canto das sociedades.
- 11½ horas — Almoço.
- 13 horas — Formação de dois prestitos, como de manhã, marchando o de Hamburgo Velho para esta localidade, onde, incorporando-se ao daqui na séde da sociedade Gymnastica, seguirão á Praça 14 de Julho.
- 13,40 horas — Chegada de S. Excia., o Dr. Presidente do Estado. — Marcha á Praça 20 de Setembro. — Inauguração da Exposição. — Discurso do Sr. Dr. Jacob Kroeff Netto.
- 15,45 horas — Partida dos trens expressos que levarão as pessoas que desejarem assistir aos festejos em São Leopoldo.
- 15,45 horas — Embarque do Exmo. Sr. Dr. Presidente do Estado.
- 18,30 horas — Regresso de São Leopoldo.
- 21 horas — Concerto no recinto da exposição. — Sessão solenne na séde da sociedade Frohsinn.

Programa das festas em Novo Hamburgo (MHVSL)

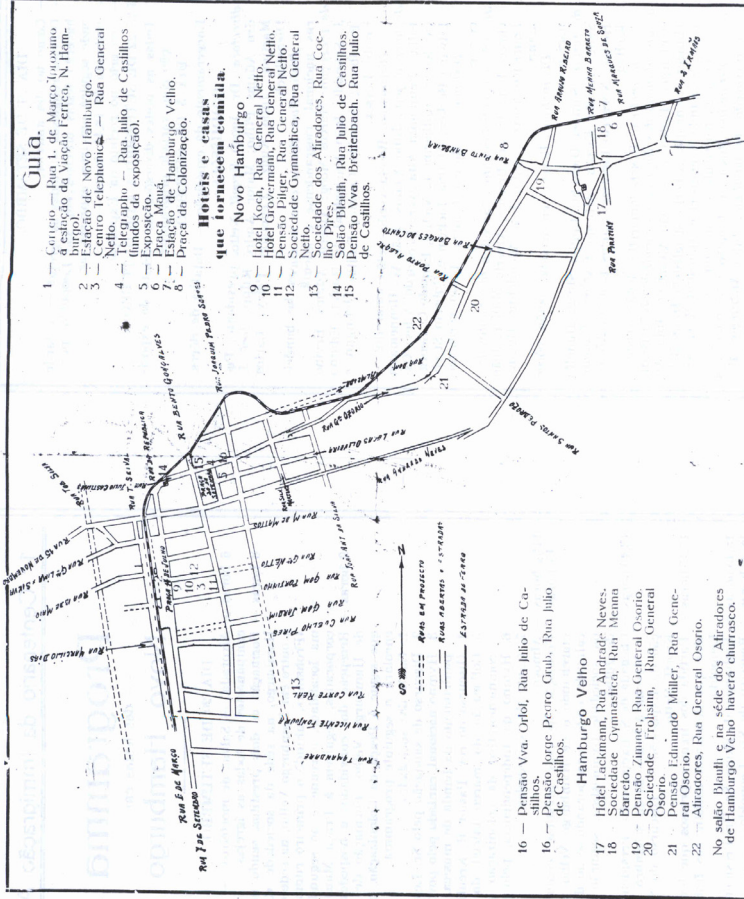
Guia para as festas do 1.º centenario da imigração allemã

Guia.

- 1 — Curatelo — Rua 1.º de Marco, no centro do bairro.
- 2 — Estação de Novo Hamburgo.
- 3 — Centro Telephonico — Rua General Netto.
- 4 — Telegrapho — Rua Julio de Castilhos (lindos da exposiçào).
- 5 — Praça Municipal.
- 6 — Praça Minú.
- 7 — Estação de Hamburgo Velho.
- 8 — Praça da Colonizaçào.

Hotéis e casas que forneçem comida.

- Novo Hamburgo**
- 9 Hotel Koch, Rua General Netto.
 - 10 Hotel Grovermann, Rua General Netto.
 - 11 Pensão Pilger, Rua General Netto.
 - 12 Sociedade Gymnastica, Rua General Netto.
 - 13 Sociedade dos Alfradores, Rua Cosmo Persingh, Rua Julio de Castilhos.
 - 14 Pensão Vva. Breitenbach, Rua Julio de Castilhos.
 - 15



- 16 — Pensão Vva. Orjol, Rua Julio de Castilhos.
- 16 — Pensão Jorge Pedro Cruz, Rua Julio de Castilhos.

Hamburgo Velho

- 17 Hotel Uchmann, Rua Andrade Neves.
- 18 Sociedade Gymnastica, Rua Meina Barreto.
- 19 Pensão Zaminer, Rua General Osorio.
- 20 Sociedade Frolsam, Rua General Osorio.
- 21 Pensão Edmundo Muller, Rua General Osorio.
- 22 Alfradores, Rua General Osorio.

No bairro Blumil e no sude dos Alfradores de Hamburgo Velho haverá churrasco.

Planta de Novo Hamburgo e Hamburgo Velho

Exposiçào de Novo Hamburgo

Anexo B



Praça Centenário na década de 1930 (MHVSL)



Comemoração do Centenário - Setembro/1924 (MHVSL)



Comemoração do Centenário - Setembro/1924 (MHVSL)



Comemoração do Centenário - Setembro/1924 (MHVSL)

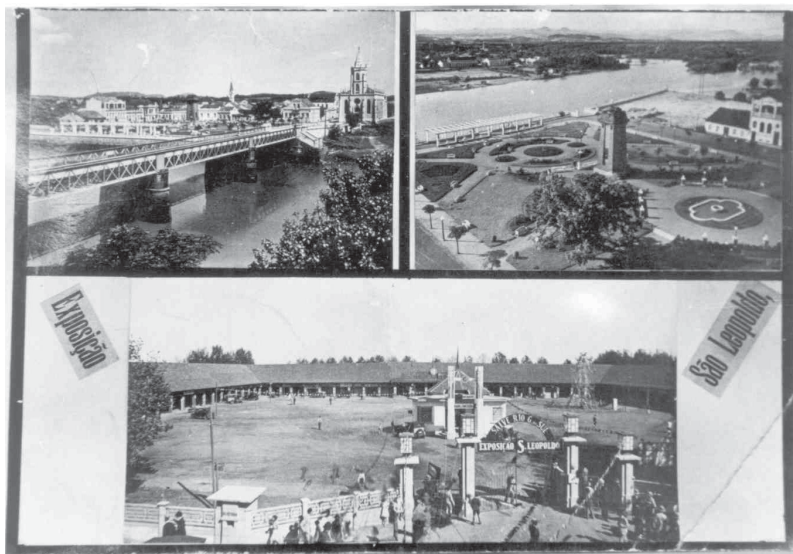
Anexo C



Pavilhões da Exposição (MHVSL)

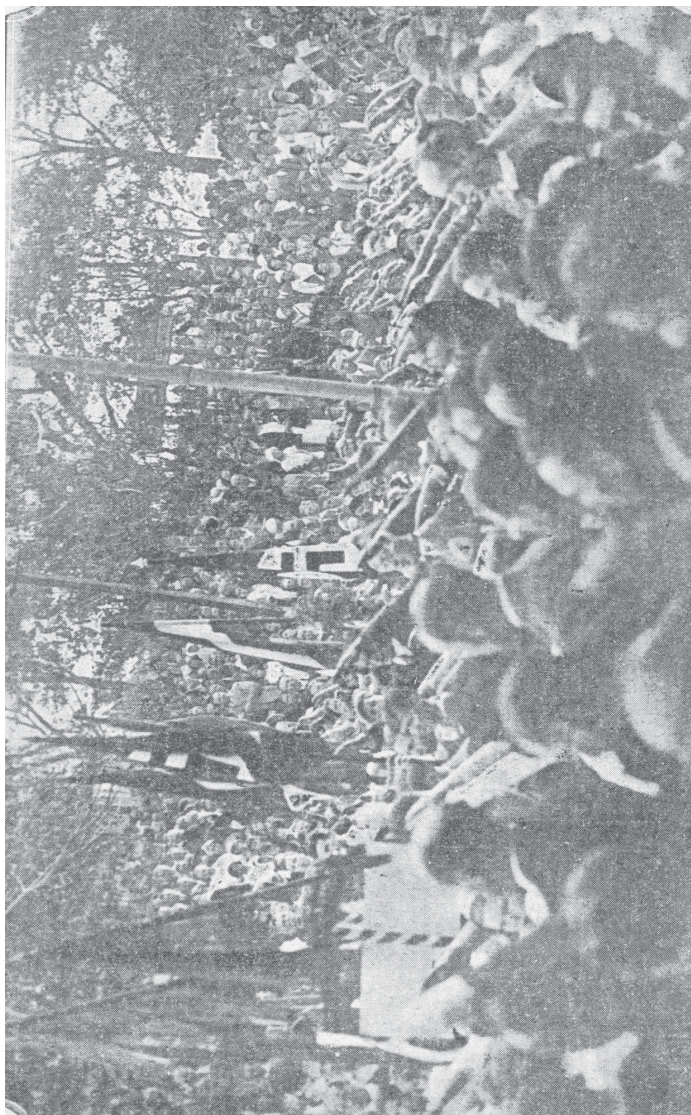


Exposição de São Leopoldo (MHVSL)



Cartão Postal de São Leopoldo em 1934 (MHVSL)

Anexo D - 25 de Julho no *Turnerbund* em 1934



Correio do Povo, Porto Alegre, 26 de Julho de 1934. (MHVSL)

Anexo E - Projeto de Lei



Fonte: Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Anexo F - Casa da Feitoria



Antes da reforma da década de 1940 (MHVSL)



Depois da reforma (MHVSL)

Anexo G - Alegoria



Correio de São Leopoldo, São Leopoldo, 1º de setembro de 1946. (MHVSL)

Anexo H - São Leopoldo Turístico



Fonte: Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Anexo I - Projeto Lei - Feriado Nacional



INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

Of. nº
INIC -

2002

RIO DE JANEIRO D. F.

Em 3 de março de 1957.

Excelentíssimo Senhor Deputado:

Tomando conhecimento pela imprensa de que Vossa Excelência acaba de encaminhar projeto de lei visando comemorar a chegada dos primeiros imigrantes no país, venho inicialmente congratular-me com o eminente patricício pela feliz iniciativa.

2. Como, todavia, este órgão encaminhou em fevereiro último, ao Sr. Presidente da República, exposição de motivos acompanhada de projeto semelhante, apresso-me em levar o assunto ao seu conhecimento para que a idéia não venha a sofrer tramitação diversa e prejudicial à sua concretização, uma vez que tanto Vossa Excelência quanto o Instituto acham-se animados dos mesmos propósitos.

3. A fim de colocar Vossa Excelência a par do trabalho realizado pelo Instituto, tenho a honra de anexar ao presente a documentação referente ao assunto, aguardando com muita satisfação o seu valioso pronunciamento a respeito.

Sirvo-me da oportunidade para enviar a Vossa Excelência protestos de elevada estima e distinta consideração.

Fernando Ramos de Alencar
(Presidente)

Ao Excelentíssimo Senhor
Deputado Nestor Pereira,
Câmara dos Deputados
NESTA.



INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1957.

DIA DO IMIGRANTE

Exmo. Sr. Ministro:

1. Como é do conhecimento de V.Excia. periódicamente se lê na imprensa do país que um Estado da Federação está comemorando ou vai comemorar, em determinada época, o "Dia do Imigrante", ou o "Dia do Colono", datas que se atribuem à chegada, naquela província, dos pioneiros estrangeiros ou primeiros imigrantes, desta ou daquela nacionalidade.

As referidas efemérides refletem, de fato, o acontecimento de caráter regional e são muitas vezes oficializadas pelos respectivos governos estaduais, sem que, todavia, o governo central tenha se pronunciado a respeito.

2. Conhecemos, especificamente, as festividades que se realizam no Rio Grande do Sul comemorativas da chegada, àquele Estado, dos primeiros colonos alemães, denominadas "Dia do Colo-

Exmo. Sr. Dr. Mario Meneghetti

DD. Ministro da Agricultura

NESTA



INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

no", assim como estamos a par do "Dia Universal do Imigrante", festejado principalmente pela colônia portuguesa radicada no Brasil, de crença religiosa. Esta data foi, aliás, criada pela Igreja Católica, por meio de Encíclica Papal denominada "Exsul Familiae", com caráter eminentemente religioso e de âmbito universal, estendendo-se tanto a imigrantes quanto a refugiados da Europa.

Em São Paulo comemora-se igualmente, a 20 de Janeiro, o "Dia do Imigrante Italiano", também sob os auspícios da Igreja, e em memória a Monsenhor Giovanni Scalabrini, pioneiro da assistência ao imigrante italiano, no Brasil.

3. Como é fácil de compreender-se a denominação "Dia do Imigrante" está sendo usada indiscriminadamente em diferentes regiões do país e sob critérios e concepções diversas, sem que os governos passados tenham se preocupado com o assunto.

Sendo o Brasil país eminentemente imigrantista desde o descobrimento, e cujo progresso tem sido impulsionado pela influência estrangeira em quase todos os setores da atividade humana, especialmente no cultural e no econômico, seus governantes nada fizeram todavia, no sentido de proclamar aqueles fatos e assinalar o reconhecimento da Nação ao



INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

imigrante anônimo por meio de um ato oficial, de caráter nacional, e da competência exclusiva do Presidente da República.

4. Partindo deste princípio, e com o objetivo de concretizar a idéia da criação do "Dia do Imigrante" como tributo da Nação ao pioneiro alienígena e sua permanente colaboração para a prosperidade e os triunfos da civilização brasileira, o Instituto cometeu aos seus órgãos competentes a tarefa de investigar nas fontes indicadas a data precisa e oficial da chegada ao Brasil da primeira imigração dirigida. Esta tarefa consistiu no exame de dados e informações fornecidas por historiadores brasileiros e na pesquisa de documentos históricos e oficiais existentes nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico Nacional.

Comparados os elementos e as narrativas fornecidas pelos historiadores constatou-se que não coincidiam mas, ao contrário, divergiam em alguns pontos considerados essenciais ao esclarecimento do problema e, portanto, à fixação da data histórica que buscávamos.

Desprezados estes elementos apela-
mos para a documentação existente no Instituto Histórico e Geográfico Nacional que gentilmente foi posta a nossa disposição, e entre vários documentos compulsados localizamos um que nos parece determinar irrefutavelmente a época da chegada dos primeiros imigrantes mandados vir da Suíça por Sua Magestade Dom João VI. Trata-se da "Gazeta do Rio de Janeiro", edição de 6 de Novembro de 1819,



INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

Órgão oficial da Côrte, que traz no frontispício as armas da Corôa. E para a comprovação do fato foi anexada à presente Exposição de Motivos uma fotocópia do citado documento.

5. Antes de completar a nossa argumentação em favor do documento considerado essencial aos objetivos desta Exposição necessário se torna esclarecer a V.Excia. que no decorrer dos trabalhos da presente pesquisa foram encontrados outros dados históricos referentes a vinda anterior de colonos açorianos para o Brasil na qualidade de imigrantes, segundo o conceito de alguns legisladores e tratadistas da época. Todavia, dentro da verdadeira conceituação de imigração dirigida, ou na acepção do termo, não podemos aceitar açorianos como imigrantes ou estrangeiros por que açorianos são portugueses. Portugueses foram os descobridores do Brasil e portugueses os povoadores e governantes da colônia. Fundamentados nêstes princípios entendemos, portanto, que estrangeiros efetivamente aportados ao solo brasileiro, por ordem de Sua Magestade, para colonizar o "agradavel e fertilissimo terreno da "Nova-Friburgo", ou melhor, os verdadeiros primeiros imigrantes dirigidos chegados ao Brasil; foram aqueles 197 suíços de que dá conta o documento incluso, evento que se verificou no dia 4 de Novembro de 1819!

Nestas condições, afigura-se-nos que o "Dia do Imigrante" deve ser comemorado em todo o território nacional a 4 de Novembro de cada ano.



INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

Com este objetivo, e em obediência à Lei nº 2163, de 5 de Janeiro de 1954, tenho a honra de submeter a exame e julgamento de V.Excia. o projeto de Lei incluso para aprovação do Congresso Nacional e sanção do Exmo. Sr. Presidente da República. Esta Lei não impedirá que os Estados, instituições religiosas e entidades privadas, mantenham suas tradicionais comemorações a este ou àquele acontecimento ligado ao problema da imigração. Visa apenas legalizar o uso da denominação "Dia do Imigrante" que entendemos privativo do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, na forma da competente legislação.

(ASS) Fernando Ramos de Alencar
(Presidente)

NOTA: A presente Exposição de Motivos foi enviada ao Sr. Ministro da Agricultura pelo Ofício nº 1098, de 25 de fevereiro de 1957.



INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

GAZETA DO RIO DE JANEIRO Nº 89

SÁBADO 6 DE NOVEMBRO DE 1819

Impressão Réria

No dia 4 de Novembro de 1819, entrou no porto do Rio de Janeiro a Galera Hamburgueza, Daphne, vinda de Rotherdam com a mui breve viagem de 47 dias e conduzindo 197 suíços dos que Sua Majestade houve por bem mandar vir para Colonos do agradável e fertilíssimo terreno da Nova Friburgo em Morro Queimado, no distrito de Vila de S. Pedro de Cantagalo, com as mais sábias liberaes providências.

Além destes, vieram espontâneamente 26 suíços na Galera Franceza, Constância, chegada no mesmo dia de Havre de Grace.

Notícias Marítimas

Entradas: (5ª feira)

4 de Novembro de 1819 - Rotherdam (47 dias);
G. Hamb. Daphne, M. Adolph. Cohles, - colonos
suíços.

Roswithia Weber

Professora na Universidade Feevale em Novo Hamburgo/RS e doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desenvolve pesquisas relacionadas à identidade étnica, relações interétnicas e processos de construção da identidade local de municípios do Rio Grande do Sul.

E-mail: roswithia@feevale.br

"Alvoradas festivas, soar de sinos, romarias, inaugurações, cidade embandeirada e iluminada, feriados decretados, comemorações ora exaltadas ora comedidas, tochas a percorrer a cidade, desfiles, discursos... acabam por chamar a atenção. Nos 25 de julho, todos os anos, a cidade ganha uma coloração especial."

